UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARCELA CAVALLARI AUGUSTO

Um estudo teórico sobre Psicanálise e Gênero: articulações a partir da teoria da sexualidade freudiana

MARCELA CAVALLARI AUGUSTO

Um estudo teórico sobre Psicanálise e Gênero: articulações a partir da teoria da sexualidade freudiana

(Versão Corrigida)

Dissertação apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Titular Isabel Cristina Gomes

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação Biblioteca Dante Moreira Leite Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cavallari, Marcela Augusto

Um estudo teórico sobre Psicanálise e Gênero: articulações a partir da teoria da sexualidade freudiana / Marcela Augusto Cavallari ; orientadora Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo, 2019.

96 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Sexualidade. 2. Gênero. 3. Identidade de Gênero. 4. Psicanálise. 5. Freud. I. Gomes, Isabel Cristina, orient. II. Título.

Nome: Marcela Cavallari Augusto Título: Um estudo teórico sobre Psicanálise e Gênero: articulações a partir da teoria da sexualidade freudiana Dissertação apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Aprovado em: Banca Examinadora Prof^aDr^a_____ Instituição: Assinatura: Instituição: Assinatura: Prof^aDr^a Instituição: Assinatura:

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe e ao meu pai, sem os quais meus caminhos em busca de conhecimento nunca teriam sido possíveis, me ensinando a todo instante que uma árvore só se sustenta porque tem raízes.

À querida professora e amiga Danielly Passos, sem a qual eu não teria conseguido elaborar meu projeto de pesquisa, nem ter a cara e a coragem para me candidatar a aluna especial, me aproximando então da USP. Você é uma inspiração de mulher, mãe e pesquisadora do século XXI. Obrigada, obrigada e obrigada.

À minha orientadora Profa. Titular Isabel Cristina Gomes, pela acolhida no Laboratório de Casal e Família da USP (LABCAFAM) e por me permitir desenvolver as ideias. Às colegas da pós e do laboratório, Flávia, Natália, Carine, Brunella, Bia, Michele, e outras tantas pelas trocas e apoio moral.

À Profa. Dra. Maria Inês Assumpção Fernandes pela leitura cuidadosa na banca de qualificação e pelo ensinamento de que uma pesquisa, como uma árvore, precisa de poda para dar bons frutos.

Às minhas irmãs de alma, Júlia e Luiza, que sempre me fazem voltar dois passos para refletir criticamente sobre as grandes questões do mundo, da sociedade e do ser. Ao querido Chico Morais, pelos diálogos, criações e tradução. E à todas e todos tantos amigas e amigos, que tenho a sorte de ter.

Ao meu companheiro, Richard, por me trazer sensibilidade e conforto nos momentos difíceis, além das discussões infindáveis de assuntos das mais variadas ordens. Obrigada por pensar comigo nessa vida.

Ao meu pequeno filho, Theo, que veio como um terremoto no meio da dissertação para me dizer que é preciso gritar mais alto contra todas as formas de violência e injustiça, principalmente na política de direitos das mulheres. Desejo que você seja feliz do jeito que quiser ser e que saiba respeitar uma mulher, um homem, uma pessoa trans, do jeito que quiserem ser também.

Ao Universo, Grande-Mistério, Deus, Buda, Tupã, Iemanjá, e todas as forças que acredito e que aqui me ajudaram a chegar. Eu agradeço!

RESUMO

A descoberta freudiana sobre os aspectos do desenvolvimento da sexualidade infantil, apresentada sobretudo no artigo Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade de 1905, atravessou a passagem dos séculos, trazendo à tona uma discussão que anteriormente pertencia ao território das ciências médicas e da educação sexual. Ao desvelar o caráter perverso e polimorfo da sexualidade infantil, levantou questões que foram incômodas, para a moral burguesa vienense, resultando em acusações de que a psicanálise apresentava um caráter de pansexualismo e pornografia. Ainda assim, a Sexualtheory ganhou adeptos, indo contra a "pedagogia negra" que se prestava a reprimir as manifestações da sexualidade. A teoria da sexualidade freudiana deixou como legado uma série de pressupostos sobre os fatores atuantes no desenvolvimento da sexualidade, como os conceitos de pulsão, zonas erógenas, disposição bissexual. No entanto, ao tentar elaborar as possíveis causas etiológicas das psiconeuroses e suas diferenças entre o menino e a menina associadas ao Complexo de Édipo, Freud deixou marcada em sua teoria um desvio biologizante sobre as diferenças da identidade sexual no menino e na menina, que no embate com as ciências sociais e os movimentos feministas suscitou inúmeras críticas. Diferentes movimentos sociais, como o feminismo e a luta pelos direitos LGBTTQ+ contribuíram no deslocamento de papéis sociais de gênero que perpetuavam uma norma binarista e heteromorfa. Pensadoras feministas importantes, desde Simone de Beauvoir até Judith Butler, além de muitas outras, compõem um movimento de reflexão crítica sobre as categorias identitárias "homem" e "mulher". O conceito de gênero passou a ser empregado na tentativa de desnaturalizar a diferença entre os sexos, tratando-se de compreender o gênero enquanto um fenômeno socialmente construído, para além do biológico. A identidade de gênero é então estabelecida de maneira descontínua, fluída, onde sexo, gênero e desejo não necessariamente estão em consonância, como nos casos dos transgêneros, travestis, transexuais e gêneros não-binários. Tais fenômenos adentram na psicanálise de uma maneira emergente, tanto por conta das discussões científicas e acadêmicas, quanto pela chegada desses sujeitos à clínica. Dentro deste recorte adotou-se como objetivo desta pesquisa investigar os principais conceitos da teoria da sexualidade freudiana e as ampliações da mesma realizada em Laplanche, autor que discute as noções voltadas ao desenvolvimento da sexualidade, identidade de gênero e gênero, à luz da contemporaneidade. Para tal, realizou-se uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, onde as obras selecionadas para compor a leitura se deu de modo não sistemático, mantendo-se os limites da pesquisa. As articulações expostas permitem um panorama sobre o lugar da psicanálise hoje neste debate, enquanto teoria e enquanto técnica de tratamento, reafirmando que a medida em que se ocupa dos fenômenos subjetivos e intersubjetivos, pode estar a serviço como um aparato de resistência frente a normatização dos sexos e do gênero, pois oferece para seus sujeitos o espaço da escuta livre, dando voz ao emergente e aos deslocamentos que vão sendo promovidos na clínica com as transformações sociais.

Palayras-chave: Psicanálise. Gênero. Sexualidade. Identidade de Gênero.

ABSTRACT

The Freudian discovery on the aspects of the development of infantile sexuality, presented especially in the article Three Essays on the Theory of Sexuality of 1905, crossed centuries, bringing to light a discussion that previously belonged to the territory of medical sciences and sex education. By unveiling the perverse and polymorphic character of infantile sexuality, it raised questions that were troubling to Viennese bourgeois morals, resulting in accusations that psychoanalysis was pan-sexual and pornographic in character. Still, Sexualtheory gained supporters, going against the "black pedagogy" that was used to repressing the manifestations of sexuality. Freud's theory of sexuality left behind a series of assumptions about the factors acting on the development of sexuality, such as the concepts of drive, erogenous zones and bisexual disposition. However, attempting to elaborate on the possible etiological causes of psychoneuroses and their differences between boys and girls in their crossing of the Oedipus Complex, Freud marked in his theory a biologizing deviation about the differences in sexual identity in boys and girls, which in the clash with the social sciences and feminist movements has aroused much criticism. Different social movements, such as feminism and the struggle for LGBTTQ + rights, contributed to the displacement of gender social roles that perpetuated a binary and heteromorphic norm. Leading feminist thinkers, from Simone de Beauvoir to Judith Butler, among many others, make up a critical reflection movement on the identity categories 'man' and 'woman'. The concept of gender began to be used in an attempt to denaturalize the difference between the sexes, trying to understand gender as a socially constructed phenomenon, beyond the biological one. Gender identity is then established in a discontinuous, fluid manner where sex, gender and desire are not necessarily in line, as in the case of transgenders, transvestites, transsexuals and non-binary genders. Such phenomena enter into psychoanalysis in an emerging way, both due to scientific and academic discussions, and the arrival of these subjects to the clinic. Within this framework, the objective of this research was to investigate the main concepts of Freud's Theory of Sexuality and their extensions in Laplanche, an author who discusses the concepts focused on the development of sexuality, gender identity and gender in the light of contemporary times. Therefore, an exploratory bibliographic review was carried out, in which the selected works composed the reading in a non-systematic way but maintaining the research limits. The exposed articulation allow an overview of the place of Psychoanalysis today in this debate, as a theory and as an intervention technique, reaffirming that because it deals with subjective and intersubjective phenomena it may be at the service of an apparatus of resistance to the normatization of gender and sexes, as it is offered to its subjects a space of free listening, especially to the emergent voices and to the displacements that are being promoted in the clinic with its social transformations.

Keywords: Psychoanalysis. Gender. Sexuality. Gender Identity.

SUMÁRIO

1.APRESENTAÇÃO	10		
2.INTRODUÇÃO	19 19		
		6.PRIMÓRDIOS DO CONCEITO DE GÊNERO: A construção social e	e seu
		impacto na psicanálise	22
		 6.1 A onda feminista e a psicanálise 7. PSICANÁLISE, SEXUALIDADE E GÊNERO 7.1 O impacto do discurso freudiano nas ciências 7.2 Retornando a Freud- mais uma vez? 7.3 O desenvolvimento psicossexual 	
35			
40			
42			
7.4 Masculinidade e Feminilidade	49		
7.5 Sexualidade e Mal-Estar	53		
7.6 Psicanálise e Gênero.	55		
8. AMPLIAÇÕES DA TEORIA DA SEXUALIDADE FREUDIANA	EM		
LAPLANCHE	63		
8.1 O conceito de Pulsão (<i>Trieb</i>) e Instinto (<i>Instinkt</i>)	64		
8.2 A Sedução Generalizada			
8.3 O Sexual Ampliado	70		
9. DISCUSSÃO	77		
10.CONSIDERAÇÕES FINAIS	88		
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92		

```
De Olho na Linguagem- Sexa
                                                                       — Pai
                                                                   – Hmmm?
                                               — Como é o feminino de sexo?
                                                                    — O quê?
                                                       — O feminino de sexo.
                                                                  — Não tem.
                                                     – Sexo não tem feminino?
                                                                      — Não.
                                                     – Só tem sexo masculino?
                — É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
                                              — E como é o feminino de sexo?
                                — Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
                  — Mas tu mesmo disseste que tem sexo masculino e feminino.
 — O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina. O sexo
                                                   masculino, o sexo feminino.
                                                     — Não devia ser "a sexá"?
                                                                      - Não.
                                                              - Por que não?
             — Por que não! Desculpe. Por que não. "Sexo" é sempre masculino.
                                             — O sexo da mulher é masculino?
                                      — É. Não! O sexo da mulher é feminino.
                                                       — E como é o feminino?
                                          — Sexo mesmo. Igual ao do homem.
                                    — O sexo da mulher é igual ao do homem?
            — É. Quer dizer... Olha aqui. Tem o sexo masculino feminino, certo?
                                                                    — Certo.
                                                 — São duas coisas diferentes.
                                          — Então como é o feminino de sexo?
                                                      — É igual ao masculino.
                                                    — Mas não são diferentes?
— Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
                           — Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
                                                     — A palavra é masculina.
               — Não. "A palavra" é feminino. Se fosse masculina seria "o pal..."
                                                    — Chega! Vai brincar, vai.
                                     O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:
                                        — Temos que ficar de olho nesse guri...
                                                                  — Por quê?
                                                    Ele só pensa em gramática.
```

Luiz Fernando Veríssimo (2001)

1. APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos viemos acompanhando nas mídias uma grande repercussão a respeito das questões ligadas ao gênero. No âmbito social as notícias circularam em torno dos grandes movimentos de visibilidade da comunidade LGBTTQ+, que trouxeram à luz dados alarmantes sobre o número de vítimas decorrentes da homofobia e da transfobia, estando o Brasil na lista dos países com maior número de mortes de travestis e transexuais. No âmbito político, a reivindicação pelo uso do nome social e a tramitação da PLC 122/06, apresentada em 2006, na proposta de criminalizar preconceitos motivados pela orientação sexual e identidade de gênero, ocuparam o centro da discussão, sobretudo, após seu arquivamento em 2017. Somente em junho de 2019 o STF decidiu enquadrar homofobia e transfobia no crime de racismo até que o Congresso aprove lei sobre o tema. O que tornou o Brasil o 43º país a criminalizar as práticas, ainda que em pleno vigor de um regime conservador. O SUS também foi incluído neste debate, pois houve um aumento nos pedidos de cirurgia de redesignação sexual, ao passo que em todo país existem apenas cinco unidades habilitadas a realizar este tipo de procedimento de alta complexidade. A educação por sua vez, esteve presente em um polêmico debate sobre "Ideologia de Gênero". Toda essa mobilização aqueceu a produção acadêmica a respeito do que vem sendo entendido por gênero em todos os campos do saber: medicina, antropologia, sociologia, filosofia, pedagogia, psicologia e psicanálise.

Na medida em que pude acompanhar a propagação do debate acima, até a chegada da primeira paciente transgênero em meu consultório, fui tecendo um emaranhado de inquietações, hipóteses e tentativas de delinear uma pesquisa que desse conta de algumas reflexões. Tomando contato com a literatura que tratava da temática do gênero, principalmente as feministas e alguns outros autores da sociologia, tive a impressão de que a psicanálise estaria um pouco à margem dessa discussão, sofrendo inclusive severas críticas justificadas pela influência de um modelo binarista, misógino e heteromorfo que se retratou na obra de Freud. Ainda assim, me parecia impossível "des(ler)" Freud, isto porque minha aproximação com seus escritos vinha desde antes mesmo da graduação e sempre me fascinaram.

Os *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905), me parecia um texto tão esclarecedor ao retratar o caráter perverso polimorfo do desenvolvimento da sexualidade infantil, além de outros conceitos fundamentais como pulsão e instinto,

que ao relê-los a partir dessa nova perspectiva, das questões de gênero, me pareceu pertinente. E, apesar de também entrar em contato com produções mais recentes da psicanálise, ainda assim optei por fazer um retorno à Freud, em busca de tentar compreender o papel da teoria da sexualidade freudiana neste cenário. Isto porque ela trouxe em si a genialidade de desmistificar para uma sociedade conservadora os tabus em torno da sexualidade e recentralizá-la no cerne da experiência humana. Por sua vez, a metapsicologia proposta pelo autor para abordar o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil com todos os seus alvos, fontes, metas e pulsões, fornece uma base para o entendimento de sua constituição e suas decorrências.

Evidentemente, essa escolha não se deu sem dificuldades, atravessei momentos de grande confusão e angústia ao lembrar dos limites e alcances de uma dissertação de mestrado. Seria possível dar conta de um tema tão complexo e basal na teoria freudiana? Além disso, a teoria da sexualidade freudiana encontra-se espalhada ao longo de toda sua obra, reformulando-se algumas das suas hipóteses iniciais, o que exige ainda mais fôlego para as leituras. Mesmo assim, traçar um panorama geral dessa temática, permite reconhecer o quanto Freud esteve em franco diálogo com o seu tempo, e, sobretudo com o campo das ciências sociais, após a entrada das mulheres feministas na psicanálise.

Entender o contexto científico em que foram feitas as elaborações freudianas foi fundamental para podermos realizar as articulações que proporemos nesta dissertação. Quando Freud realizou seu esboço do que somente depois viria a se tornar a psicanálise tal qual a conhecemos e praticamos, estava preocupado em validá-la no campo das ciências naturais, tentando garantir a ela um lugar no discurso médico com a edificação de um método de tratamento para as afecções mentais. Ao passo que suas constatações avançavam, sobretudo em relação a noção de inconsciente, e também da sexualidade, houve uma derrocada de sua parte em relação ao cientificismo que na época adotava os paradigmas neopositivistas. Tal engodo sobre o lugar da psicanálise dentro do discurso das ciências naturais se estende até discussões mais recentes, sobretudo com a eminência dos discursos da neurobiologia e do cognitivismo. No entanto, ao abandonar tal compromisso com a ciência clássica, Freud ampliou os limites da própria psicanálise e permitiu que ela fosse adotada também enquanto um método de investigação da experiência humana. Tanto suas produções refletiam diversas discussões que faziam fronteira com o campo das ciências sociais, que em textos como Totem e Tabu (1913), O Futuro de Uma Ilusão (1927) e Mal-Estar na

Civilização (1930), nota-se um Freud mais preocupado em produzir uma psicanálise à prova do social (BIRMAN, 1998).

As reinvindicações pelos espaços das mulheres no campo político, econômico, social e emancipatório iniciadas no século XIX, e que seguem como uma luta inacabada, promoveram mudanças significativas do papel da mulher na sociedade. Se antes castradas por um modelo binarista e machista, onde eram confinadas aos espaços doméstico e da família, a luta pelos seus direitos apropriou-as um pouco mais de suas escolhas, seus corpos e sua sexualidade (apesar da igualdade de gênero estar ainda longe de ser alcançada e a mulher continuar a ser reiteradamente alvo das mais diversas violências).

Todo esse movimento teve um impacto importante na psicanálise, pois colocou em questão a temática da sexualidade feminina que havia sido proposta por Freud, absolutamente permeada pelos valores da moral de seu tempo. Muitas mulheres que adentraram na psicanálise teceram críticas abertas a Freud, entre elas Karen Horney, que propôs a criação de uma psicologia feminista contrapondo a teoria da inveja do pênis. Ainda que ele tenha tentado realizar uma reparação em textos mais tardios, como a Sexualidade Feminina (1931) e a Conferência XXIII: Feminilidade (1933), restou uma dívida histórica quanto ao lugar da mulher na psicanálise. Dívida esta que me inquietou profundamente enquanto mulher, do século XXI, psicanalista, muito permeada por questões relativas ao feminino (e ao meu feminino). Como a teoria freudiana, inaugurada com os estudos sobre a histeria- antes relacionada a afecções no útero- poderia ser tão arbitrária, refletindo o contexto que estava circunscrita, e ao mesmo tempo tão genial e libertadora quanto ao aspecto mais polimorfo da sexualidade? Mesmo que as interlocuções entre psicanálise e feminismo sejam permeadas de tensionamentos, são extremamente importantes para repensarmos o lugar da psicanálise hoje no processo de emancipação da mulher e dentro de um cenário político de transformação das relações entre sexo e gênero.

A questão do desenvolvimento da identidade sexual na teoria freudiana, refletiu um modelo binarista da divisão dos papéis sexuais desempenhados no século XIX, ainda bastante atrelados à biologia, onde o menino seria o herdeiro do falo simbólico de poder e status, e a menina carregaria a marca da castração e da passividade em seu próprio corpo. Ainda assim, Freud argumentava que em sua origem o desenvolvimento sexual carregava uma predisposição bissexual e um caráter perverso polimorfo. Em algumas passagens o autor afirmou que não havia um padrão

quanto ao curso da sexualidade e da identidade sexual, pois eles estavam condicionados à uma série de fatores intrapsíquicos e da história familiar do sujeito. Desse modo, ainda que ele não tenha abordado diretamente o conceito de gênero, poderíamos correlacionar partes do processo de desenvolvimento da identidade sexual com o de uma identidade de gênero?

A fim de buscar nas bases teóricas da psicanálise fundamentos para avançarmos nessa questão, ao nos dedicarmos à leitura do livro Sexual: a Sexualidade Ampliada no Sentido Freudiano (2016) no Laboratório de Casal e Família da USP (LABCAFAM), coordenado pela Profa. Titular Isabel Cristina Gomes, encontramos na proposta de Jean Laplanche- um dos maiores leitores de Freud- alguns avanços em relação a teoria da sexualidade freudiana, na qual destaca suas contribuições e sua importância para o entendimento desse aspecto central na experiência do sujeito. Ao retornar à teoria da sedução proposta por Freud, Laplanche propôs que o desenvolvimento da sexualidade está atrelado à uma experiência antropológica fundamental da qual todos os seres da espécie humana estão sujeitos, ou seja, a própria relação entre o adulto e a criança. A partir de mensagens que são transmitidas via inconsciente nesta relação, começa-se a se formar o que chamou da tríade: sexogênero-Sexual, que contém em si parte dos códigos que mais adiante desembocam na identidade do sujeito. Desse modo, não somente ele retoma parte fundamental das premissas deixadas pelo legado freudiano, mas também coloca a sexualidade no centro do psiquismo, numa perspectiva relacional da qual nenhum de nós escapamos.

Somente após caminhar por todas essas leituras, pude traçar um horizonte do que representa a teoria da sexualidade freudiana hoje, na tentativa de situá-la dentro do contexto atual das problemáticas de gênero. Ainda que restem arestas, muitas delas decorrentes também das transformações histórico-culturais que acompanham este debate, a psicanálise contribui na medida em que devolve ao sujeito aquilo que há de mais intrínseco em sua constituição, ou seja, a própria sexualidade. E, mesmo que os regimes conservadores insistam em dominar o modo como os indivíduos vivenciam seus corpos, seus desejos e suas identidades, a prática psicanalítica baseada na escuta livre da subjetividade e do inconsciente- esta sim um dos maiores legados de Freudpode representar um espaço de resistência contra o construcionismo social com seus tabus e interditos. Ao menos nas minhas construções dentro desse vértice, parece-me que resta à psicanálise um compromisso teórico, ético e clínico, em romper com os modelos heteromorfos que atrelam a natureza da sexualidade humana à reprodução e

ao binarismo dos papéis de gênero, acolhendo então vários modos de ser, de amar, de desejar, e de se relacionar com o outro e com seu próprio corpo.

2. INTRODUÇÃO

Foucault, em mais uma de suas revisões críticas sobre o caminhar da história da humanidade, em *História da Sexualidade* (1976/2001) faz questionamentos contundentes a respeito do discurso sexual e de seus alcances sobre os indivíduos. Ele afirma que as regulações e as interdições sociais da sexualidade, estão relacionadas à repressão, à moral e aos valores cristãos em conformidade com o sistema capitalista. A sexualidade converte-se num aparato de controle dessa engrenagem, tendo em vista a necessidade de economizar nos prazeres para garantir a produtividade e o nível de poder dos governos mercantis, natalistas ou antinatalistas, sobre suas populações. Surge na modernidade um novo discurso sobre a opressão do sexo, adquirindo no Ocidente uma forma de pregação, modificando a economia no real para lucrar com aquilo que do sexo é negado (FOUCAULT, 1976/2001).

O dispositivo familiar, por seu caráter heteromorfo em relação aos outros mecanismos de poder, serviria de suporte para um controle malthusiano dos povos vinculado à medicalização do sexo e à psiquiatrização de suas formas não genitais. Foucault tece ainda uma crítica à psicanálise, afirmando que, apesar dela se sustentar em uma teoria do sexual, estaria circunscrita pela prescrição e pela prudência médica, conformando-se, assim, às funções de normalização. Para Foucault, a psicanálise encontrava-se situada sob o vértice do mecanismo moderno de interdição, inexistência e mutismo, funcionando também como um confessionário para as questões ligadas à sexualidade que eram negadas. A histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso estariam relacionados ao dispositivo da aliança, o qual articula os parceiros sexuais de acordo com as disposições móveis, polimorfas e conjunturais de poder (FOUCAULT, 1976/2001)

Essa teorização de Foucault serviu como ponto de partida para estudiosos importantes da Teoria Queer, amplamente divulgada nos Estados Unidos no final dos anos 80. Sendo o resultado dos encontros entre uma corrente da filosofia e dos estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, a teoria Queer problematizou as concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação

(MISKOLCI,2009). De acordo com o sociólogo Steven Seidman, queer seria o estudo "daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a sociedade como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais" (SEIDMAN, 1996, p.13). Embora a Teoria Queer e a sociologia clássica partam de perspectivas diferentes, ambas buscam compreender a sexualidade como uma construção social (MISKOLCI,2009).

No capítulo **6.** – *Primórdios do conceito de Gênero* - pretendemos contextualizar a construção deste conceito e como o mesmo vem sendo entendido hoje, a fim de estabelecer alguns norteadores centrais para o desenvolvimento desta pesquisa, pois se trata de um conceito amplamente difundido em diferentes campos do saber. Partiremos dos pressupostos de que o conceito de gênero, culturalmente construído, é distinto do sexo biológico, naturalmente adquirido. A relação entre sexo e gênero forma o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender uma desnaturalização do conceito de feminilidade, relacionada à fragilidade e à submissão.

Nesse cenário, sob forte influência das teorias feministas que passaram a questionar alguns conceitos basais de diversos campos do saber, a própria psicanálise foi contestada. Após a segunda onda feminista na década de 60, sobretudo nos Estados Unidos e alguns países da Europa, que pregavam a igualdade de direitos legais, sociais e culturais entre homens e mulheres, iniciou-se uma discussão a respeito das categorias sociais "homem" e "mulher". Joan Scott, estudiosa das questões ligadas ao gênero, afirmava que gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. É, também, um "primeiro modo de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1990, p.5).

Uma das autoras mais expressivas do movimento Queer é a filósofa americana Judith Butler. Para Butler, existe uma forte influência da sexologia sobre a construção da "identidade de gênero", sendo essa mais elaborada socialmente, não necessariamente atrelada ao sexo biológico. Ser "sexuado", portanto, é estar submetido a um conjunto de regulações sociais: normas que criam os sujeitos ao mesmo tempo que instituem uma suposição de coerência entre sexo, gênero, prazeres e desejos (BUTLER, 2003). A forte influência exercida pelas proposições de Butler suscitou diversas investigações acerca da temática do gênero, inicialmente no campo da sociologia, depois na psicologia e na psicanálise. Entretanto, se por um lado Butler

propõe uma inovadora desconstrução, ficam faltando recursos teóricos e práticos para abordar os sujeitos que chegam à clínica psicanalítica com demandas específicas nesse tema. Além disso, a tensão entre a psicanálise e os estudos feministas, sobretudo em relação as proposições freudianas acerca da temática da mulher e do complexo de castração, gerou alguns impasses teóricos que permanecem em aberto. Isto porque, tentar compreender a teoria de Freud como um todo, só é possível levando-se em consideração o contexto histórico e social no qual foi produzida. Desde então, muitas das premissas inicialmente propostas, tiveram que ser revistas à luz das transformações promovidas a partir dos movimentos sociais.

No que se refere à desestabilização dos papéis de gênero, os principais fenômenos que geraram esse movimento de mudança estão vinculados à escolarização das mulheres; à entrada da mulher no mercado do trabalho; à separação entre sexualidade e reprodução; à crise da família nuclear burguesa; e às políticas de visibilidade para as comunidades LGBTTQ+. Mais recentemente, despontam as modificações corporais realizadas por transgêneros, transexuais e intersexuais. Tais fenômenos provocaram deslocamentos importantes nas referências simbólicas organizadoras da sociedade moderna, principalmente a partir da ampliação das fronteiras entre o masculino (público) e o feminino (privado), configurando um novo território para se pensar a diferença sexual (ÁRAN, 2003).

Em relação à inserção do conceito de gênero na psicanálise, destaca-se o trabalho do psiquiatra e psicanalista Robert Jesse Stoller. Este se valeu da teoria freudiana propondo um exame do conceito de bissexualidade e da experiência transexual (STOLLER, 1973). Stoller propôs a noção de "núcleo de identidade de gênero" como um operador central da compreensão da experiência transexual. Para o autor, o núcleo da identidade de gênero designava o sentimento de ser homem ou mulher, estabelecido antes do segundo e terceiro anos de vida. Entretanto, as proposições de Stoller sofreram inúmeras críticas, primeiramente por ter considerado pênis e falo a mesma coisa, apoiando a diferença sexual em um dado biológico, e também por sua teoria se mostrar generalista e insuficiente para abarcar a complexidade do fenômeno da experiência transexual (PERSON; OVESEY,1999).

Apesar dos debates sobre o conceito de gênero terem encontrado território fértil entre os psicanalistas pós-freudianos, sobretudo na escola lacaniana, algumas lacunas referentes ao lugar da psicanálise permanecem em aberto. Isto porque, ainda que as escolas psicanalíticas apresentem avanços e ampliações conceituais, a base da

psicanálise proposta por Freud se baseia na descoberta revolucionária de que o funcionamento psíquico é sexual (KEHL, 1998), neste sentido o retorno à Freud pareceu-nos fundamental para adentrarmos na discussão entre psicanálise e gênero.

Para realizar tais aproximações, o tópico *Psicanálise, Sexualidade e Gênero*, será dedicado a este retorno à alguns conceitos centrais da teoria da sexualidade freudiana, que se sustenta principalmente nas formulações expostas nos *Três Ensaios sobre Sexualidade* (1905). De acordo com essa teoria, é necessário atentar para a sexualidade infantil que, com seu caráter perverso-polimorfo, causa estranheza, ao mesmo tempo em que leva a um questionamento sobre o modo de se conceber a sexualidade humana. O corpo infantil constitui o palco para o afloramento de zonas erógenas. Um corpo carregado de um excesso pulsional. Dessa forma, o ego passa a ter uma gênese libidinal e sexual, uma vez que ele é investido pelo id e precisa armazenar uma quantidade de energia para poder investir libidinalmente os objetos. O estado inicial do ego da criança seria o de uma experiência de plenitude à qual se busca retornar. Uma plenitude decorrente da relação com a mãe-objeto que, ao mesmo tempo que supre as necessidades básicas, inunda o pequeno sujeito de estímulos sensoriais com seus gestos e carícias.

Os conflitos provenientes do choque entre as forças pulsionais e as exigências civilizatórias causa uma mal-estar inerente à condição humana. Em *Moral sexual civilizada e as doenças nervosas* (1908), Freud descreve uma visão acerca do equilíbrio entre o sujeito civilizado e o sujeito da pulsão. Para o autor, o casamento monogâmico implica certas restrições para a vida sexual masculina e feminina havendo uma dupla moral que evidencia a diferença entre os sexos, onde as transgressões masculinas fora do pacto monogâmico impõem "sanções menos severas" do que as transgressões femininas. Ele afirma que uma sociedade que aceita essa moral ambígua, está "longe de alcançar o amor à verdade, à honestidade e à humanidade" (FREUD, 1908/2006, p.169). Desse modo, a moral sexual causa danos para os indivíduos que deverão valer-se do mecanismo da sublimação para utilizar parte de seu instinto sexual recalcado. Ainda assim, parece indispensável para a maioria, certa quantidade de satisfação sexual, podendo em sua ausência sofrer prejuízos funcionais que desembocam em uma doença nervosa (FREUD, 1908/2006).

Para Freud, é no seio da família que o indivíduo inicia seu processo de subjetivação a partir da mais antiga manifestação de ligação afetiva conhecida na psicanálise: a identificação. A identificação desempenha um papel significativo na

pré-história do sujeito e das famílias, sobretudo a partir de uma lógica Inter psíquica, na qual o sujeito sempre será um elo de sua cadeia de origem. Por esse viés, podemos pensar nas questões ligadas ao gênero como elementos de uma trama familiar e social onde masculinidade e feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes, de acordo com o que lhes foi transmitido.

A família conjugal, dita "nuclear", tal como hoje a conhecemos no Ocidente, é fruto da consumação de uma longa evolução. Como aponta Roudinesco, em seu livro A família em desordem, existiriam três grandes períodos na evolução da família: a família "tradicional", a "moderna" e a "contemporânea". A família dita "contemporânea" ou "pós-moderna", que se consolida a partir dos anos 1960, une dois indivíduos que buscam relações íntimas e realização sexual. Nesses casos, a transmissão da autoridade torna-se complexa, uma vez que esses indivíduos se divorciam, se separam e se casam novamente (ROUDINESCO, 2003). Logo, as transformações no interior da família acarretarão mudanças nos modos de transmissão dos papéis de gênero.

Atualmente, existem diferentes modelos de família, e as fronteiras de identidades entre os dois gêneros são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: "mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens, casais sem filhos por opção, produção independente" (FÉRES-CARNEIRO; NEGREIROS, 2004, p.39). Nesse modelo novo, os deveres e os privilégios são compartilhados, os papéis relativos aos cuidados da casa, à criação dos filhos e à economia familiar são desempenhados por ambos os parceiros. Com isso, as novas configurações familiares estão rompendo com uma dimensão maniqueísta e binarista, contribuindo para o estabelecimento de uma nova ótica e de uma nova ética das relações entre homens e mulheres no contexto sócio familiar contemporâneo (FÉRES-CARNEIRO; NEGREIROS, 2004).

Dentre os novos arranjos podemos citar a monoparentalidade por opção, a pluriparentalidade e a homoparentalidade, pautadas pela filiação psíquica independente da égide biológica, onde o vínculo é o fundamento de sua estruturação. O termo "parentalidade" surge em substituição à "paternidade e maternidade", ressaltando a necessidade de se instituir outra lógica que permita compreender a complexidade das relações contemporâneas, a fim de que se possa pensar uma ética que abranja as diversidades dos sujeitos (RODRIGUEZ; GOMES, 2012). Neste

sentido, abordar a temática do gênero é uma tentativa de refletir sobre os fenômenos atuais, que se apresentam em diferentes configurações e estão muito além da heteronormatividade. Dentre eles: as novas constituições subjetivas, as novas conjugalidades e os diversos arranjos familiares. As transformações no interior da família, bem como as transformações sociais que fizeram a passagem para o século XX, colocaram para a psicanálise alguns questionamentos às suas categorias metapsicológicas fundamentais: homem, mulher, Édipo, diferença sexual, falo, simbólico.

Com o intuito de avançar nas elaborações realizadas a partir da sexualidade freudiana, pretendemos apresentar no último tópico teórico, como as ideias encontradas em Laplanche, um dos maiores estudiosos da obra de Freud, nos permitem revisitar a teoria freudiana da sexualidade de uma maneira mais crítica e ampliada. Dentro da rica produção de Laplanche (que nos exigiria um outro estudo dedicado somente a ela), pretendemos destacar sua proposição de que na relação adulto-infans, o inconsciente sexual recalcado do adulto transmite mensagens e funda o inconsciente infantil, registrando na forma dessas mensagens enigmáticas os primeiros traços da experiência sexual que só poderão ser traduzidas pela criança no aprés-coup.

No texto, Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano, Laplanche avança em suas construções teóricas e traz à tona a discussão acerca do confronto entre a teoria psicanalítica e as ciências sociais e a filosofia, propondo uma concepção nova das relações entre o indivíduo e a sociedade, sustentada pela relação entre inconscientes. Nesta obra, que reúne artigos escritos por ele no período dos anos 2000-2006, Laplanche aborda explicitamente a questão do gênero, afirmando que este é plural e estaria relacionado ao que na psicanálise ficou conhecido como identidade sexual. Nesse sentido, ele afirma a existência de uma tríade gênero-sexo-Sexual, sendo o Sexual, um resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo (LAPLANCHE, 2015).

Por fim, pretendemos realizar possíveis articulações teórico-críticas que forneçam bases para se pensar o conceito de gênero na psicanálise hoje, a fim de investigar de que modo a teoria da sexualidade freudiana é capaz de dialogar com os questionamentos provenientes, sobretudo, do campo das ciências sociais.

3. JUSTIFICATIVA

Este estudo tem sua relevância uma vez que nos últimos anos a teoria de gênero tem suscitado diferentes discussões devido à expressividade que adquiriu na cena contemporânea. A partir disso, a psicanálise passa a ser demandada, em seu ponto de vista ético, a dialogar com o sujeito de seu tempo. Entender como a noção de gênero se articula com os conceitos primordiais da psicanálise parece fundamental para que se construa uma base de referência das possíveis articulações teórico-críticas na atualidade. Nesse sentido, esta pesquisa pode servir de fundamento para investigações futuras, sendo elas teóricas, aplicadas ou clínicas na perspectiva de dialogar com a clínica contemporânea e suas novas demandas.

4. OBJETIVOS

Objetivo Geral

1) Investigar as noções centrais que compõem a teoria da sexualidade freudiana e as ampliações propostas por Laplanche, a fim de delinear a compreensão do conceito de gênero nesta perspectiva.

Objetivos Específicos

 Discutir as relações entre os conceitos de sexualidade, identidade de gênero e gênero.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

O objetivo da ciência é produzir novos diálogos na tentativa de explicar o real, bem como os fenômenos que provocam alterações nos sujeitos, através de categorias metodológicas rigorosas. Entretanto, a dificuldade na constituição de um saber científico, se dá por sua implicação na construção de um discurso que também promove efeitos no registro histórico da humanidade. Os debates epistemológicos que vem sendo travados, sobretudo no campo das ciências sociais, vão dando indícios de que o "empreendimento de fazer ciências complexificou-se ao longo do século XX, não porque os fenômenos tenham se tornado mais densos, mas porque o acúmulo de

conhecimentos elevou o nível de descontinuidades epistemológicas dos objetos de ciência" (RODRIGUES; NEVES; DOS ANJOS, 2016, p.22).

Importante salientar que, ao falarmos de psicanálise estamos nos baseando primordialmente no constructo teórico freudiano, assim como os autores centrais escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa também estão alicerçados sobre as mesmas bases, o que nos permite acompanhar a evolução de alguns conceitos. Como afirmou Garcia-Roza (2001, p.16): "Um dos enganos que a meu ver cometemos é o de supor que Freud tenha construído um sistema acabado, perfeitamente coerente, sem falhas, sem fendas, sem hesitações, sem a mínima contradição". Quando abordamos a metapsicologia, retomamos a proposta freudiana de esclarecer e de aprofundar as hipóteses teóricas da psicanálise, tornando possível descrever os processos psíquicos em seus aspectos: dinâmico, tópico e econômico. Apesar da "bruxa da metapsicologia", como apontou Garcia-Roza, ter assombrado por muito tempo os psicanalistas, "é ela que por meios nem sempre muito claros, pelos caminhos da imaginação, possibilita esse passo adiante no sentido da criação, arrancando-nos da pasmaceira do dado e ao mesmo tempo impedindo que o formalismo teórico nos paralise" (GARCIA-ROZA, 2001, p.11).

A hipótese levantada nesta pesquisa é que, retornar à teoria da sexualidade freudiana em sua origem, e considerar as ampliações teóricas propostas por Laplanche, pode fornecer algumas bases para a compreensão dos prenúncios sobre o lugar do conceito de gênero na psicanálise. Realizar essa revisão teórica de uma maneira crítica, abre espaço para possíveis intersecções com o campo das ciências sociais que tanto contribui para as transformações que acompanhamos.

Adotamos aqui o formato de uma revisão narrativa de literatura, por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, o que nos permite ter uma "maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses" (GIL, 1965/2010, p.27). A escolha dos textos se deu de forma não sistemática, guiada pela leitura de artigos, teses, dissertações e livros que tratavam dos temas propostos e que serviram ao longo da dissertação como um suporte para abordarmos uma determinada construção e articulação teórica. Pelo fato de a temática de gênero ser ampla e ter um caráter interdisciplinar, com uma quantidade significativa de produção acadêmica, a revisão de literatura nos possibilitou também traçar um panorama geral do conceito de gênero, abrindo espaço para o diálogo a partir de novas perspectivas. Importante salientar que existe uma produção significativa realizada pela

escola francesa da psicanálise lacaniana acerca do conceito de gênero e de sexuação. No entanto, optamos por excluir esta produção do nosso referencial devido ao recorte teórico que realizamos.

Retornar a Freud ocupa lugar primordial em nosso objetivo geral, por esse motivo selecionamos textos fundamentais das obras completas do autor que estavam relacionados diretamente à teoria da sexualidade. Por se tratar de uma produção ampla, tivemos que selecionar os pontos centrais que respondessem a nossa pergunta, dado os limites da pesquisa. A escolha dos textos de Laplanche também se limitou ao tema de interesse da pesquisa, a fim de explicitar como este importante estudioso do pensamento freudiano propõe uma ampliação sobre alguns conceitos fundamentais. Conforme nos aponta Laplanche em *Novos Fundamentos para a Psicanálise:* "O verdadeiro começo de toda a atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, que depois são reunidos, ordenados e inseridos em relações..." (LAPLANCHE, 1987, p. 12). Apesar de certo grau de indeterminação inicial, após um exame aprofundado dos fenômenos podese chegar a novas proposições que visem promover uma ampliação teórica.

Para Bakhtin (2003), a epistemologia das ciências humanas se baseia na relação dialógica do pesquisador com seu *outro*. Assim, apenas a partir do ato interativo, impregnado dos valores pessoais daquele que pesquisa, e marcado por sua experiência singular, na busca de sentidos para os acontecimentos da vida, é possível que sejam construídas determinadas compreensões do real, ainda que provisórias. Sobre a obra bakhtiniana, Souza e Albuquerque (2012), afirmam que:

O mundo em que vivemos fala de diversas maneiras, e essas vozes formam o cenário onde contracenam a ambiguidade e a contradição, certezas e incertezas. Somente a tensão entre as múltiplas vozes que participam do diálogo da vida pode dar conta da integridade e da complexidade do real (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 115).

De acordo com a filosofia da linguagem, a proposta de uma articulação entre teorias complementares, surge como uma tentativa de preenchimento de pontos lacunares dentro de uma discussão. Os conceitos que serão utilizados nesta dissertação não são entendidos como entidades estáticas, mas como recursos para a produção de outros significados. Conforme aponta González-Rey (2014, p.15): "É nesse processo que um velho conceito abre caminho para um novo que emerge a partir dos limites do valor heurístico do anterior, num processo em que emergem os significados teóricos

produzidos pelo pesquisador sobre o problema estudado". Assim, pretendemos articular alguns conceitos fundamentais da teoria da sexualidade freudiana e o conceito de gênero(considerando os limites desta pesquisa), de modo que a pesquisa possa contribuir para estudos posteriores, sejam eles teóricos, aplicados ou clínicos.

6. PRIMÓRDIOS DO CONCEITO DE GÊNERO: A construção social e seu impacto na psicanálise

Uma diferença importante a ser feita refere-se à terminologia que adotamos neste estudo. Atualmente têm sido utilizadas diferentes nomenclaturas para categorizar gênero. Fala-se hoje em identidade de gênero, gêneros inteligíveis, transgênero, cisgênero, gênero neutro, gênero fluído, gênero não-binário, além de outras categorias que a cada momento são criadas para dar significado ao modo como os sujeitos constroem e vivenciam seus corpos. O conceito clássico de gênero é determinado a partir de um conjunto de traços de personalidade, condutas, sentimentos e valores que diferenciam homens e mulheres (COSSI,2011).

Do latim, gênero vem de *genus* que significa "nascimento", "família", "tipo", adotado como um conceito gramatical de classificação de palavras: dividido entre masculino, feminino e neutro. A partir do século XVIII, gênero passou a ser sinônimo de sexo biológico, criando as bases do que o feminismo tenta desconstruir. O termo gênero passou a ser incluído no meio científico na década de cinquenta, com os estudos de John Money a respeito dos hermafroditas, e posteriormente por Stoller que propôs uma distinção entre os conceitos de identidade de gênero nuclear (que seria o resultado das forças biológicas, da designação do sexo do bebê, da influência da atitude dos pais e do desenvolvimento de um ego corporal) e o conceito de *identidade de gênero* propriamente dita (sendo esta identidade um comportamento psicologicamente motivado), e considerando os elementos da masculinidade e da feminilidade dispersos como em uma trama (STOLLER, 1993). O conceito de identidade de gênero vem sendo empregado atualmente para diferenciar o sexo anatômico e a identidade sexual, uma vez que a identidade de gênero é baseada na convicção que o indivíduo tem de pertencer a um ou a outro sexo, não necessariamente havendo uma coincidência entre ambos.

Algumas feministas americanas começaram a utilizar a palavra Gênero no sentido literal para tentar estabelecer a organização social da relação entre os sexos, buscando resistir ao determinismo biológico da diferença sexual e apontar os

preconceitos estabelecidos a partir dessas categorias. Joan Scott, estudiosa das questões ligadas ao gênero, já afirmava que gênero é um elemento "constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e também é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (SCOTT,1990, p.5). Ela apontava ainda que havia uma diferença imposta na conceituação de gênero; à medida que, muitas vezes, os termos "mulher" e "homem" eram utilizados como categorias homogêneas e sem história, ou sem relação entre si. Para essa autora, o gênero era o que dava significado às distinções entre os sexos, ou seja, "transforma seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, seres sociais" (SCOTT,1990, p.6).

Em *A Dominação Masculina* (1998/2010), Pierre Bordieu abordou as diferenças entre masculino e feminino, afirmando que a dominação do masculino sobre o feminino estaria ligada às formas de classificação com as quais construímos o mundo. Essas formas criam estruturas objetivas e categorias cognitivas que são específicas a cada sociedade. Para Bordieu, a sexualidade constitui uma categoria que se enraíza em uma topologia sexual do corpo socializado, a partir dos seus movimentos e deslocamentos. Para o autor, a divisão entre os sexos também poderia estar ligada à ordem das coisas, incorporada nos corpos e habitus dos agentes. Para Bordieu, o conceito de habitus era entendido como:

...um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65).

É nessa integração entre o mundo social objetivo com suas instituições e normas e o mundo subjetivo- sedimentado na linguagem-, que os sujeitos adotam uma atitude "natural" frente às divisões arbitrárias criadas culturalmente. A começar pela divisão socialmente construída entre os sexos. A ordem social funcionaria como uma imensa máquina simbólica que ratifica, aprisiona e propaga a dominação masculina sobre a qual há muito tempo se alicerça. Segundo Bordieu:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre os corpos masculino e feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como uma justificativa natural de uma diferença socialmente construída entre os gêneros (BORDIEU, 1998/2010, p.20).

A partir dessa construção, podemos pensar que as questões de gênero formulam uma temática que permeia tanto o mundo objetivo quanto o mundo subjetivo, enfatizando o caráter de interdependência entre indivíduo e sociedade. Entretanto, a compreensão de que sexo é definido pela natureza (baseado no corpo orgânico, biológico e genético) e de que o gênero é adquirido pela cultura pode restringir a compreensão das subjetividades e das sexualidades (ÁRAN, 2006). Os questionamentos feitos por Áran contribuem com a nossa discussão:

Dada a violência dessa exclusão inclusiva, algumas questões se colocam: Como se constitui um corpo sexuado, ou mesmo um ego corporal, no que concerne ao estabelecimento de suas fronteiras, contornos e limites espaciais (a projeção de uma superfície ou a imagem especular)? Em que medida os conceitos de identificação e de sexuação na psicanálise estão de tal forma referidos a uma lei estabelecida a priori que acabam por fixar e restringir as manifestações das sexualidades a duas posições normativas: "masculino" e "feminino"? (ÁRAN, 2006, p.58).

Para a psicanálise, a discussão sobre a construção da masculinidade e da feminilidade é ainda hoje objeto de controvérsia entre os teóricos. A questão da diferença sexual havia sido posta por Freud em *Teorias sexuais infantis* de 1908, quando o autor imaginava a chegada de um visitante de outro planeta que se indagaria sobre a existência de dois sexos. Apesar de Freud não ter usado o termo gênero em nenhum momento da sua obra, Laplanche (2003) nos indica que seria pertinente adotar *Geschlecht* como um equivalente para tal definição. Freud vai interpretar a diferença entre os sexos a partir de um dado anatômico, qual seja: a oposição entre a presença de pênis/ausência de pênis, fálico/castrado. Oposição esta que posteriormente foi usada pelo feminismo como uma forma de acusação por Freud ter criado uma teoria biologicista. Devido a tais influências conceituais entre diferentes campos do saber, é preciso compreender os efeitos da entrada do conceito de gênero, tal qual proposto pela sociologia e pelos movimentos feministas, para a psicanálise.

6.1 A ONDA FEMINISTA E A PSICANÁLISE

"Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre" (Simone de Beauvoir)

O movimento feminista é dividido no meio acadêmico em três ondas principais: a primeira delas relacionada ao sufrágio universal, iniciada no final do século XIX, sobretudo nos Estados Unidos e alguns países da Europa. Essa onda foi seguida por uma segunda onda, marcada pelos movimentos ativistas da década de 1960, os quais pregavam a igualdade de direitos legais, sociais e culturais. Por fim, a terceira onda pode ser considerada uma continuação da segunda e vem se intensificando até hoje.

Simone de Beauvoir foi uma pensadora expressiva na luta feminista. Em 1949, publicou a obra O Segundo Sexo, onde analisou a situação da mulher a partir de uma lógica marxista e existencialista. Beauvoir questionava a posição da mulher inserida no que chamava de "teoria do eterno feminino". A referida autora buscava conceitos biológicos, filosóficos, religiosos, legislatórios e do próprio senso comum, para definir o que era ser uma mulher. Beauvoir afirmava logo na introdução do primeiro volume que: "Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade" (BEAUVOIR, 1949/2016, p.1). Ela enfatizava que a mulher se definia não enquanto um ser autônomo, mas a partir da sua relação com o homem. Uma vez que desde os primórdios é o homem quem a determina. Usando afirmações ancoradas no campo da fisiologia, Beauvoir dizia que o corpo feminino também era um dos elementos essenciais para se compreender a posição que as mulheres tomavam no mundo, "desde que aceitamos uma perspectiva humana, definindo o corpo a partir da existência, a biologia torna-se uma ciência abstrata" (BEAUVOIR, 1949/2016, p.62). É preciso a inserção de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico para esclarecer inclusive os dados da biologia, que também não são suficientes para explicar "o que a humanidade fez da fêmea humana" (BEAUVOIR, 1949/2016, p.65).

Beauvoir tecia críticas à psicanálise, acusando Freud de ter sido generalista ao supor que a mulher se sentiria como um homem mutilado, em decorrência do

complexo de castração. Para a autora, Freud teria delineado um modelo de mulher ancorado no modelo masculino. Ela afirmava:

Não é a ausência do pênis que provoca o complexo, e sim o conjunto da situação; a menina não inveja o falo a não ser como símbolo dos privilégios concedidos aos meninos; o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo confirma a ideia da superioridade masculina(BEAUVOIR, 1949/2016, p.72).

Para a autora, a psicanálise só poderia ser compreendida em seu contexto histórico. Beavouir ainda fazia referência à ausência de descrições relativas à libido feminina. Neste sentido, tomar a "virilização" como uma saída para os conflitos da mulher, ainda não seria suficiente para defini-la.

Outro ponto de vista fundamental para compreendermos o papel da mulher nas sociedades ocidentais, parte do advento da revolução industrial e das mudanças no sistema capitalista, quando as mulheres iniciam sua participação no mercado de trabalho. No entanto, mesmo na classe operária, os homens tentaram frear essa libertação, uma vez que isso ameaçava a solidez da organização nuclear da família, a qual exigia a presença da mulher no lar. Uma análise a respeito do papel da mulher no contexto do capitalismo foi elaborada por Gayle Rubin, uma antropóloga americana conhecida por ter sido uma ativista importante nas políticas de sexo e gênero. A referida autora discorre sobre o papel da "mulher domesticada", valendo-se das teorias de Marx, Lévi-Strauss e Freud, e buscando uma definição para o que denominava de sistema sexo/gênero.

Em seu texto *O Tráfico de Mulheres*, originalmente publicado em 1975, Rubin afirmava: "as mulheres se situam na definição mesma do capitalismo, isto é, o processo pelo qual o capital é produzido pela extração da mais-valia sobre o trabalho pelo capital" (RUBIN, 1975/2017, p. 12). Uma vez que o capitalismo é um conjunto de relações sociais que transforma o dinheiro, as coisas e as pessoas em capital, a mulher também se torna um de seus produtos, ao passo que o próprio sistema provoca mudanças nas concepções sobre masculino e feminino. A autora tecia uma análise dos termos empregados, tais como: "modos de reprodução" em consonância a concepção de "modo de produção", o que vincularia o sistema sexual à economia. Rubin enfatizava que o próprio uso do termo patriarcado, enquanto uma forma específica de dominação masculina, revelava um sistema estratificado de acordo com os gêneros.

Para Rubin, "...toda sociedade tem formas sistemáticas de tratar do sexo, do gênero e dos bebês" (1975/2017, p.19), podendo ser esses termos igualitários ou estratificados segundo o gênero.

A autora valia-se do conceito de parentesco proposto por Lévi-Strauss, o qual serve de base para compreender as trocas de mulheres pelos homens, assim como a opressão sexual. O conceito de "troca de mulheres", não somente no sentido objetificado (como nos casos de escravas, servas e prostitutas), mas também simplesmente no sistema de aliança, permite esclarecer o papel da mulher dentro do laço social. Rubin cita como exemplo o pai que entrega sua filha ao noivo, conferindolhe a este um direito de propriedade sobre a esposa, baseando-se num sistema de parentesco que continua presente na cultura ocidental. Existe uma economia do sexo e do gênero em cada sociedade, baseada nas convenções e nos valores sobre a sexualidade, transmitidos ao longo das gerações.

No entanto, cada cultura segue suas normas específicas relativas ao tabu do incesto, à heterossexualidade compulsória e à divisão assimétrica dos sexos, podendo ser tais convenções bastante diversas. Rubin (1975) afirmava que a antropologia não explica os mecanismos de cada uma delas, ao passo que a psicanálise seria a teoria que trata dos vestígios individuais causados pelo conflito com as regras e os regulamentos vinculados à sexualidade.

A referida autora valia-se também das teorias de Jaques Lacan, sobretudo em relação ao conceito de falo simbólico, visando desbiologizar alguns aspectos do pensamento freudiano e reunir argumentos para explicar a transformação da sexualidade biológica dos indivíduos pelo processo de aculturação. Rubin observava que são justamente os termos de parentesco que indicam a estruturação das relações que situam todo e qualquer indivíduo no drama edípico, afirmando: "O complexo de Édipo é um dispositivo de personalidade sexual" (RUBIN, 1975/2017, p.41). Compreender o falo como um conjunto de significações atribuídas ao pênis, permitiria realizar um traço distintivo que define "castrados" e "não castrados", presença e ausência, e, por conseguinte, diferenças nos status de homem e mulher.

Apenas aqueles que possuem o falo detêm o objeto simbólico da troca no laço social, a única saída para a menina, "castrada por natureza", seria voltar-se ao pai para que este lhe concedesse o falo. Rubin conclui que o esquema freudiano de compreensão da feminilidade oferece pistas sobre de que forma, no decorrer da socialização da menina, um processo baseado na dor e na humilhação, há um ato de

brutalidade psíquica que deixa um imenso ressentimento. Além disso, afirma que, apesar das críticas feministas: "a psicanálise é uma teoria do gênero, descartá-la, para um movimento político dedicado à erradicação da hierarquia de gênero (ou do próprio gênero), seria insensato" (RUBIN, 1975/2017, p.49).

O principal embate da filósofa Judith Butler, uma das contemporâneas mais expressivas nos estudos de gênero, foi com a premissa na qual se origina a distinção entre sexo e gênero, sendo considerado o sexo natural, e o gênero, construído. Butler afirma que, "nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino" (BUTLER, 2003, p. 26). Para ela, a performatividade do gênero é sempre constituída, e está inextrincavelmente sustentada pelo binômio: identidade de gênero e expressões de gênero; sendo difícil fazer uma distinção entre eles. Butler se sustenta na concepção espinoziana, segundo o qual o indivíduo persiste em seu próprio ser apenas em sua relação com os outros, e somente na medida em que essas relações permitam a afetividade e a expressão do desejo de viver. Segundo Butler, as questões ligadas ao gênero deveriam ser encaradas sob a ótica de uma construção subjetiva, sendo necessário despir-se das representações sociais impressas no imaginário ao longo de gerações. Para ela, o corpo é "uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significante dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e heterossexualidade compulsória" (BUTLER, 2003, p.198). A referida autora propõe a categoria dos gêneros inteligíveis para abordar os casos em que há uma descontinuidade entre sexo anatômico, gênero, desejo e prática sexual.

Em seu texto "El falo lesbiano y el imaginário morfológico", Butler (2002) aborda a construção da imagem corporal e sua intersecção com o social. Isso é feito a partir de uma perspectiva crítica em relação à psicanálise, mas valendo-se do aparato conceitual psicanalítico, uma vez que Butler mergulha nas metapsicologias freudiana e lacaniana. A autora se questiona sobre o que se exclui do corpo para que se formem os limites do corpo? Seria o corpo construído pelas normas de gênero? Butler afirma que a distinção entre a lei simbólica e a lei social não pode mais ser mantida, pois o próprio simbólico é a sedimentação de práticas sociais. Para ela, a diferença sexual pode ser encarada como um conceito que diz respeito à relação entre o ser e a linguagem: o meio pelo qual os sujeitos se tornam humanos. Em *Undoing Gender* a autora conclui que: "gênero é aquela parte da diferença sexual que aparece como o social (gênero seria assim o extremo do social da diferença sexual), referente às visões

construídas socialmente sobre a masculinidade e a feminilidade" (BUTLER, 2004, p.185).

Além das autoras expostas acima, situadas na segunda e terceira onda do movimento feminista, outros autores contemporâneos a Freud como Melanie Klein, Karen Horney e Ernest Jones também tiveram um papel importante no interior da teoria psicanalítica, questionando as proposições freudianas a respeito do desenvolvimento sexual na menina e a inveja do pênis. Freud teve que se confrontar com os questionamentos desses autores em diversos momentos de suas *Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise*, porém não escondeu sua insatisfação a respeito da teorização acerca da feminilidade.

Nancy Chodorow, socióloga e psicanalista feminista americana, aprofundando as análises de Horney a respeito da situação edípica feminina, e tecendo um contraponto entre o caráter ideológico da teoria freudiana e suas evidências afirma que :"Há razões que não sejam a presença ou ausência de um pênis que podem explicar o achado clínico de que os meninos reprimem e resolvem seu complexo edípico diferentemente da menina" (CHODOROW, p.168,1999). A autora defende que os aspectos decisivos da personalidade de gênero surgem da crise edípica, no entanto, a explicação proposta pela psicanálise tradicional, não é suficiente para explicar o modo como as relações no interior do grupo familiar se estabelecem de fato, pois para além dos órgãos genitais macho e fêmea, é preciso compreender a significação familiar e social que os representantes deste ou daquele sexo biológico desempenham. Ou seja, masculinidade e feminilidade existem a partir de um padrão de repetição de um determinado conjunto de características que definem cada uma dessas categorias.

Para Chodorow (1999), o determinismo biológico contido na teoria freudiana expressa a contradição do modo como Freud oscila entre ser um perpetuador da hegemonia patriarcal, desempenhando uma visão androcêntrica, onde a diferenciação sexual e de gênero está apoiada na presença ou ausência da genitália masculina e reservando deste modo um destino final para essas diferenças. Ao passo que é também um astuto analista da cultura patriarcal, interpretando o modo como os sujeitos se relacionam com seus órgãos genitais, predileções sexuais, neuroses, traços de caráter e mundos objetais internos. A autora propõe que para que seja possível compreender os fatores constituintes de uma personalidade de gênero, valendo-se da teoria freudiana: "Devemos aparar os excessos freudianos. Freud às vezes apenas relatava como as mulheres se desenvolvem numa sociedade patriarcal" (CHODOROW, p.181,1999). É

preciso levar em consideração que há muitos outros fatores além da presença/ausência dos órgãos genitais que definem os papéis de gênero, presentes na própria estrutura assimétrica do cuidado infantil, desempenhado majoritariamente por mulheres, que irá influenciar nos processos relacional-objetais e egóicos mais amplos.

Apesar das tensões entre a psicanálise e o feminismo, as discussões promovidas por esse movimento produziram significativos avanços teóricos, como enfatiza Lago (2012,p.12): "Neste percurso da relação ambivalente entre os dois campos, pode-se perceber a substituição da categoria *mulher* pela concepção de *mulheres* e a gradativa consolidação dos estudos de *gênero*, que passam a se utilizar do recurso à desconstrução".

Souza (2017), propõe em sua tese de livre-docência a investigação do impacto das epistemes feministas para a produção de conhecimento. Ele afirma que a radicalização do gênero e as reinvindicações feministas promoveram críticas sobre o androcentrismo, o patriarcado e a ciência moderna. Autoras como Julia Kristeva, Luce Irigaray e Hélène Cixous fizeram importantes contribuições ao questionarem a distinção dos gêneros na produção de conhecimento. Neste percurso, muitas autoras valeram-se de bases tradicionais do conhecimento como o marxismo, a hermenêutica, a epistemologia empirista, a psicanálise, o desconstrutivismo, o funcionalismo, o estruturalismo e a fenomenologia.

Entretanto, os tensionamentos provocados por alguns conceitos centrais de tais escolas de pensamento, sem dúvida, circunscritas dentro de um contexto patriarcal, deixaram muitas questões em aberto. O que segundo Souza (2017, p.19) exigiu "a produção de outros conceitos, outras linguagens, outras formas de produzir conhecimento, sem ser um saber subordinado nem dominante, mas um intercessor importante no processo de produção de conhecimento." A necessidade de desconstruir determinismos biológicos científicos que essencializam a mulher e promovem exclusão, levou a categoria *gênero* como uma categoria de análise para a compreensão das hierarquias baseadas na diferença entre os sexos.

Todos esses deslocamentos promovidos pela entrada das mulheres nos discursos das ciências, produzindo questionamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, chegam cada vez mais à psicanálise. Apesar das acusações de Freud ter sido biologicista e binarista em muitos momentos de sua obra, as contribuições feitas por ele em torno do papel da sexualidade no psiquismo são inquestionáveis. Por esse motivo, pretendemos realizar um retorno à teoria da sexualidade freudiana, a fim

de investigar de que modo ela ofereceu as bases para se pensar a questão da identidade sexual, que hoje se aproxima do conceito de gênero.

7.PSICANÁLISE, SEXUALIDADE E GÊNERO

Nascido na Europa em uma província do Império Austro-húngaro, no dia 06 de maio de 1856 e permeado pelos costumes judeus, teve contato com leituras bíblicas e textos clássicos do judaísmo. Freud desde sua juventude tecia reflexões sobre as estruturas familiares e a cultura, como aponta Roudinesco (2016) na mais recente biografia completa sobre a vida e a obra de Freud, *Sigmund Freud: Na sua época e em nosso tempo*. Na infância, Freud descobriu a temática da sexualidade com sua babá, Monika Zajic, uma senhora católica fervorosa que lhe contava histórias sobre diabos e santos, Roudinesco afirma:

Foi assim que ele descobriu a segunda religião monoteísta, religião da carne, do pecado, da confissão e da culpa, com suas imagens pias, seus rosários, sua iconografia barroca, suas representações do inferno" (ROUDINESCO, 2016, p. 25).

Posteriormente, em sua adolescência, apesar dele ter desenvolvido uma concepção da liberdade humana, teve uma atitude ambígua ao se deparar com sua própria sexualidade, já se questionando sobre as frustrações impostas socialmente aos desejos não saciados. Ele gostava de se descrever como um Judeu sem Deus, puritano emancipado que desde a infância fora apaixonado pelas extravagâncias da sexualidade humana (ROUDINESCO, 2016). Apesar disso, por um longo período depois do noivado secreto com Martha Bernays, submeteu-se à castidade pré-nupcial.

Em sua vida escolar foi inspirado por uma sequência de mestres excepcionais da época do Liceu, entre eles, Franz Brentano. No entanto, apesar do envolvimento precoce com a filosofia, Freud optou por ingressar na Universidade de Viena para estudar medicina, anatomia, biologia, zoologia e fisiologia, onde teve contato com a ciência experimental. Mais tarde, Freud ingressou em um estágio como médico no Hospital Geral de Viena, nessa fase se interessou pelas propriedades da cocaína, onde vislumbrou uma possibilidade de realizar uma célebre descoberta.

Por meio do contato com diferentes especialidades e sumidades das ciências médicas, Freud conseguiu o título para lecionar na Universidade de Viena, neste percurso se deparou com os ensinamentos de Josef Breuer, um clínico humanista que se interessava pela neurologia e pela psicologia, com quem por fim encontrou incentivos para ingressar nos estudos da hipnose. Depois de conhecer de perto o caso de Bertha Pappenheim, paciente de Breuer, e identificar em sua primeira paciente sintomas semelhantes, partiu para Paris a fim de estudar com o maior especialista em histeria da época, Jean-Martin Charcot no hospital La Salpêtrière.

Charcot afirmava que os fenômenos que se passavam com as "mulheres julgadas 'simuladoras', isto é, possuídas pelo demônio do sexo, feiticeiras sem deus nem diabo, e, portanto, nocivas à sociedade..." (ROUDINESCO, 2016, p.58), não se tratava nem de simulação diabólica, nem de lesões localizadas, mas sim de origem traumática. Assim, a histeria saiu do domínio da religião e passou a ser vista como uma doença dos nervos que acometia as mulheres. Segundo Roudinesco (2016, p.60): "...a histeria tornara-se em toda a Europa a expressão de uma revolta impotente das mulheres contra um poder patriarcal assombrado pelo espectro de uma possível feminização do corpo social". As histéricas foram as herdeiras da figura da feiticeira, que exibindo seus corpos sexuados eram transgressoras à ordem procriadora. Esse encontro com Charcot foi decisivo para a carreira de Freud, abrindo definitivamente as portas da vida psíquica e a realidade da sexualidade humana:

O estudo da sexualidade tornara-se para todos os cientistas da época, na Europa e na América do Norte, a grande questão do século vindouro, e a histeria parecia ser sua chave mestra, indo muito além dos debates médicos entre especialistas. E não resta dúvidas de que Charcot era mais que um professor para Freud, tendo contribuído para a conquista de um novo continente: *o da sexualidade* (ROUDINESCO, 2016, p. 66, grifo nosso).

Na clínica, Freud ainda se baseava no método *talking-cure*, desenvolvido por Breuer e nomeado pela famosa Anna O. durante seu tratamento. Na publicação dos *Estudos sobre a Histeria*, Freud justificava a validade desse novo método através da exposição dos casos, afirmando que em geral havia um atentado sexual precoce por parte de um adulto sobre a criança que remontaria a origem das neuroses. Quinze meses depois de expor sua teoria da sedução na Associação de Psiquiatria e Neurologia de Viena, onde recebeu críticas por parte de especialistas em sexologia e

perversões (na época preocupados com as práticas higienistas e a questão da masturbação infantil), Freud abandonou sua hipótese inicial e viu-se às voltas com uma realidade muito mais complexa, onde não era possível que todos os pais fossem estupradores, e nem por isso todas as histéricas poderiam ser consideradas simuladoras quando diziam ser vítimas de abuso. Roudinesco nos aponta o caminho que se abriu a partir dessa mudança do pensamento freudiano:

Ao abrir mão de sua *neurótica*, Freud afastava-se tanto da neurologia e da fisiologia como da sexologia, disciplina ligada à psiquiatria e à biologia, cujo objetivo é estudar o comportamento sexual humano a fim de prescrever normas e patologias (ROUDINESCO, 2016, p.92).

Depois dessa guinada teórica, Freud considerava que o método psicanalítico que tinha por objetivos a exploração do inconsciente e a cura pela palavra, permitia ao terapeuta diferenciar as realidades entrelaçadas entre o abuso sexual real, a sedução psíquica, a fantasia e a transferência. Com isso, é possível afirmar que Freud ampliou a noção da sexualidade humana, indo além das descrições das práticas eróticas ou das nomenclaturas das aberrações sexuais; ele tomou-a como própria da atividade humana. Como afirma Roudinesco:

Logo, foi menos a sexualidade em si mesma que veio a ser primordial em sua doutrina do que um conjunto conceitual capaz de representa-la: a pulsão, fonte do funcionamento psíquico inconsciente, a libido, termo genérico designado a energia sexual, o "apoio" [Anlenhung], ou processo relacional, a bissexualidade, disposição típica de toda forma de sexualidade humana, e por fim, o desejo, tendência, realização, busca infinita, relação ambígua com o outro (ROUDINESCO, 2016. p.96).

Mais adiante, interessado pela análise dos seus sonhos- grandiosos, reveladores e eruditos- dedicou-se a fundamentar sua teoria do psiquismo a partir dos rastros que encontrava em suas anotações e nos relatos de amigos e parentes. Freud entrou em contato com autores que já propunham que os sonhos eram expressões distorcidas de pensamentos inconfessáveis, entre eles tabus relativos à sexualidade, que permitiriam aos especialistas em doenças nervosas uma chave para o tratamento. A partir dessa investigação, decidiu apresentar uma nova compreensão da subjetividade humana através da compreensão dos sonhos, escolhendo a virada do século XX para publicar *A interpretação do sonho*. A intenção de fazer dessa obra um marco da ascensão da psicanálise nos territórios políticos e sociais, que visava promover uma revolução ao

revelar ao homem a face oculta de seus desejos, teve que esperar mais alguns anos para ganhar credibilidade entre os leitores, e sobretudo, da academia. Como nos aponta Roudinesco:

...celebrando as pulsões, lendas, mitos e tradições populares, ele pretendia atacar os medalhões e representantes da ciência oficial. E o recurso ao sonho e à sua interpretação equivalia a proclamar que o poder do imaginário, decifrado por um cientista ambicioso, podia igualmente encarnar-se num vasto movimento suscetível de desafiar o poder político (ROUDINESCO, 2016, p.110).

No entanto, no ano de 1902, finalmente foi nomeado *Herr Professor* na Universidade de Viena. Em plena Belle Époque, em meio a uma aristocracia decadente e aburguesada que buscava recursos do autoconhecimento para sobreviverem às desilusões de sua época, através do culto da arte, dos valores do liberalismo e da ciência, Freud ia restaurando seus mitos perdidos. Apenas três anos depois, estava lançando *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), representando um ataque ao que até então estava no domínio dos estudos de pedagogos, médicos, juristas e sexólogos. Neste trabalho ele faz uma exposição detalhada de suas teorias acerca do sexual infantil e a disposição perverso-polimorfa, rompendo com as abordagens anteriores sobre as atividades sexuais da criança, suas fantasias, as práticas masturbatórias e o enigma da concepção e da diferença dos sexos. A *Sexual theorie* que naquele momento começava a ganhar adeptos, revelou que a sexualidade infantil, refletida posteriormente no adulto, não conhece leis nem tabus, e visava todos os fins e objetos possíveis.

Ao construir sua doutrina sexual em torno dos termos pulsão, libido, fase, desejo ou busca do objeto, Freud libertava a criança- logo, o adulto- de todas as acusações que haviam alimentado as práticas médicas do fim do século XIX, em especial as oriundas da "pedagogia negra", visando reprimir as manifestações da sexualidade" (ROUDINESCO, 2016, p. 130).

Evidentemente, alguns países puritanos investiram nas acusações da psicanálise que a consideravam um pansexualismo, por ser uma promessa da emancipação sexual que promoveria impactos no campo social com seu suposto potencial de introduzir a desordem moral no interior das famílias. Apesar das acusações de ser uma obra maléfica e pornográfica, a partir desse momento, finalmente, Freud estava conseguindo edificar o seu gênio, recebendo em seu consultório personalidades do

mundo artístico e da elite vienense. No entanto, esse primeiro vislumbre teórico que abriu espaço para um vasto campo de pesquisa e suscitou controvérsias, levou Freud a realizar muitas reparações conceituais que se espalharam ao longo de toda sua obra.

As influências da moral de seu tempo tornam-se evidentes no modo como a própria teoria se edificou, muitas vezes correspondendo aos estereótipos de masculinidade e feminilidade. O que nos permite afirmar que apesar de sua genialidade, o contexto sociocultural no qual estava inserido promoveu marcas em sua teoria que são até certo ponto permanecem indissolúveis quando revisitadas sob uma nova perspectiva. Além disso, a complexidade do aparato teórico criado por ele, que transita entre uma teoria do aparelho mental, um método clínico e também um estudo das relações culturais e sociais, colocou Freud às voltas de ter que justificar a psicanálise enquanto uma ciência propriamente dita, discussão esta que ainda hoje promove seus efeitos para a psicanálise. Porém, mais de um século após a descoberta da psicanálise, sobretudo com a eminência dos discursos da neurobiologia e do cognitivismo, a psicanálise tem sido colocada à prova. Conforme nos mostra Birman (2017):

Pode-se afirmar, com efeito, que o discurso freudiano é criticado de forma sistemática e permanente na contemporaneidade, como se os pressupostos teóricos desse discurso não dissessem mais nada, ou dissessem muito pouco, para o campo dos novos saberes sobre o psíquico, de forma que os seus enunciados seriam sempre assim silenciados e despotencializados no que concerne à veracidade (BIRMAN, 2017, p.28)

Desse modo, compreender o lugar da psicanálise na atualidade pareceu-nos necessário na medida em que a propagação desses outros discursos coloca em dúvida não somente sua produção teórica, mas também sua aplicação prática.

7.1 O IMPACTO DO DISCURSO FREUDIANO NAS CIÊNCIAS

A psicanálise idealizada por Freud, enquanto um método de investigação e de tratamento, teve inúmeras dissidências baseadas nas influências das escolas de pensamento que adotaram seus princípios fundamentais. Por esse motivo, hoje já temos alguns conceitos revisitados, diluídos e ampliados. Apesar dos muitos embates com seus discípulos- sobretudo aqueles que apresentavam alguma ideia inovadora-Freud propôs e demonstrou ao longo de sua produção que a teoria não deveria ser

dada como finalizada, permanecendo sempre em elaboração. Como nesta dissertação propomos revisitar alguns dos conceitos fundamentais em sua fonte, tivemos como principal referência os textos deixados por Freud, considerando também algumas contribuições e ampliações de autores e comentadores centrais, que nos ajudaram a compreender essa trama de conceitos que encontramos nos escritos. A escolha por esse recorte foi o que permitiu uma revisão crítica à luz dos objetivos propostos.

Sobre a entrada da psicanálise no campo das ciências, tema que provoca tensões até hoje, é preciso compreender que o desejo de Freud por tal inserção teve influência dos embates dentro do contexto alemão da época com a oposição entre ciências da natureza e ciências "do espírito". As ciências da natureza se ocupariam de características universais dentro de uma espécie, ou fenômeno, através de procedimentos sistemáticos e verificáveis, como no caso da Física ou da Biologia. Por outro lado, as ciências da cultura ou "do espírito", ao estudarem aquilo que é próprio do humano, entenderiam que cada objeto de investigação é único em sua individualidade e irredutível às classificações.

Para Mezan (2007), Freud em muitos momentos considerou a psicanálise uma *Naturwissenschaf*, por entender que seu método de investigação partia da observação de conceitos fundamentais, assemelhando-se ao trabalho das ciências naturais. Nesse sentido, seu objetivo era investigar os fenômenos psíquicos orientados pelo princípio do determinismo, onde a partir das hipóteses sobre o que determinava os fatos e através das observações de alguns mecanismos (pulsões, desejos, fantasias, defesas), orientava suas intervenções. No entanto, o projeto de inserir a psicanálise no campo das ciências naturais, para conferir-lhe objetividade e neutralidade, não o afastou por completo do território das ciências humanas, pois também abordou questões históricas e culturais, adentrando ao plano da universalidade, sem a intenção de propor uma terapêutica para essas questões, mas construir uma teoria geral do homem que explicasse os fenômenos individuais.

Ao se deparar com o paradigma neopositivista Freud de uma vez por todas abriu mão desse desejo nas *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1936), constatando que a metapsicologia era registrada sobre o mito da pulsão (FREUD, 1936/2006), e por isso não poderia ser quantificada conforme um conjunto de regras ordenadas cientificamente. Inscrevendo-se na subversão científica, Freud adotou uma posição epistemológica que renunciava a qualquer preconcepção de homem e do

mundo, servindo a própria psicanálise como um método de investigação da atividade humana. Segundo Mezan (2007):

A bem dizer, a Psicanálise, tal como Freud a concebe, teoriza em dois níveis diferentes. O primeiro é este mais geral, o das grandes hipóteses sobre o inconsciente, as pulsões, o conflito defensivo, a angústia e outros elementos do "acontecer psíquico". Aqui estamos no domínio da universalidade ou da generalidade, e o que a teoria apresenta é uma visão do ser humano como movido por forças que desconhece, tendo ao mesmo tempo que lhes oferecer alguma gratificação e restringir tal gratificação aos limites do permitido pela vida em sociedade. A repressão dos desejos mais intensos e primordiais provocará efeitos deletérios, que vão do "nervosismo comum" até as mais graves psicoses. A enorme complexidade da construção freudiana não deve nos fazer perder de vista que ela põe em jogo um número muito limitado de fatores (basicamente pulsões, angústias e defesas) e um número relativamente pequeno de operações que incidem sobre eles (os processos primário e secundário): é o caráter eficiente, propulsor, diríamos, desses fatores que determina as combinações variadíssimas do que chamamos "vida psíquica" (MEZAN, 2007, p.335).

No entanto, os debates acerca da epistemologia do pensamento freudiano, sobretudo a respeito da metapsicologia que ficou conhecida como "a bruxa" da psicanálise, foram retomados por autores interessados no ramo da filosofia das ciências, como Bachelard, Adorno, Marcuse, Habermas, Althusser e Foucault. O interesse de compreender o método psicanalítico e situá-lo no campo da ética, abriu caminho para duas hipóteses fundamentais que ainda hoje marcam presença nos círculos acadêmicos: a psicanálise como um método de cura e de investigação (DUNKER, 2017). Na discussão sobre o posicionamento ético da psicanálise, Foucault faz uma articulação sobre esses dois pontos fundamentais da psicanálise e seu papel nas ciências humanas:

Mas esta relação da psicanálise com o que torna possível todo saber em geral na ordem das ciências humanas tem ainda uma outra consequência. É que ela não pode desenvolver-se como puro conhecimento especulativo ou teoria geral do homem. Não pode atravessar o campo inteiro da representação, tentar contornar suas fronteiras, apontar para o mais fundamental, na forma de uma ciência empírica construída a partir de observações cuidadosas; essa travessia só pode ser feita no interior de uma prática onde não é apenas o conhecimento que se tem do homem que se está empenhado, mas o próprio homem (FOUCAULT, 1966/1990, p.393).

Em meio a esse longo debate sobre o caráter científico da psicanálise, a metapsicologia proposta por Freud, com o intuito de esclarecer e de aprofundar as hipóteses teóricas da psicanálise, tornando possível descrever os processos psíquicos em seus aspectos dinâmico, tópico e econômico, permaneceu um projeto inacabado. Como nos aponta Garcia-Roza, apesar das críticas da retomada desse projeto, é a própria metapsicologia "que por meios nem sempre muito claros, pelos caminhos da imaginação, possibilita esse passo adiante no sentido da criação, arrancando-nos da pasmaceira do dado e ao mesmo tempo impedindo que o formalismo teórico nos paralise" (GARCIA-ROZA, 2001/1991, p.11). Nesse sentido, nos aponta Dunker (2017) que apesar da metapsicologia poder atrapalhar a compreensão dos conceitos psicanalíticos, "precisamos hoje de uma metapsicologia que se situe entre a ética e a epistemologia, uma mistura herética entre ciência e política como vocação" (DUNKER, 2017, p.220). Portanto, não basta esgotar as leituras dos conceitos freudianos, uma vez que existem conceitos descritivos baseados nos fatos clínicos, e outros que não possuem descrição- os conceitos metapsicológicos propriamente ditos. Segundo Fulgêncio (2003):

Ao distinguir a teoria clínica da metapsicológica não estou afirmando que os fatos clínicos são apreendidos independentemente de teorias, visto que toda pesquisa científica depende de uma orientação para selecionar (dentre a multiplicidade de fenômenos que se apresentam) os elementos a serem observados e para estabelecer tipos de relação a serem procuradas na ligação e ordenação desses fenômenos. Isso não significa que as teorias que orientam a pesquisa empírica sejam, necessariamente, especulativas, ainda que as especulações metapsicológicas tenham um lugar central para Freud (FULGÊNCIO, 2003, p.135).

O interesse pelas especulações metapsicológicas, retomado por alguns autores pós-freudianos, surge devido ao fato de haverem conceitos possíveis de serem descritos a partir da experiência clínica, e outros que não podem ser descritos, cabendo à metapsicologia "o fundamento estrutural ao qual se deve recorrer para organizar e relacionar os fatos, orientando a busca das explicações dos fenômenos observados" (FULGÊNCIO,2003,p.142). A proposta elaborada por Freud inicialmente era adotar um modelo mais especulativo de se pensar os conceitos fundamentais da psicanálise: o inconsciente, as pulsões, o recalcamento, o narcisismo, entre outros, rompendo com a psicologia clássica e garantindo a ela sua especificidade.

O debate sobre o lugar da psicanálise enquanto uma teoria de investigação que encontra intersecção com outros campos do saber, sobretudo o saber sobre a subjetividade do homem, também teve as contribuições de Roudinesco (2000), em seu livro *Por que a Psicanálise?*, onde afirmava que o homem globalizado é tomado por um sistema biopolítico que rege seu pensamento e que o faz não querer saber sobre desejos inconscientes ou origem de sua subjetividade. Ainda para a autora:

O recurso sistemático ao círculo vicioso da causalidade externagenes, neurônios, hormônios, etc.- teve como consequência o deslocamento da psiquiatria dinâmica e sua substituição por um sistema comportamental em que subsistem apenas dois modelos explicativos: a organicidade, por um lado, portadora de uma universalidade simplista, e por outro, a diferença, portadora de um culturalismo empírico. Daí resulta uma clivagem reducionista entre o mundo da razão e o universo das mentalidades, entre as afecções do corpo e as do espírito, entre o universal e o particular (ROUDINESCO, 2000, p.44-45).

Com os avanços promovidos pela farmacologia e medicina, os esquemas de pensamento de Freud começaram a sofrer abalos. Ainda que em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895), ele houvera tentado garantir um lugar para a psicologia no escopo das ciências naturais, incorrendo ao equívoco de "neurologizar" o aparelho psíquico com os esquemas de neurônios de percepção, memória e consciência, essa ideia inacabada permaneceu como um fantasma da psicanálise, sendo utilizada como um contragolpe pelos adversários que tentaram distanciá-la do campo das "ciências verdadeiras" (ROUDINESCO, 2000).

À guisa de encontrar para o conceito de inconsciente-pedra angular da teoria freudiana- um lugar de reconhecimento e destaque, e que fora atravessado por indagações provenientes da filosofia, do evolucionismo e até mesmo da religião, Freud buscou sintetizar suas hipóteses e dar lugar de destaque ao sujeito frente à um inconsciente que não é nem automatizado, nem uma mitologia cerebral articulada a um modelo neurofisiológico, mas sim a sede das imagens, das paixões e das discordâncias. Como afirmou Roudinesco: "Levada por essa ideia de inconsciente, a psicanálise pôde transformar-se, no século XX, no emblema de todas as formas contemporâneas de explicação da subjetividade" (ROUDINESCO, 2000, p. 69).

O modo de compreensão do sujeito que a psicanálise nos apresenta, na contramão do que estamos acompanhando com os progressos cientificistas, lança o

homem à radicalidade de ser um sujeito livre, não condicionado aos seus automatismos mentais. A psicanálise enquanto doutrina psicológica do fim do século XIX, representa conforme nos apontou Roudinesco (2000, p.70) "um avanço da civilização contra a barbárie". Isto porque a psicanálise faz questionar o homem sobre aquilo que é do próprio homem, como, por exemplo, as ideias que para a época foram revolucionárias a respeito da sexualidade.

Assim, fazendo da sexualidade e do inconsciente a base da experiência subjetiva da liberdade, Freud rompeu tanto com a religião do testemunho ou da confissão quanto com o ideal cientificista da sexologia: nem caça às bruxas, nem classificação imperiosa, nem fascínio por um erotismo qualquer de bazar próprio do cientificismo ou do puritanismo religioso. Para ele não se tratava de julgar o sexo nem de torná-lo transparente ou espetacular, mas de deixar que ele se exprimisse da maneira mais normal e mais verdadeira. Nada mais estranho à concepção freudiana do que a ideia de que a sexualidade seria naturalmente malsã. Assim, Freud foi o inventor de uma ciência da subjetividade que caminhou de mãos dadas com a instauração, nas sociedades ocidentais, das ideias de vida privada e de sujeito de direito (ROUDINESCO,2000, p.74).

Ainda que inicialmente Freud estivesse preocupado em desenvolver uma ciência médica e um método de cura para as enfermidades da mente, que encontrasse validação no meio científico, sua teoria se deparou com a complexidade da subjetividade humana e, por isso, alcançou outros vértices. Desse modo, o legado freudiano da psicanálise promoveu uma teoria de investigação não somente do aparelho psíquico, mas também dos reflexos promovidos pelos fenômenos socioculturais. Com isso, a psicanálise passou a fazer fronteira com outros campos do saber, dialogando em muitos momentos diretamente com as ciências sociais. Neste sentido, contextualizar a psicanálise dentro das discussões sobre o conceito de gênero (bastante apropriado pelas ciências sociais), é fundamental para a compreensão de seus alcances e limites. Apontados alguns aspectos centrais sobre qual o papel da psicanálise freudiana que iremos nos basear para a produção de nossos argumentos, pretendemos agora contextualizar a presença dessa psicanálise em nosso tempo.

7.2 RETORNANDO A FREUD- MAIS UMA VEZ?

Ora, a psicanálise, em essência, é uma teoria que recorre aos mitos. Freud fez uso das metáforas presentes, principalmente, na mitologia grega para representar os

mecanismos intrapsíquicos que observava em sua clínica, buscando assim uma forma de propor elementos para a investigação metapsicológica. Desse modo, por muito tempo seguimos produzindo uma psicanálise baseada em Édipo, Narciso, Eros e alguns outros símbolos que aparecem como fio condutor por toda a obra freudiana. O conflito edípico ainda aparece nas cenas de discussão, ao passo que as novas realidades de família levam a um questionamento sobre tais categorias fundamentais. Como, então, pensar a teoria hoje?

Freud dialogava com os sujeitos de seu tempo e com os impasses que a sociedade burguesa e puritana da época exprimia, de tal modo que a partir de sua experiência clínica pode construir e readaptar suas proposições teóricas, repetindo isso em vários momentos de sua obra. Se no primeiro momento de sua teoria Freud estava muito preocupado com a eficácia da psicanálise enquanto um método de cura, a questão do social proposta pelo segundo discurso freudiano, mais evidente no *Mal-Estar na Civilização* (1930), colocou a psicanálise em uma posição de crítica da modernidade, o que levou a uma série de reposicionamentos de seus princípios fundamentais.

O último Freud, já atravessado por uma guerra, pela perseguição nazista, e com uma maior experiência clínica, deixou sua carta final para que fosse dado seguimento à uma psicanálise à prova do social, empenhada em analisar os efeitos promovidos pelo choque do sujeito da pulsão com sua cultura. O que ocorreu, porém, foi um apagamento desse último Freud, como nos mostrou Birman (1998):

Ao silenciar a radicalidade da crítica freudiana sobre a modernidade, a psicanálise assumiu um tom ao mesmo tempo triunfalista e cientificista, que são incompatíveis com os argumentos sobre o *malestar* na modernidade. A psicanálise não saiu indene, contudo, desse esquecimento e silêncio. Essa solução de compromisso lhe custou caro, pois algo da argúcia psicanalítica se perdeu, evidentemente. Com efeito, a psicanálise como discurso teórico perdeu suas dimensões *ética* e *política*, ficando restrita a uma mera perspectiva terapêutica na qual a harmonia do sujeito no campo social seria sua finalidade maior. Vale dizer, a psicanálise incorporou, assim, em seu corpo teórico, uma perspectiva *normativa* pela qual a *medicalização do social* pode se realizar sem resistências na medida em que foi silenciado o potencial crítico da tese sobre o mal-estar na modernidade (BIRMAN, 1998, p.126, grifo do autor).

Com efeito, a psicanálise foi perdendo espaço no campo social, sobretudo com a entrada de outros discursos relativos aos saberes do psiquismo. No *Projeto de uma*

psicologia científica (1895), Freud embasava suas principais elaborações teóricas a partir de conceitos provenientes da física, da físiologia e da neurologia, acreditando que através do *logos* científico, a psicanálise poderia curar o sujeito de sua condição de sofrimento psíquico. No entanto, o que esse último Freud deixa de herança é justamente os impasses da psicanálise nas interfaces com o campo social, uma vez que a própria civilização, no modo como se desenvolve, cria as pré-condições do mal-estar e da condição de desamparo do sujeito. A acusação de um Freud trágico no fim da vida, pelos pós-freudianos, foi promovendo um distanciamento da psicanálise do campo das ciências sociais e minando em partes seu potencial de crítica social. Além disso, a promessa inicial de cura das subjetividades foi derrotada pela hegemonia dos discursos da neurociência, da psicofarmacologia e do cognitivismo (BIRMAN, 1998).

Neste sentido, o que estamos propondo nesse retorno a teoria freudiana é a busca de elementos conceituais fundamentais sobre a noção de sexualidade, papéis sexuais e disposições, que nos permitam traçar um panorama do que foi deixado como herança dessa psicanálise. Ainda que Freud tentasse ser revolucionário ao descrever a sexualidade como um dos fenômenos mais primordiais e naturais do ser humano, sua visão sofria, sem dúvida, as influências da moral de seu tempo. Ainda assim, encontramos alguns conceitos centrais como pulsão, libido, diferença dos sexos, masculinidade e feminilidade, que permitem algumas aproximações e questionamentos sobre as contribuições dessa psicanálise na conceituação do gênero.

7.3 O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

Em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905) tem por objetivo discorrer sobre a etiologia do desenvolvimento da sexualidade. Nesse primeiro mergulho na obra freudiana, pretendemos selecionar alguns termos que consideramos importantes e que fazem alusão a uma parte significativa da metapsicologia criada pelo autor, a respeito das bases da sexualidade humana. Acreditamos que esse percurso deva ser percorrido lentamente, permitindo-nos caminhar pelas idas e vindas dos escritos de Freud, uma vez que sua teoria se encontrava naquele momento em plena fase de criação, promovendo mudanças significativas no conjunto final da obra.

Neste mesmo trabalho, as diversas notas de rodapés que foram sendo acrescentadas por Freud, vão mostrando os avanços que iam se realizando através de outros trabalhos. Ainda assim, no texto original já apareciam as noções de sexualidade

infantil, pulsões parciais, zonas erógenas, perversões, escolha de objeto e libido. Como propôs Mezan (2006, p.131) em seu livro *Freud: A trama dos conceitos*, "o trajeto dos *Três Ensaios*, portanto, corresponde a uma apresentação sistemática da teoria sexual, mas não à cronologia das descobertas freudianas". Por isso, consideramos importante estabelecer algumas conexões entre conceitos que se correlacionam, a fim de promover uma melhor compreensão das motivações teóricas de Freud.

No primeiro capítulo dos *Três Ensaios*, Freud utilizou como termo científico para libido a palavra alemã *Lust*. Em nota acrescida em 1910 afirmou que "lamentavelmente" esse seria o único termo possível na língua alemã, o que designaria tanto a sensação de necessidade quanto de satisfação. Porém, ao longo de todo o texto Freud oscila entre as escolhas dos termos, valendo-se também de pulsão sexual. Segundo o dicionário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (1988), o termo equivalente para pulsão seria Trieb, o que conotaria a tonalidade de impulsão, revelando o caráter irreprimível da pulsão, incumbida da função de suprimir uma tensão localizada nas fontes corporais.

Laplanche e Pontalis fazem ainda uma distinção em relação a esses dois conceitos afirmando que: "Na medida em que a pulsão sexual representa uma força que exerce uma pressão, a libido é definida por Freud como a energia dessa pulsão" (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 344). Na passagem intitulada "A Teoria da Libido", contida nos *Três Ensaios*, Freud define a libido "como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e as transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual" (FREUD, 1905/2006, p.205). Essa proximidade entre os dois termos se explica além dessa obra, quando mais tarde o autor se depara com as pulsões do ego de auto conservação. Nesse sentido, conforme a teoria da pulsão avança, a teoria da libido também se desloca.

Em relação aos direcionamentos da pulsão sexual, Freud faz uma distinção importante entre os termos: objeto sexual e alvo sexual, esclarecendo que "chamemos de objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual, e de alvo sexual a ação para a qual a pulsão impele" (FREUD, 1905/2006, p.128), podendo haver um número grande de desvios entre ambos. Partindo desse ponto, Freud ingressa na tentativa de descrever o comportamento dos chamados "invertidos", os quais podem ser absolutos (onde o objeto sexual só pode ser do mesmo sexo), invertidos anfígenos ou hermafroditas sexuais (em que tanto o objeto sexual pode ser do mesmo sexo ou do

outro), ou, ainda, os invertidos ocasionais, que devido à inacessibilidade do objeto sexual "normal", podem obter satisfação no ato sexual com uma pessoa do mesmo sexo. Freud considera que nesses casos, o que mudaria seria a direção para a qual se conduz a libido, um fator que pode ter se constituído desde a infância, ou após a puberdade. Freud nos apresenta, nessa passagem de sua obra, um vislumbre do caminho para a compreensão do funcionamento libidinal dos indivíduos. Isto, do ponto de vista econômico da metapsicologia, ocupa um lugar fundamental.

Se inicialmente os médicos entendiam a inversão como um sinal de degeneração nervosa, dado ao fato de que as primeiras manifestações haviam sido observadas em pacientes considerados "doentes nervosos", Freud concluiu que os invertidos nada tinham de degenerados, no sentido indiscriminado e patologizante do termo, uma vez que as inversões também eram encontradas em pessoas que não exibiam nenhum desvio grave da norma, e inclusive estava presente nos povos antigos, onde a inversão era um fenômeno frequente, quase que uma instituição dotada de importantes funções. O caráter inato, por sua vez, só poderia ser aplicado aos casos dos invertidos absolutos, sendo os dois outros tipos de inversão mobilizados por outras circunstâncias determinantes para a orientação da libido. Porém, segundo Freud: "Nem a hipótese de que a inversão é inata, nem tampouco a conjectura alternativa de que é adquirida explicam sua natureza" (FREUD, 1905/2006, p. 133).

O que ele tenta alcançar é a reconstrução da via pulsional do sujeito, que resultaria na escolha de objeto, sendo esta escolha apenas o resultado final de toda a constituição libidinal. Freud também abordou a questão do corpo, tomando como ponto fundamental o hermafroditismo anatômico, considerando que tanto nos indivíduos masculinos e femininos existiriam vestígios do aparelho do sexo oposto. A partir disso, o autor considerou que haveria inicialmente uma predisposição bissexual em todos os seres humanos, e que somente ao longo do desenvolvimento esta se transformaria em monossexualidade.

As suposições feitas por Freud a respeito de uma manifestação que ele optou por chamar de "hermafroditismo psíquico" visavam cruzar os elementos da pulsão sexual presentes na inversão e a manifestação dos caracteres sexuais secundários e terciários, a fim de observar se haveria alguma correlação que pudesse fornecer explicações para a mudança do objeto sexual dos invertidos. Porém, Freud afirmava que: "O hermafroditismo psíquico ganharia corpo se, com a inversão do objeto sexual, houvesse em paralelo ao menos uma mudança das demais qualidades anímicas,

pulsões e traços de caráter para a variante típica do sexo oposto" (FREUD, 1905/2006, p.135). Em conclusão a essa problemática, o autor afirmou que "a substituição do problema psicológico pelo anatômico é tão inútil quanto injustificada" (Ibid). Nestes casos o que estaria em jogo seriam as perturbações que afetam a pulsão sexual em seu desenvolvimento e não o seu objeto sexual.

Em notas acrescidas nas edições posteriores, Freud enfatizou que a psicanálise ainda não havia conseguido esclarecer a origem da inversão. No entanto, a partir dos casos de homens invertidos investigados, a hipótese feita era a de que haveria uma fixação muito forte com a figura de uma mulher, o que levaria esses homens a tomarem a si mesmos como objeto. Assim, a partir do narcisismo, buscariam pessoas parecidas com eles mesmos, pessoas que pudessem amar tal como a mãe os amou. Em alguns casos ainda, dirigiam ao objeto masculino a excitação provocada por uma mulher: "Sua aspiração compulsiva ao homem mostrava-se condicionada a sua fuga incessante da mulher" (FREUD, 1905/2006, p. 137). Ainda em nota de rodapé, Freud afirmava que o tema da inversão é complexo, pois implica muitos tipos de atividade e de desenvolvimento sexuais, sendo necessário traçar com rigor uma distinção conceitual em relação à inversão, conforme se tenha invertido o caráter sexual do objeto ou do sujeito.

Freud vale-se também do exemplo da antiguidade grega, onde homens viris sentiam-se atraídos por outros homens que apresentavam atributos anímicos femininos, reunindo desse modo as moções que almejavam tanto elementos masculinos quanto femininos o que, portanto, refletiria a natureza da bissexualidade. Em 1915, Freud acrescentou que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual, que já existiria consumada no inconsciente, desempenhando um papel importante na vida anímica entre os sujeitos. O autor considerava ainda que a liberdade de escolha de objetos masculinos e femininos, presentes desde a infância, era base do desenvolvimento tanto normal, quanto invertido. Quanto à conduta sexual, esta somente seria estabelecida de fato após a puberdade, como resultado de uma série de fatores, de natureza em parte constitucional e em parte acidental. Segundo Freud: "Entre as influências acidentais exercidas sobre a escolha de objeto, vimos ser digna de nota a frustração (intimidação sexual precoce), e observamos também que a presença de ambos os pais desempenha um papel importante" (FREUD, 1905/2006, p.138).

O mesmo baseou-se nas pesquisas do fisiologista Eugen Steinach, um dos primeiros cientistas a realizar cirurgias sexuais, a respeito dos experimentos sobre o papel das glândulas sexuais na determinação da sexualidade, observando ser possível, mediante castração e enxerto experimental de gônadas do sexo oposto, em diferentes espécies de mamíferos, transformar suas condutas sexuais.

No entanto, Freud não se ancorou totalmente nos argumentos postos até então pela ciência para dar um veredicto final a respeito da inversão. Pelo contrário, à guisa de uma possível conclusão, ele volta ao ponto crucial da pulsão e do objeto, afirmando que a pulsão sexual é independente do objeto e admite ampla variação. Seria justamente esta variação que percorreria uma escala que vai da saúde à perturbação, uma vez que no desenvolvimento cultural humano, o ponto mais fraco continua a ser a sexualidade. Para Freud: "O essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa" (Freud, 1905/2006, p.141). Em relação a esta última afirmação, Freud acrescenta numa nota de rodapé em 1910 na qual haveria uma diferença entre a experiência amorosa da antiguidade, que dava força e vasão à própria pulsão, ao passo que nós a colocamos no objeto.

Freud tenta alcançar, com o desenvolvimento de sua teoria sobre a sexualidade, as dificuldades encontradas no campo da vida sexual; sobretudo no que se refere aos limites entre o normal e o definido como patológico. Desde os estudos realizados com as histéricas, o mesmo enfatizava que a origem das psiconeuroses estaria ligada às forças pulsionais de cunho sexual, o que serve de base para investigar as aberrações e as variações da vida sexual. Segundo ele, a pulsão seria um representante psíquico de uma fonte somática que flui constantemente. Portanto, "é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico" (FREUD, 1905/2006, p.159). Em si mesma, a pulsão não possui qualidade alguma, o que a distingue é a relação com suas fontes somáticas e seus alvos. As zonas erógenas (como a cavidade bucal e a zona anal, por exemplo) servem-se de aparelhos acessórios e substitutos da genitália, estando tal mecanismo presente tanto nas inclinações perversas, quanto na histeria, na neurose obsessiva ou na paranoia. Além disso, Freud observava que havia algo de inato na base das perversões, variando em sua intensidade de acordo com as influências da vida. Ele considerava fenômenos como o fetichismo, voyeurismo, sadismo e masoquismo expressões de desvio quanto ao objeto sexual. Desse modo, ele dizia:

Trata-se, pois, das raízes inatas da pulsão sexual dadas pela constituição, as quais, numa série de casos (as perversões), convertemse nas verdadeiras portadoras da atividade sexual (perversa), outras vezes passam por uma supressão (recalcamento) insuficiente, de tal sorte que podem atrair indiretamente para si, na qualidade de sintomas patológicos, parte da energia sexual, e que permitem, nos casos mais favoráveis situados entre os dois extremos, mediante uma restrição eficaz e outras elaborações, a origem da chamada vida sexual normal (FREUD, 1905/2006, p.162).

Portanto, a pulsão, enquanto força motriz para o desenvolvimento da sexualidade, assumiria um caráter perverso polimorfo inato, presente desde a mais tenra infância. Ela não é fixa, não é condicionada a um único objeto, não é prédeterminada por bases biológicas e não corresponde à lógica binarista. A pulsão circula livremente pelos sujeitos, admite ampla variação, transpassa as zonas erógenas, desvia do alvo e dos objetos sexuais ditos "normais", provocando influências significativas no desenvolvimento das psiconeuroses.

Dando continuidade ao escritos dos *Três Ensaios*, Freud vai abordar diretamente as manifestações sexuais na infância. Como resultado da sensação de prazer produzida na experiência da mamada, correspondendo à necessidade de alimento para sobrevivência, o ato de chuchar surge como legítimo herdeiro do prazer experimentado, onde a boca constitui-se numa zona erógena e o próprio corpo da criança serve de objeto sexual representando uma evidência do autoerotismo infantil. Freud afirmava: "A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas" (FREUD, 1905/2006, p. 171). Assim ocorre com as outras zonas erógenas, como a zona anal ligada às funções de excreção e as genitais relacionadas à função urinária e alvo dos rituais de higiene. Nessa fase existe uma fragmentação das pulsões parciais que torna incapaz a escolha de um objeto, como afirmou Mezan (2006):

A ausência de objeto externo (autoerotismo) e a fragmentação das pulsões parciais (falta de organização sob o primado da genitalidade) são rigorosamente complementares: a sexualidade da criança é autoerótica porque as pulsões parciais estão dispersas, e cada qual procura a satisfação independentemente das demais (MEZAN, 2006, p.134).

Como reflexo das atividades que ocorrem na zona genital temos os primeiros episódios da masturbação infantil, ainda que esta só vá adquirir maturidade na puberdade, atravessando um longo período de latência. Nesta etapa do

desenvolvimento infantil, por volta do quarto ano de vida, começam a ser introduzidos pela educação os diques (que servirão para barrar o fluxo da pulsão sexual), entre eles o asco, a vergonha e a moral. Ainda assim, a criança apresenta inclinações muito semelhantes às perversões, como o ato de se despir sem pudores ou querer espiar as genitálias de seus colegas, bem como a crueldade.

Somente com a entrada na puberdade, as zonas erógenas são subordinadas ao primado das zonas genitais, que nessa fase já estão desenvolvidas e amadurecidas para o encontro com o alvo sexual. Ainda que do ponto de vista biológico este fenômeno esteja atrelado à reprodução, permanece a ligação de tais atividades com a busca de prazer e descarga. Apesar desse complexo processo de consolidação das etapas do desenvolvimento sexual marcar a história do sujeito, ocorre a amnésia que encobre os primeiros anos da infância, o que remete a problemática do inconsciente. Segundo Mezan (2006):

A sexualidade infantil existe sob o modo da repressão, e seus efeitos irão se manifestar no adolescente e no adulto: eis, em síntese o conteúdo dos *Três Ensaios*. A repressão surge assim como cimento que solda entre si as duas faces da moeda, interditando a sexualidade e instituindo o inconsciente; e estas operações não são isoladas entre si, mas cada uma delas é a verdade da outra, como momento necessário da constituição de si mesma. A interdição do sexual- de per si inconsciente- conduz à região do Hades a maior parte das experiências infantis; e o inconsciente é ao mesmo tempo o modo no qual as sombras existem, à espera de ressureição, e o lugar, guardado pelo Cérebro repressivo, em que desenvolvem seus movimentos, silenciosos mas nem por isso menos reais (MEZAN, 2006, p. 138).

Ao expor a questão da sexualidade infantil e os processos envolvidos no desenvolvimento psicossexual, Freud revela a complexidade de um fenômeno que até então estava reservado aos territórios mais íntimos e aponta a importância que tem na história do sujeito. A metapsicologia apresentada por ele confronta a biologia, pois aqui a sexualidade não somente está representada no corpo, mas no psiquismo, na linguagem e no inconsciente. Este trabalho era uma continuação do que Freud já vinha investigando desde as histéricas, ao constatar que os sintomas físicos manifestados por essas pacientes na verdade se tratavam de conversões somáticas decorrentes de um conflito recalcado de ordem sexual presente no inconsciente. Porém, foi preciso refutar sua hipótese inicial e abandonar "sua neurótica", pois, a menos que todos os pais fossem verdadeiros abusadores, nem toda sedução sexual relatada pelas pacientes poderia ser real. Ao explorar o conceito de pulsão essa peça do quebra cabeça teórico

fica preenchida, pois ele passa a compreender os mecanismos atuantes na constituição da sexualidade e as reminiscências deixadas como vestígios de uma criança perversa polimorfa. Como nos apontou Bastos (1998):

O corpo sexual é o corpo infantil seduzido e apossado pela pulsão. Ele não surge com a puberdade. É produto da sexualidade infantil. A sexualidade infantil nasce apoiando-se nas funções vitais promotoras de excitações corporais indistintas na sua origem que, no divórcio entre a necessidade e o desejo, configuram, de um lado, o corpo das necessidades vitais e, de outro, o corpo do desejo sexual (p. 75).

Desse modo, o corpo ocupa lugar importante na teoria psicanalítica, pois é a partir dele e de suas zonas erógenas carregadas de estímulos prazerosos que o sujeito inicia seu desenvolvimento psicossexual. Resta compreendermos agora como essa experiência é marcada, na teoria freudiana da sexualidade, dentro das categorias homem e mulher.

7.4 MASCULINIDADE E FEMINILIDADE

No escrito *A organização genital infantil*, Freud (1923) explicita a necessidade de dar seguimento à teoria da sexualidade, reconsiderando que a primazia dos órgãos genitais estaria presente na criança, sobretudo no menino, assinalando a primazia do falo. Ao descobrir a ausência de pênis nas meninas, o menino imaginaria que em algum momento elas tiveram um pênis, e, provavelmente, vieram a perdê-lo por conta de uma punição. Assim o menino se depararia com a castração. Até esse momento, no entanto, a questão ainda não gira em torno de masculino e feminino, "a antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado" (FREUD, 1923/2006, p. 161). Somente na puberdade é que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino.

A questão do desenvolvimento psicossexual nos meninos e nas meninas ainda não estava bem clara quanto às suas semelhanças e diferenças. Ainda assim, as suposições de que a inveja do pênis ocasionada na menina provocaria reflexos no desenvolvimento de sua feminilidade, suscitaram o que Freud denominou de "complexo de masculinidade". Existiriam três maneiras de se desempenhar uma formação reativa à ferida narcísica causada pela ausência do falo na menina. A

primeira seria um sentimento de inferioridade, onde a menina tentaria lutar contra a percepção da falta, insistindo em ser como um homem. A segunda, por deslocamento, poderia ser representada como um traço característico de ciúme, onde a criança teria um rival. Nesse ponto Freud faz alusão a fantasia de "uma criança é espancada" como uma relíquia do período fálico das meninas. E a terceira consequência poderá representar um afrouxamento da relação afetuosa da menina com seu objeto materno, quando a mãe "é quase sempre considerada responsável por sua falta de pênis" (FREUD, 1925, p.283).

Outro episódio que marcará o desenvolvimento da feminilidade será a descoberta da "inferioridade" do clitóris, resultando disso que a masturbação é "mais afastada da natureza das mulheres" (FREUD, 1925, p.283). Até este momento o complexo de Édipo não havia emergido na vida da menina, ocorrendo, porém, um deslizamento em sua libido em que passa a ocupar uma nova posição onde não mais desejaria um pênis, mas sim um filho. O pai é então tomado como objeto de amor, marcando pôr fim a entrada no Édipo.

Essas construções teóricas aparecem no texto Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925), onde Freud localiza a pré-história do complexo de Édipo nas meninas afirmando ser esse uma formação secundária: "enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração" (FREUD, 1925/2006, p. 285). O complexo de castração, portanto, inibiria e limitaria a masculinidade, ao passo que incentivaria a feminilidade. Ainda assim, a teoria da sexualidade levava em "conta tanto representações masculinas da feminilidade como representações femininas da masculinidade" (ROUDINESCO, 2016, p.346). O que levou Freud a concluir que:

Todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto (FREUD, 1925, p. 286).

Desse modo a diferença do desenvolvimento sexual para os sexos masculino e feminino, é, segundo Freud: "uma consequência inteligível da distinção entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida" (FREUD, 1925/2006, p.285). Ainda assim, a entrada e o abandono do complexo de Édipo são passagens

fundamentais para compreender os efeitos que essa etapa do desenvolvimento psicossexual promoverá no sujeito. No caso dos meninos, após sofrer com o choque da castração, eles terão como herdeiro o superego. Com a menina, como ela primeiro passou pela castração, ela poderá lentamente abandonar o complexo ou lidar com a repressão que acarretará prejuízos em sua vida mental.

No entanto muitos teóricos estavam insatisfeitos quanto as conclusões que Freud vinha apresentando, havendo diversas reviravoltas no conceito de primazia do falo entre os autores pós-freudianos, dentre eles: Ernest Jones, Melanie Klein, Helène Deutsch, Karen Horney, Lacan e contemporâneos. Um dos problemas do discurso freudiano foi ter feito alusão ao falo como correspondente do pênis gerando uma confusão teórica esclarecida por Lacan:

O falo é aqui esclarecido em sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isto um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. (LACAN,1958, p.696).

Lacan compreende o falo como um significante que permitiria à criança tornarse um sujeito de desejo, a partir do momento em que ela deixa de ser o falo, para ter ou não ter o falo. Não pretendemos nos aprofundar na questão do falo para a psicanálise lacaniana, pois é um tópico extenso que exige um estudo específico para tal. Apenas deixamos claro que compreendemos o falo não como o órgão sexual masculino, mas sim como aquilo que ele representa.

O fato de a teoria da feminilidade ter sido uma herdeira do fim do século XIX, representando a sociedade em que Freud vivia, levou-o a retornar a essa questão muitas vezes com o passar dos anos. Em seu texto posterior, *Sexualidade feminina* (1931), Freud retomou a questão do afastamento da menina com a mãe (pois através dessa figura, a menina se depara com o seu próprio complexo de castração). Como saída para o paradoxo da identificação, a angústia teria três fontes de escoamento: "(a) o que leva à cessação de toda sua vida sexual; (b) o que leva a uma desafiadora superenfatização de sua masculinidade; (c) os primeiros passos no sentido da feminilidade definitiva" (FREUD, 1931/2006).

Nessa fase primitiva e pré-edipiana a menina descobre sua atividade fálica característica: a masturbação do clitóris. Isto pode ocorrer devido às atividades da

higiene, muitas vezes remetidas à fantasia comum da babá sedutora. Além disso, pode ocorrer a sedução real da parte de alguém próximo da criança (uma cuidadora, o grupo de outras crianças). Surge, então, a proibição da masturbação. A partir dela, a menina tende a reagir com ódio à figura da mãe ou aos seus substitutos. Quando da persistência da masturbação, abre-se caminho em relação à masculinidade. Assim, a menina se empenha em se apropriar de uma satisfação que lhe foi aparentemente negada: o gozo. O ressentimento por ser impedida de uma atividade sexual livre desempenha um forte papel em seu desligamento com a mãe.

A partir dos debates provocados principalmente pela entrada das analistas mulheres na psicanálise, Freud tentou elaborar uma reparação de sua teoria do desenvolvimento sexual na menina, a respeito da qual não omitiu sua insatisfação. Na "Conferência 33", intitulada *Feminilidade*, ele afirmou:

Os senhores, agora, já estão preparados para saber que também a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade. Sem dúvida, a explicação deve provir de outras fontes e só pode vir quando houvermos aprendido de que modo, em geral, se efetuou a diferenciação dos organismos vivos em dois sexos (FREUD, 1933/2006, p.117).

Tampouco a psicanálise tenta descrever o que é uma mulher, mas se indaga como as mulheres se formam e se desenvolvem, sobretudo em sua vida sexual. As diferenças principais entre a menina e o menino, no desenvolvimento da sexualidade, consistem na concepção de que a inveja do pênis deixaria vestígios na menina, que seria marcada pela recusa da mãe em lhe dar o pênis. Por isso, a menina passa a esperar receber um falo de seu pai (após ter entrado no Édipo e trocado de objeto de amor). Freud enfatiza que a menina teria uma tarefa a mais do que o menino, ao ter que transferir sua sensibilidade do clitóris para a vagina.

Freud volta ao ponto de discussão da antítese atividade/passividade, assim como à tendência de atrelar a masculinidade à atividade e agressão, e a feminilidade à passividade. Para o autor, a predisposição bissexual faz oscilar essas funções tanto no homem quanto na mulher. Na vida adulta, a mulher sofreria algumas regressões às fases pré-edipianas levando-a a períodos que oscilariam entre uma maior masculinidade ou uma maior feminilidade; o que constituiria o "enigma da mulher", ou ainda uma explicação para a expressão da bissexualidade na vida das mulheres.

Desse modo, sua afirmação anterior de que a libido seria tipicamente masculina também é reconsiderada. Freud conclui que a força motriz da sexualidade (a libido) é apenas uma, servindo tanto às funções sexuais masculinas, quanto às femininas. Em suas palavras: "À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo" (FREUD, 1933/2006 p.130). Em relação às diferenças no curso da vida sexual masculina e feminina, o autor pontuava que nem sempre era possível distinguir a influência da função sexual e a influência da educação social.

Apesar desta ter sido a máxima contribuição teórica de Freud, que ele mesmo reconheceu como sendo frágil e incompleta, consideramos como pontos centrais para nossa articulação teórica duas noções principais: 1) a predisposição bissexual; 2) a libido como uma energia circulante, livre e única, sem distinção entre os sexos.

7.5 SEXUALIDADE E MAL-ESTAR NA CULTURA

Desde os *Estudos sobre a Histeria* (1895), resultado da parceria de trabalho entre Freud e Breuer, os fatores sexuais eram tomados como hipóteses para explicar o surgimento da neurastenia. Já as investigações sobre a histeria realizadas por Charcot consideravam que haveria um comprometimento fisiológico em sua origem, que podia ser sanado com a hipnose. Através do que Freud ia constatando em sua clínica, sobretudo quando adota, por fim, o método catártico, ele formula sua teoria da sedução ao notar que as histéricas sofriam das reminiscências ligadas a cenas carregadas de conteúdo sexual que, devido ao recalque, geravam um acúmulo de energia que era descarregada na forma de sintoma. A partir dessa conclusão, ele passa a correlacionar os fatores sexuais na etiologia não apenas da histeria, como também da neurose. Tanto fatores contemporâneos da vida sexual quanto fatos do passado podem desencadear um conjunto de sintomas ligados ao trauma sexual.

No texto *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* de 1908, Freud vai considerar os danos ocasionados pelo regime de uma moral sexual imposta aos indivíduos, tanto com a repressão das mulheres na expressão de sua sexualidade, quanto às restrições de satisfação sexual dentro do casamento monogâmico para os homens. Além disso, as próprias condições de vida nas metrópoles decorrente do progresso, muito mais exigente e agitada, acarretavam efeitos para o aparelho psíquico e as necessidades pulsionais de cada indivíduo. Freud afirma que "Nossa civilização

repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos" (FREUD,1908/2006, p.173).

A sublimação surge como um mecanismo psíquico possível para que cada um, do seu modo, possa lidar com sua natureza instintual. No entanto, nesse projeto empreendido pela civilização que visa legitimar a sexualidade apenas com a justificativa da reprodução, tentando garantir que o indivíduo dedique toda sua potência em atividades culturais, está suscetível ao malogro. Malogro este observável tanto nos casos de neurose quanto de perversão. Para Freud, exigir que todos tivessem uma conduta sexual única era uma grande injustiça social, com efeitos nocivos para seus sujeitos.

Neste escrito, Freud ainda tece uma crítica aberta contra os casamentos monogâmicos e heterossexuais, símbolo da frigidez feminina e a redução da libido masculina, sobretudo dentro dos padrões impostos pela moral sexual do início do século XX. O casamento heterossexual, enquanto uma instituição compulsória a todos os indivíduos daquela época, minava ainda mais a possibilidade de expressão da satisfação homossexual. A conclusão final de Freud é que:

Acrescentemos que a restrição da atividade sexual numa comunidade é, em geral, acompanhada de uma intensificação do medo da morte e da ansiedade ante a vida que perturba a capacidade do indivíduo para o prazer, assim como a disposição de enfrentar a morte por uma causa. O resultado é uma redução no desejo de gerar filhos, privando assim esse grupo ou comunidade de uma participação no futuro. Em vista disso, é justo que indaguemos se a nossa moral sexual 'civilizada' vale o sacrifício que nos impõe, já que estamos ainda tão escravizados ao hedonismo a ponto de incluir entre os objetivos de nosso desenvolvimento cultural uma certa dose de satisfação da felicidade individual (FREUD, 1908/2006, p.186).

Em *Mal-Estar na civilização* (1930), Freud vai retomar a questão do sofrimento gerado pelo choque dos instintos individuais com as imposições da civilização. Ele afirmava que o princípio de prazer se apresentava de diferentes formas em cada indivíduo, como uma estratégia da economia libidinal para reduzir o sofrimento. Haveria, para Freud, três fontes principais de sofrimento:

...o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. (FREUD, 1930/2006, p.93).

O amor (Eros), reconhecido por Freud como um dos fundadores da civilização, sugere que o encontro com um objeto sexual que lhe conceda certas doses de satisfação, seja um dos caminhos para o encontro com a felicidade, além disso, ele é fundador da família. Entretanto, ao passo que essa tendência em ampliar a unidade cultural através dos relacionamentos humanos contribui para o progresso da humanidade, por outro, as restrições impostas a esse modo de se relacionar desemboca no mal-estar. Conforme anuncia Freud (1930/2006):

Os tabus, as leis e os costumes impõem novas restrições, que influenciam tanto homens quanto mulheres. Nem todas as sociedades vão igualmente longe nisso, e a estrutura econômica da sociedade também influencia a quantidade de liberdade sexual remanescente. Aqui, como já sabemos, a civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade da energia psíquica que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade (p.109).

A troca de parte de sua satisfação individual por uma parcela de segurança, leva a uma opressão servil. O mecanismo de sublimação não pode ser efetivo enquanto um antídoto para a adaptação das subjetividades à tais exigências civilizatórias, pois exige um desapego egóico (e o encontro com a alteridade), que fere a constituição narcísica. Como nos apontará Kupermann (2017):

Vislumbra-se, assim, o quarto golpe do narcisismo da humanidade: o desamparo (Hilflosigkeit), que compele o sujeito à erotização da sua existência- por meio da busca, sempre singular, de satisfação das suas pulsões e de realização do seu desejo-, ao mesmo tempo em que o expõe à ameaça de violação narcísica (KUPERMANN ,2017, p.55).

O autor acima afirma ainda que não se pode "terceirizar a erótica" (KUPERMANN,2017), também não sendo suficiente a simples abolição da repressão sexual para a restauração da satisfação, uma vez que é preciso que cada um encontre os meios de realização dos seus desejos. Com isso, ressaltamos a importância de retornar aos conceitos fundamentais da teoria freudiana, promovendo uma articulação entre eles com as mudanças que foram ocorrendo na cultura e compreendendo como a sexualidade no encontro com tais mudanças vai promovendo consequências individuais de dimensões ainda não tangenciáveis, sobretudo, frente as ondas de revolução sexual que viemos acompanhando desde o final do século XX.

7.6 PSICANÁLISE E GÊNERO

Às voltas com a eclosão dos discursos feministas que estavam em plena efervescência a partir dos anos 1920, alguns textos freudianos como: *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), *Sexualidade Feminina* (1931) e *Conferência XXIII* (1933), estavam em franco debate com os questionamentos suscitados por esses movimentos dentro da psicanálise. As mulheres debatiam sobre feminilidade, maternidade e emancipação, além de interrogarem, no interior da psicanálise, o conceito de libido única e o falocentrismo.

Existem muitas contradições no modo como Freud construiu as categorias de feminilidade e masculinidade, colocando-as em oposição nos momentos iniciais, motivado pelos papéis sexuais desempenhados em sua época (masculino/ativo; feminino/passivo). Categorias que foi levado a revisitar e, como resposta às interrogações levantadas pela onda feminista sobre o lugar da mulher, ele afirmava:

Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor; mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto (FREUD, 1925/2006, p.286).

A elaboração que o autor fazia sobre as diferenças no processo de desenvolvimento sexual do menino e da menina é sustentada por todos os pilares metapsicológicos que, desde *Os Três Ensaios*, estavam em construção. Freud estava preocupado não em marcar a diferença entre os sexos, mas compreender os efeitos causados por essa diferença. No entanto, ele estava indelevelmente contaminado pelo molde de uma sociedade patriarcal, que colocava a mulher em uma condição de passividade "inata". A respeito da teoria da inveja do pênis, aponta Roudinesco (2016):

Que essa tese seja exata empiricamente não significa que seja universalizável, na medida em que, mesmo quando em sintonia com a

subjetividade infantil, ela pode se modificar em função das transformações da sociedade (ROUDINESCO, 2016, p.339).

Além disso, ao propor a fórmula que "o destino é a anatomia", ele não estava condenando o sujeito em um horizonte instransponível, mas sim, reconhecendo que para cada sujeito pode haver um destino para poder se emancipar. Não havendo uma categoria pura de masculinidade ou feminilidade, e, portanto, não existindo a diferença dos sexos (ROUDINESCO, 2016, p.339). No entanto, os mesmos argumentos utilizados por Freud em uma fase final de suas produções não garantem a inexistência de incompletudes teóricas que ficam evidentes, se considerarmos que inicialmente ele adaptou a teoria ao sistema binário (parte de um ritual cultural), quando, por exemplo, dá lugar de destaque ao falo, ou, justifica a suposta "inferioridade" da mulher à sua condição de castrada. Desse modo, não pretendemos tomar os conceitos como soberanos, pelo contrário, buscaremos entender quais os pontos cegos deixados por Freud em sua *Sexualtheory*, e as transformações ocorridas a partir dos movimentos de emancipação sexual. Sem, porém, desconsiderar o que foi feito, como nos direciona Kehl (2017):

Em parte, por mérito da própria psicanálise, que colaborou para difundir no Ocidente a noção de que grande parte do sofrimento psíquico (sem contar os padecimentos do corpo) se deve aos impedimentos impostos pelas normas sociais ao livre exercício da sexualidade (KEHL, 2017, p.21).

Apesar de Freud não ter usado o termo gênero em nenhum momento da sua obra, Laplanche (2015) nos indica que seria pertinente adotar *Geschlecht* como um equivalente para tal definição, significando "sexo sexuado" em uma tradução mais simplificada. As primeiras aproximações do conceito de gênero propriamente dito e a psicanálise se iniciaram com os estudos do psicólogo John Money, que abordou a questão do hermafroditismo e introduziu algumas definições para os papéis sexuais e identidade sexual. Money participou da Clínica de Identidade Sexual na Johns Hopkins, EUA, em 1965, acompanhando de perto os estudos sobre a cirurgia de redesignação sexual. Ele considerou que a identidade sexual conferia ao indivíduo um senso de si mesmo sendo uma peça central da sua identidade e saúde emocional.

Para Money, a revolução sexual era uma ameaça à integridade conservadora, pois oferecia um ataque ao senso de si mesmo como homens e mulheres, decorrente

das mudanças no status de definição da masculinidade e feminilidade. Existia, assim, um medo de que após a eliminação das diferenças entre os sexos, os seres humanos se transformariam "todos em palermas assexuados ou palermas ambissexuais" (MONEY; TUCKER, 1975, p 11). Para esses autores, os estereótipos culturais sexuais apoiavam os próprios esquemas sexuais, servindo como moldura para o papel sexual desempenhado por cada sujeito. A encruzilhada da identidade sexual iniciara-se após o nascimento quando o bebê era definido como "menino" ou "menina", o que tinha a força de uma profecia auto-realizadora. Ainda segundo eles, caberia aos membros da sociedade ajudar a flexibilizar os estereótipos culturais rígidos, a fim de atender às mudanças presentes e futuras, permitindo que as diferenças reais emergissem.

Na época de Money também nos Estados Unidos, o médico e psicanalista Robert Jesse Stoller adotou o propósito de encontrar raízes não biológicas no comportamento de gênero, partindo de sua experiência com os pacientes transexuais. Ao considerar gênero ou identidade de gênero como um estado psicológico, Stoller assinalou uma diferença radical com o sexo referente ao estado biológico. Com isso, ele introduziu o conceito de identidade de gênero na cena psicanalítica, referindo-se à mescla de masculinidade e feminilidade encontrada em todo indivíduo. Sendo a masculinidade e a feminilidade "definidas, aqui, como qualquer qualidade que é sentida, por quem a possui, como masculina ou feminina" (STOLLER,1993, p.28). O gênero é, portanto, uma massa densa de convicções modificada conforme as mudanças sociais.

A identidade de gênero nuclear que confere "a convicção de que a designação do sexo da pessoa foi anatomicamente e psicologicamente correta" (STOLLER, 1982), resulta de alguns fatores: uma força biológica; a designação do sexo no nascimento; a atitude dos pais; fenômenos bio-psíquicos e o desenvolvimento de um ego corporal.

A força biológica é determinada pela configuração cromossômica e pela produção dos hormônios que transformam a gônada indiferenciada dos primeiros estágios do desenvolvimento fetal nos órgãos ditos masculinos ou femininos. A etapa subsequente seria a atribuição feita pelos pais ao bebê a partir da aparência dos genitais sem questionarem tal designação. Assim como a nomeação, a atitude parental tem papel fundamental, principalmente em caso de crianças hermafroditas onde se deve optar por um dos sexos.

Para o autor citado acima, os fenômenos bio-psíquicos se imprimiam ou se fixavam de forma inconsciente num percurso que ia da mãe para o bebê (o que mais tarde Stoller chamaria de *imprinting*) e que, o período pré-edípico seria considerado o fator mais importante na formação da identidade sexual. Essa fase primitiva do desenvolvimento iria impactar na formação do ego corporal onde o indivíduo desenvolveria um "inequívoco sentido de ser um homem ou de ser uma mulher" (STOLLER, 1993, p.32), uma vez que a designação de sexo e a educação também tivessem sido inequívocas.

Stoller (1982) contestou a bissexualidade constitucional proposta por Freud e afirmou que, no estágio primitivo do desenvolvimento do bebê há a marca de uma feminilidade primária, para ambos os sexos, marca que é resultado do contato do bebê com o corpo da mãe. Ao contrário do que propôs Freud (de que a menina teria uma tarefa a mais que os meninos em seu desenvolvimento sexual) para Stoller, na verdade, era o menino que deveria se esforçar para repudiar a feminilidade para se tornar masculino, ou seria "contaminado" irreparavelmente com essa feminilidade. Partindo dessa hipótese para estudar o transexualismo, o autor dá ênfase à influência das mães no caso de meninos com acentuada feminilidade.

Segundo o autor, para se defender da castração, alguns meninos intensificam sua identificação com o pai, enquanto outros, encorajados por suas mães, podem não superar a fase simbiótica e mais adiante desejarem se transformar em uma mulher. Uma dinâmica familiar composta por uma mãe bissexual, depressiva e com uma forte inveja do pênis somada a uma figura paterna distante e passiva serviria de précondição, de acordo com Stoller, para a transexualidade.

A simbiose estabelecida entre mãe e filho deve ser do tipo de "uma simbiose feliz", havendo um enamoramento da mãe por esse filho, assim como um acentuado contato corporal. O pai, por sua vez, não incentiva a separação do menino de sua mãe, tampouco estimula os interesses sexuais do menino. A partir do conflito gerado por uma masculinidade negada e pelo não atravessamento do conflito edípico, o destino do menino se encontra fora do alcance de suas mãos, revelando uma dinâmica inconsciente na construção da identidade de gênero nuclear. Stoller afirmava:

Parece-me que estas experiências mais primitivas 'impressas' (imprinted) permanentemente na psique (e no cérebro?) agem tão inexorável e inalteravelmente como o fazem os 'instintos', e, embora não sejam primariamente originárias de esforços biológicos, criam

demandas psíquicas permanentes que serão sentidas pelo indivíduo como se fossem 'instintivas' (1982, p.37)

O menino, ao se transformar no falo da mãe, é guardado como um tesouro numa relação simbiótica excessiva. Por causa disso, sofrerá um distúrbio profundo em seu ego corporal, ocorrendo que "ele se sente como sendo de alguma forma mulher, apesar de ter conhecimento de que é um homem" (STOLLER, 1982, p. 54). No caso das transexuais mulheres haveria uma interrupção da simbiose mãe-bebê, devido a uma depressão materna ou a uma enfermidade física. Neste caso, o movimento seria o de uma aproximação com a figura do pai, o qual toma a filha como companheira, encorajando-a a se comportar como ele e a manter os mesmos interesses. Nesses casos, faltava alguém para encorajar a menina em direção à feminilidade.

A interpretação freudiana do Caso Schreber, relacionando sua homossexualidade com o desenvolvimento da paranoia (FREUD, 1911), acarretou alguns debates entre os psicanalistas da época. Stoller chegou a afirmar que:

O sexo de Schreber está mudando. Ele gradualmente se sente, primeiro agarrado com um susto paranoico, depois com um prazer megalômano voluptuoso, que ele sofreu influências sobrenaturais, que seu corpo se transformará no corpo de uma mulher e que ele pode procriar uma nova raça. Essas fantasias não são apenas uma questão de escolha de objeto, zona libidinal ou conflito edipiano (STOLLER, 1973, p.143, tradução nossa).

O autor conclui que o delírio de Schreber em mudar de sexo está ligado a seu quadro psicótico, diferente dos casos de transexuais que sabem não ser possível mudar de sexo e não apresentam uma alucinação de que partes do corpo possam se transformar. Portanto, a principal proposta de Stoller a propósito da experiência transexual foi que a melhor opção de tratamento para esses casos seria a cirurgia de transgenitalização, com o objetivo de reduzir o sofrimento no modo como esses sujeitos vivenciavam a relação entre seu corpo e sua psique. Stoller não considerava a perversão como sendo responsável pelo desvio sexual no caso da experiência transexual. Para ele, a perversão surgia como resultado do conflito edipiano, o que não acontece com o menino transexual. Em suas palavras:

Assim, sem desejar a mãe como objeto sexual ou o pai como um objeto para identificação, sem barreiras para simplesmente ter sua mãe- ser como ela é mais possessão do que mesmo deseja-la- não

existe conflito edipiano, ansiedade de castração, o que dificilmente é a mesma situação que ocorre na normalidade ou na perversão. (STOLLER, 1982, p.123).

Após as contribuições de Stoller com a entrada do conceito de gênero na psicanálise, que recebeu inúmeras críticas por apresentar-se como uma teoria generalista de um fenômeno muito mais complexo (PERSON; OVERSEY,1999), foram elaboradas outras teorias baseadas nos contextos das diferentes escolas de pensamento, dentro da psicanálise clássica contemporânea, da escola neoclássica francesa, na perspectiva da psicologia do ego e nas teorias pós-modernas. Entretanto, o persistente debate dos estudos de gênero com a teoria freudiana da sexualidade é bastante pertinente para compreendermos a contribuição da teoria da sexualidade de Freud nesta discussão.

Desde meados das últimas décadas percebe-se uma certa ampliação do questionamento acerca da natureza das mulheres para a própria categoria de gênero. Assim, Dimen e Goldner (2007), no artigo intitulado *Gênero e Sexualidade*, publicado no Compêndio de Psicanálise, nos apontam que: "Os termos gênero e sexualidade têm tido histórias conceituais e lexicais distintas na teoria psicanalítica e na cultura em geral" (DIMEN; GOLDNER, 2007 p.105). Conforme afirmam as autoras, com o advento do feminismo psicanalítico, citando como principais referências as autoras Dinnerstein (1976), Chodorow (1999) e Benjamin (1988), o gênero foi conceitualizado mais como uma categoria social do que psicológica, encontrando diferentes intersecções disciplinares, o que gerou uma "tensão entre o "gênero teórico", do modo como tem sido construído na academia, e o "gênero psicológico", correspondente à experiência vivida" (DIMEN; GOLDNER,2007, p.106), presente na clínica.

O fato de Freud interpretar a diferença entre os sexos a partir de um dado anatômico, presença de pênis/ausência de pênis, fálico/castrado, como apontamos anteriormente, voltou-se contra ele em forma de acusação por ter criado uma teoria biologicista. Dimen e Goldner (2007) afirmaram:

O primeiro de muitos passos errados foi a aparentemente inofensiva premissa de que o gênero era uma "consequência física da distinção anatômica entre os sexos" (Freud, 1925). Essa declaração ostensivamente neutra, mas, em última análise, ideológica serviu para fundamentar sua equiparação de masculinidade à atividade e feminilidade à passividade. Ainda que esses estereótipos sociais

operassem ao nível do senso comum, ele sempre soube que eles eram problemáticos, tanto filosófica como psicologicamente (DIMEN; GOLDNER, p.108).

As autoras defendem que ao propor a distinção anatômica, como explanamos anteriormente, Freud levou a uma fetichização dos genitais mitologizando tais diferenças baseando-se nos ritos culturais, que enquadra os sexos em categorias excludentes. A primazia do falo também foi um dos pontos de principais críticas da teoria feminista, que apontam o monismo de gênero em Freud onde a masculinidade marca a diferença sexual nas mulheres a partir do trauma da falta. Segundo Dimen e Goldner (2007), as categorias masculino/feminino que na teoria freudiana são derivadas do binário anatômico homem/mulher, naturalizou o processo de cisão dos gêneros, conforme afirmaram:

Freud amalgamou as distinções entre gênero *nominal*, a categoria por meio do qual somos chamados e chamamo-nos de masculinos ou femininos; gênero *subjetivo*, o significado psíquico e o sentido da experiencia de "ser" masculino ou feminino; gênero *ideológico*, as categorias avaliativas, psicossimbólicas, de masculinidade e feminilidade, que, como as feministas e os teoristas culturais demonstraram, atribuem tudo o que é culturalmente valorizado à "masculinidade" e projetam tudo que é odiado e temido na "feminilidade" (DIMEN; GOLDNER, p.109).

Para as autoras, tais argumentos levam à acusação de Freud à misoginia. Além disso, a teoria do complexo de Édipo, no modo como foi proposta inicialmente, seria uma justificativa da "compulsão" à heterossexualidade. O que elas esclarecem neste texto, de um modo geral, é que a construção acerca do conceito de gênero entre os pós-modernos colocou em discussão não somente a essência do gênero, mas sim as relações que se estabelecem para sua construção, como a própria questão da intersubjetividade e as representações psíquicas da corporificação do gênero. As autoras apontam também como a compreensão do gênero foi influenciada pelas diferentes correntes de pensamento dos quais seus articuladores eram adeptos:

Seguindo Lacan, Harris (1991) chamou o gênero de uma "ficção necessária"; Benjamin (1998), seguindo Marx, chamou-o de "aparência real"; Goldner (1991) caracterizou-o como uma "verdade falsa" paradoxal. Cada uma dessas metáforas condensa a arte do segundo olhar, expressando a ideia de que, embora o gênero não seja uma identidade ou a essência no cerne de uma pessoa, ele é, ainda, uma experiência essencial que vem a constituir a identidade. O desafio

não é negligenciar a essência do gênero, nem desmaterializá-lo (DIMEN; GOLDNER,2007, p. 107).

Desse modo, para as autoras, o gênero deve ser compreendido de um modo descentralizado, não correspondente ao sistema binário de classificação dos sexos, mas sim como um recurso simbólico que compõe o idioma pessoal de cada sujeito no modo como experiência o seu próprio gênero. Ainda que as críticas ao discurso freudiano sejam evidenciadas neste escrito, para Dimen e Goldner (2007) a questão da sexualidade na psicanálise pode reencontrar seu eixo teórico na medida em que acolher as análises sociais e feministas, podendo emprestar conceitos como os de pulsão, instinto e libido, para a compreensão do desenvolvimento e da história individual da psicossexualidade.

8. AMPLIAÇÕES DA TEORIA DA SEXUALIDADE FREUDIANA EM LAPLANCHE

Jean Louis Laplanche, nascido na região da Borganha/França, estudou filosofia e foi aluno de Merleau-Ponty na École Normal Supérieure. Depois de entrar em contato com a teoria psicanalítica no período que esteve em Harvard, retornou à França e frequentou os seminários de Lacan, tornando-se também seu analisando (CALICH,2016). Cada vez mais envolvido com o movimento socialista e a psicanálise, e também discordando da postura técnica de Lacan, fundou a Associação Psicanalítica da França, filiada à IPA. Foi professor Emérito da Universidade de Paris e orientou um grande número de teses, incluindo em países latino-americanos, principalmente Brasil, Argentina e México. Entre sua vasta literatura, o famigerado *Vocabulário de Psicanálise*, publicado junto com J-B Pontalis, teve grande importância para a psicanálise; em partes devido seu domínio da língua alemã o que contribuiu para a tradução dos conceitos, e, sobretudo, por realizar uma leitura crítica dos mesmos.

Como nos aponta Calich (2016), Laplanche adotou um método para "fazer Freud trabalhar", debatendo suas hipóteses, suas contradições, considerando seu aspecto histórico estrutural e seu objeto de estudo. Laplanche também convocou as escolas psicanalíticas a trabalharem suas diferenças, seus dogmatismos e repressões, para

superarem o território estéril criado por esses entraves. Sem receio de retornar para conceitos esquecidos na psicanálise, ele retoma a teoria da sedução freudiana dando ênfase ao inconsciente recalcado, produzido na relação adulto-infans, para edificar sua teoria da sedução generalizada, desconstruindo alguns aspectos do que foi formulado inicialmente por Freud. Laplanche conclui ainda que Freud foi levado a recalcar a teoria da sedução pelo equívoco em acreditar que a sedução estava ligada unicamente à posição psicopatológica da histérica.

Neste estudo aprofundado sobre o que propõe chamar de sedução generalizada, Laplanche reestabelece o sexual como centro do psiquismo humano. Ele considerou ainda que a alteridade radical presente na relação adulto-infans, faz parte da situação antropológica fundamental, da qual todos os indivíduos têm marcado em sua história. Essa relação ultrapassa a relação pais-crianças, podendo se reproduzir em qualquer configuração das relações familiares e humanas, com todos os seus símbolos e mensagens enigmáticas, que comportam um resíduo estritamente sexual, ou *Sexual*, como propôs em seu último livro (2016). Neste mesmo texto Laplanche esboça sua compreensão da construção da identidade de gênero.

Desse modo, julgou-se bastante enriquecedor percorrer alguns textos de Laplanche como forma de realizar uma segunda leitura de conceitos centrais da psicanálise, ligados a teoria da sexualidade de Freud, e ampliados pelo primeiro. Foram selecionados alguns trabalhos relacionados à nossa temática dando destaque à sua última publicação, que concentra textos elaborados no período entre 2000-2006, onde investiga a sexualidade ampliada no sentido freudiano.

8.1 O conceito de Pulsão (Trieb) e Instinto (Instinkt)

Um dos tópicos dos quais Laplanche se aprofunda na teoria freudiana consiste na diferença entre *Trieb* (pulsão) e *Instinkt* (instinto). Diferença que, segundo o próprio autor, teria levado Freud ao "desvio biologizante" do qual foi acusado anos mais tarde. Para Laplanche, a diferença dos supostos sinônimos poderia ser ampliada e levada a uma diferença conceitual. Após anos de pesquisa, ele retoma esta questão e afirma: "A pulsão não é mais psíquica que o instinto. A diferença não está entre somático e psíquico, mas entre, por um lado, inato, atávico, e endógeno e, por outro, adquirido e epigenético (mas nem por isso menos ancorado no corpo)" (LAPLANCHE, 2000, p.32). Para o referido autor, o instinto é hereditário e

adaptativo, enquanto a pulsão não é nem hereditária, nem necessariamente adaptativa. Revisitando a primeira teoria da pulsão, Laplanche remonta a hipótese freudiana de que a pulsão sexual emergiria devido à autoconservação e teria afirmado:

É porque os gestos autoconservativos do adulto são portadores de mensagens sexuais inconscientes para ele e incontroláveis para a criança, que elas produzem, sobre os lugares ditos e erógenos, o movimento de clivagem e de deriva que leva eventualmente à atividade auto erótica (LAPLANCHE, 1988a, p. 80).

Ou seja, os gestos sedutores dos adultos envolvidos nos cuidados com a criança não somente proporcionariam a ela a descoberta de suas zonas erógenas, mas também os conteúdos sexuais inconscientes desses adultos transmitiriam mensagens enigmáticas encravadas no inconsciente da criança. Para explicar este processo, o autor vale-se do exemplo do seio, que aparece reiteradas vezes na teoria psicanalítica, como uma forma de compreender a constituição dos primeiros objetos-fonte, objetos-interiorizados ou introjetados, apoiados na função de autoconservação. Ao seio cabe cumprir sua tarefa de conservar a vida do bebê, adquirindo posteriormente uma posição fantasmagórica de objeto de satisfação, alivio de tensão e saciedade.

A boca, ao ser estimulada sensorialmente, torna-se a fonte pela qual esse objeto (seio ou leite) vai ao mesmo tempo se satisfazer com o alimento e iniciar um processo sexual concentrado no prazer desta região (LAPLANCHE, 1985). Após esse primeiro tempo de satisfação e encontro com o objeto real (seio), quando há a perda desse objeto o autoerotismo se consolida na função de reencontrar a satisfação perdida. No entanto, o objeto-seio é um objeto parcial, pois ao entrar em contato com o objeto total, ou seja, a mãe em si, adquire um caráter fantasmático que transforma-se no objeto da pulsão sexual. Como pontuou Laplanche:

Assim, o objeto sexual não é idêntico ao objeto da função, está deslocado em relação a ele, numa relação de *contiguidade* absolutamente essencial, que nos faz deslizar insensivelmente de um para outro, do leite ao seio como seu símbolo. 'Encontrar o objeto'-assim conclui Freud numa fórmula que se tornou célebre- 'encontrar o objeto sexual é, na realidade, reencontrá-lo'; o que interpretamos assim: o objeto a ser reencontrado não é o objeto perdido, mas seu substituto por deslocamento, o objeto perdido é o objeto de autoconservação, é o objeto da fome, e o objeto que se reencontra, na sexualidade, é um objeto deslocado em relação a esse primeiro objeto. Daí, evidentemente, a impossibilidade de, em suma, nunca reencontrar o objeto, já que o objeto perdido não é o mesmo que aquele que se

deseja reencontrar. Aí está a força do 'engodo' essencial que se situa no início da procura sexual (1985, p.27).

Neste sentido, a principal diferença feita por Laplanche em relação ao instinto de autoconservação, pulsão sexual e instinto sexual é que o primeiro deles, desde o início, é impregnado das mensagens sexuais dos adultos através da sedução. Já a pulsão sexual- verdadeira pulsão no seu entender- é o resultado das inscrições realizadas no corpo-psiquismo infantil em seu contato com o outro. O instinto sexual, por sua vez, somente emergiria na puberdade, e ainda assim estaria carregado das fantasias infantis. Em Laplanche, na compreensão do conflito pulsional (onde o instinto sexual é confrontado pela pulsão sexual infantil) enfatiza-se a qualidade subjetiva da sexualidade, fruto das experiências individuais vivenciadas na mais tenra infância. O recalcamento virá a posteriori, como uma forma de defesa do ego frente as mensagens que não conseguiu simbolizar.

A teoria das pulsões em Freud foi sofrendo transformações ao longo de sua produção, dando lugar ao dualismo pulsional, sobretudo com a entrada do conceito de pulsão de morte. Para Laplanche, ela não é nada mais que uma reafirmação da sexualidade, "a sexualidade sob o menos civilizado de seus aspectos, o menos sociável, funcionando segundo o princípio da energia livre e do processo primário" (LAPLANCHE, 1988a, p. 46). O dualismo pulsional decorrente das novas elaborações freudianas, e o despontar da psicologia do Ego, que se fundamenta sob as bases do narcisismo, expressa para Laplanche um novo campo da sexualidade. Conforme o autor afirma, "O amor de objeto e o narcisismo, como sabemos, estão estreitamente ligados, e é este imenso campo da sexualidade conservadora e produtora de formas vivas, a sexualidade como forma de síntese, que toma o nome de Eros". (LAPLANCHE, 1988a, p.46).

Entretanto, segundo Laplanche a pulsão não é nem um ser mítico, nem força biológica, nem conceito-limite, mas sim o impacto gerado no ego a partir das estimulações das zonas erógenas, lugar de precipitação e organização de fantasias. O ego da criança é antes um ego-corpo. A pulsão sexual infantil continua sempre pressionando o corpo em busca de mais excitação, pois sua origem não está no corpo e sim no inconsciente. Laplanche afirmava então:

A pulsão-termo inventado para traduzir a *Trieb* freudiana, para dar a ideia de que a "*Trieb*" empurra, nos empurra para a ação- será

necessário manter o termo e a noção? Isto não é absolutamente evidente. Em todo o caso, se a mantemos, convém desligá-la do biológico. A pulsão sexual própria do homem não tem origem, à partida, no biológico, ainda que se una a este, ao nível tardio da genitalidade. (LAPLANCHE, 1987, p. 146).

Para Laplanche, a tentativa de Freud em explicar o conceito de pulsão através de modelos extraídos da fisiologia, como a do arco-reflexo, assim como um retorno ao biológico e a neurologia, levou-o a cometer o que chamou de desvio biologizante, uma vez que considerou o organismo vivo e seu sistema nervoso central como receptáculo de um traumatismo físico, não o traumatismo psíquico do qual a psicanálise se ocupa. Esse modelo foi bastante apresentado no *Projeto de Psicologia Científica* de 1895 e retomado em *Para Além do Princípio do Prazer* anos mais tarde. Na segunda tópica, ao sustentar que o que é vital no ser humano está ancorado em suas bases endógenas e biológicas, inclusive o autoerotismo, esquece-se a importância do fator exercido pelo cultural enquanto repressor da sede das pulsões e dos instintos no homem.

Laplanche defende a hipótese acima, mais veementemente, em *Freud e a Sexualidade: O desvio biologizante* (1997), pois para ele se a explicação do aparelho psíquico limitava-se às categorias biológicas, incorrer-se-ia no erro de excluir nas singularidades todo o efeito dos fantasmas originários encravados no inconsciente desde o mais primitivo tempo do pequeno ser humano.

Após mais de 30 anos de estudos sobre os conceitos de pulsão e instinto, Laplanche vai concluir que há em Freud uma simplificação, reduzindo a pulsão ao modelo instintual (mais biológico e hereditário), o que pode se justificar devido a difícil delimitação entre um e outro, que carregam em si articulações e abrangências. No entanto, Laplanche afirma que um não deve se opor ao outro, uma vez que "a pulsão não é mais psíquica que o instinto" (LAPLANCHE, 2000, p.32), e o instinto sexual, por sua vez, quando atinge seu amadurecimento na sexualidade pubertária, depara-se com os rastros deixados pela pulsão. De acordo com Laplanche:

É essa reinscrição da pulsão no campo do instinto que Freud quis finalmente realizar ao delinear, apesar de tudo, uma espécie de desenvolvimento programado em que, por um lado, sexualidade infantil e, por outro, sexualidade pubertária e adulta estão em continuidade (LAPLANCHE, 2000, p.39).

Neste sentido, para Laplanche o instinto sexual é difícil de ser definido em seu estado puro, uma vez que ele será na vida adulta influenciado pelo sexual infantil marcado no inconsciente, e este sim, o inconsciente, que é o objeto da psicanálise. A pulsão sexual, por sua vez, ocupa um lugar decisivo do nascimento à puberdade, e é "o sexual que tem sua fonte na própria fantasia, certamente implantada no corpo" (LAPLANCHE, 2000, p. 43). Como saída para os conflitos ocasionados pelo lugar que a pulsão ocupa no psiquismo e no corpo, a atividade teorizadora e autoteorizadora do ser humano o recoloca no centro de seus fantasmas originários, carregando em si os traços mnemônicos de uma experiência infantil, sob o efeito do recalque, e que estaria, como desenvolvido por Freud, na etiologia das psiconeuroses.

8.2 A Sedução Generalizada

A teoria da sedução infantil iniciada por Freud, encontrou referência nas cenas que emergiam no setting psicanalítico através do discurso das histéricas e ali, podiam ser reencontradas, reconstruídas e rememoradas. Buscando encontrar os fatores etiológicos das neuroses, Freud concluiu que o estado de despreparo da criança para lidar com a irrupção da sexualidade adulta seria uma das condições para a instauração do trauma. Existiria, para Freud, uma espécie de escala do desenvolvimento sexual infantil, que no nível psíquico se passaria em um plano psicossomático-afetivo, que permitiria à criança integrar ou não o que lhe aconteceu nessa experiência primordial de sua sexualidade.

O traumatismo decorrente dessa primeira experiência, suporia a existência de dois acontecimentos, o primeiro deles a cena da sedução, onde a criança sofreria um atentado por parte de um adulto. A segunda cena, por sua vez, surgiria após a puberdade e, apesar de menos traumática evocaria traços associativos da primeira cena, mobilizando o recalque. Devido a impossibilidade de chegar à lembrança do evento patógeno em suas análises, e também por ser necessário generalizar a perversão dos pais para justificar a primeira teoria da sedução, Freud abandona essa hipótese e escreve à Fliess em 1897 que não acreditava mais em sua neurótica. Apesar de naquela época Freud não ter percebido que suas formulações abriam um campo importante para se pensar sobre a fantasia, foi devido a esse abandono que o Complexo de Édipo passou a ser elaborado.

Laplanche se aprofunda então na teoria da sedução e propõe que sua complexidade se desenvolva em três registros: temporal, tópico e tradutivo. O aspecto temporal refere-se aos dois tempos para a instauração do traumatismo: o primeiro deles ligado a cena de sedução da qual a criança não é capaz de integrar o evento; e o segundo tempo quando após a puberdade desencadeando o despertar fisiológico da sexualidade, a lembrança da primeira cena toma o eu de surpresa e pode mobilizar uma defesa patológica pela via do recalcamento, tese já desenvolvida por Freud. O ponto de vista tópico da teoria da sedução seria a tentativa de descrever, entre fatores exógenos e endógenos, as estratégias do ego para se defender dos ataques externos. Por fim, o aspecto tradutivo que Laplanche propõe refere-se a linguagem, marcada pelas traduções e inscrições elaboradas pelo psiquismo, sendo o recalcamento uma falha dessa tradução.

Em *Novos fundamentos para a psicanálise* (1987), Laplanche reforça a positividade da teoria da sedução se admitida em uma lógica mais ampla, que coloca em pauta os conflitos pulsionais sem precisar recorrer à biologia e à filogênese para explicar as fantasias originárias. A primeira teoria da sedução freudiana, apesar de suas reviravoltas, deixou de herança a descoberta de que os sintomas histéricos eram decorrentes de fantasiais e não necessariamente de fatos reais, no caso um pai perverso. Após o aprofundamento de Laplanche nos problemas teóricos concernentes a esse constructo, o autor emprega o termo sedução originária para referir-se a uma situação fundamental que se passa entre o adulto e a criança, impregnada de significações sexuais inconscientes.

A sedução originária pode incluir ainda situações e comunicações que não necessariamente estão ligadas à um atentado sexual, como os próprios cuidados maternais por exemplo. Há ainda a instauração de um enigma, do qual os adultos não são capazes de explicar, gerado pela atividade teorizante da criança que se indaga sobre o nascimento dos bebês e a diferença dos gêneros. Por essa multiplicidade de versões, Laplanche emprega o sentido de uma sedução generalizada que só poderá ser mensurada em seus efeitos para o psiquismo no après-coup, ou seja, após o segundo tempo de inscrição. Nas palavras do autor: "O ser humano é e não cessa de ser um ser autotradutivo, autoteorizante. O recalcamento originário é apenas o momento primeiro e fundador de um processo que dura toda a vida" (LAPLANCHE, 1988a, p.121-122).

A sedução está, para Laplanche, baseada em uma situação da qual nenhum ser humano escapa, a situação antropológica fundamental da relação adulto-infans. A alteridade radical presente na relação adulto-infans ultrapassa a relação pais-crianças, podendo se reproduzir em qualquer configuração das relações familiares e humanas. Nesta relação, as mensagens comprometidas pelo inconsciente do adulto repleto de resíduos sexuais são enviadas para o inconsciente da criança. Neste processo, há um fracasso de tradução, sujeita ao recalque e que só poderá ser retomada no après-coup do tempo do sujeito, ou seja, quando aquela criança torna-se um adulto e tenta uma nova tradução daquela mensagem. Neste processo de comunicação e tradução Laplanche considera que também a identidade de gênero se configura como uma mensagem, fato que abordaremos a seguir.

8.3 O Sexual Ampliado

Ao realizar um retorno aos conceitos freudianos basilares, sobretudo em relação ao conceito de pulsão e a teoria da sedução originária, Laplanche sustentou que é na relação intersubjetiva marcada ainda pela relação de apego (motivada pelo instinto de autoconservação) que permeia o adulto e a criança, que reside a origem da pulsão sexual. Esta pulsão sexual ocupará lugar decisivo do nascimento à puberdade, e é ela que se oculta no inconsciente. Para ele, o inconsciente é acima de tudo o sexual pulsional infantil e esta seria a lição da psicanálise: o sexual é de origem intersubjetiva. O autor afirma que "A fonte da pulsão sexual infantil é o inconsciente e suas características são marcadas por essa origem" (LAPLANCHE, 2000, p. 40).

Neste ínterim entre o inconsciente sexual recalcado do adulto que funda o inconsciente da criança, lugar onde se passam as mensagens enigmáticas, contém o fantasma da castração que está na função de controlar o que a pulsão tem de mais anárquico e "problemático". A castração para Laplanche introduzirá radicalmente a criança na diferença dos sexos, nas palavras do autor:

O fantasma ou a teoria da castração como origem da diferença dos sexos introduz o sujeito humano num desenvolvimento infinito, mas também em algemas, com uma lógica binária, com uma lógica de contradição; situá-la do lado de um inconsciente primordial não seria anular a descoberta fundamental da psicanálise que é, precisamente: o inconsciente não conhece a negação? Se a negação se situa, como símbolo da negação, ao nível mais —elevado- do aparelho psíquico, como deixaria de ser a mesma coisa para a atualização fundamental da negação que é a castração? Há que situá-la, portanto, do lado da aquisição cultural imensa que introduz o gênero humano no pensamento da contradição (LAPLANCHE, 1987, p. 45-46).

Laplanche pontua no livro Problemáticas II: Castração-Simbolizações, originalmente publicado em 1980, que há uma evidência sobre a problemática da diferença dos sexos no ensaio Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos, quando considera haver uma diferenciação entre masculinofeminino fruto da distinção entre homem e mulher, nas figuras do pai e da mãe, que pressupõe a presença de um estágio pré-castrativo (ou pré-edipiano). Essa fase é marcada pelo interesse das crianças em responderem às suas teorias sexuais infantis, sobretudo sobre o nascimento dos bebês. Laplanche afirma que decorrente de todo o processo que se segue, a partir do início do conflito edipiano, há o reconhecimento de uma "distinção dos gêneros. precedendo diferenca dos sexos" (LAPLANCHE, 1988b, p. 26). Em nota de rodapé o autor acrescentou uma passagem sobre essa distinção:

A distinção entre *sexo* e *gênero* é indispensável em psicanálise. Pretendo dar-lhe um sentido preciso, muito diferente dos pressupostos e, em última instância, da confusão introduzida por Stoller. É insustentável, sobretudo, situar um dos termos do lado da anatomia e outro do lado da psicologia. Convém designar por *sexo* o conjunto de determinações físicas ou psíquicas, comportamentos, fantasias, etc., ligado à função e ao prazer sexuais. E por *gênero* o conjunto de determinações físicas ou psíquicas, comportamentos, fantasia, etc., ligado à distinção masculino-feminino. Distinção dos gêneros vai das diferenças somáticas "secundárias" até o "gênero" gramatical, passando pelo aspecto físico, vestuário, papel social, etc (LAPLANCHE,1988b, p. 26, grifo do autor).

Segundo o autor, a tese sustentada por Freud sobre a distinção anatômica pressupõe que para a criança na fase "pré-castrativa" (onde os meninos consideram que todos os seres humanos têm um pênis), os dois gêneros são admitidos, ainda não passando pelo crivo da diferença sexuada (Laplanche,1988b). O caso do pequeno Hans é ilustrativo para compreender essa passagem, pois o garotinho questionava-se justamente sobre a presença/ausência de um "faz-pipi" na mãe e na irmãzinha, e quando se depara com o horror à castração desenvolve como sintoma uma fobia à cavalos. Laplanche seguindo na proposta de "fazer trabalhar" os conceitos freudianos afirmava que:

Essa distinção entre masculino e feminino, sustenta Freud em outros trabalhos, só ocorrerá no final, no momento da puberdade. Ele também insiste no fato de que ela é dificilmente delimitável e

definível, e de que, na realidade, é uma reflexão compósita e complexa. É feita de elementos biológicos, sem dúvida, mas igualmente de todo um contexto sociológico- as atitudes fixadas para o gênero masculino e para o gênero feminino, os papéis sexuais de um e de outro, são diferentes- e, enfim, de elementos mais enraizados na psicologia individual, portanto, elementos psicossexuais (LAPLANCHE, 1988b, p. 29).

No entanto, as elaborações de Freud sobre a fase do primado do falo e as polaridades fálico-castrado, ativo-passivo, ou ainda, masculino-feminino, levam à uma interpretação binária da distinção entre os sexos. Laplanche ancora-se em dois termos alemães para entender a origem dessa diferença em Freud, são eles *Unterschied* (diferença) e *Verschiedenheit* (diversidade). Segundo ele, esses dois termos seriam importantes para a compreensão da diferença entre os sexos na teoria freudiana:

Haverá em Freud, verdadeiramente, uma linha divisória conceitual entre diferença e diversidade? Observarei que Freud fala de diferença dos sexos no sentido em que ele entende o termo sexo como o gênero humano afetado de tal ou tal sexo. Em outras palavras, a palavra sexo tem dois significados, podendo o sexo feminino designar ora o conjunto das pessoas femininas, ora o órgão sexual feminino. De modo geral, Freud emprega o termo diferença quando se trata de uma espécie composta pelo conjunto de indivíduos femininos ou masculinos, e de diversidade a propósito dos órgãos genitais (LAPLANCHE, 1988b, p.41-42).

Para Laplanche, essa diferença entre os sexos deve ser analisada em níveis diferentes, sendo eles o nível da anatomia ou da morfologia, o nível da fisiologia ou da função e o nível da pulsão. Quanto ao nível da anatomia é preciso considerar não apenas suas evidências científicas, mas também as "populares" e fantasísticas. Nos trabalhos sobre a histeria já se enfatizava a noção de um corpo imaginário, corpo onde tudo é fantasiado de maneira extravagante, assim como no sintoma das histéricas. Quando se refere aos órgãos, Freud fala em diversidade (*Verschiedenheit*), dando a cada um o que lhe é devido, ou seja pênis, testículo e pilosidade para os homens; vagina, útero e seio para as mulheres. Entretanto, nada impede que se imagine um terceiro ou enésimo gênero marcado por um outro órgão, como no caso dos hermafroditas.

Dando continuidade, no nível da fisiologia há uma verdadeira diferença (*Unterschied*) no funcionamento dos sexos quanto ao ato sexual, na complementaridade do coito mais especificamente- pênis/vagina. No entanto, esse

dualismo fisiológico não define o conjunto de crenças e comportamentos referente a cada sexo. O nível da pulsão se apresenta mais como um resultado do que como pressuposto, uma vez que, como aprofundamos anteriormente, a pulsão representa a própria fantasia registrada no corpo. Essa diversidade de atributos na diferença dos sexos não está ligada apenas aos anatômicos como citado, mas também podem ser socioculturais e psicológicos.

O falo, por exemplo, tomado como símbolo difere do pênis, sendo o primeiro deles o conjunto de valores que lhe foi atribuído e o segundo o órgão em si. A fase fálica e em seguida o complexo de castração foram temas que evocaram muitas discussões no meio psicanalítico, bem como a oposição fálico-castrado que acompanhou as investigações freudianas. Laplanche elabora uma tese extensa sobre a problemática da castração, e considera que ela é pertinente para a compreensão da diferença dos gêneros, que para ele se dá antes da diferença dos sexos, uma vez que masculino e feminino são dotados de marcas sociais que são transmitidas para a criança na mais tenra infância.

No entanto, Freud se debruçou por muito tempo no Complexo de Castração e de Édipo na vivência infantil do menino, dando ênfase à fase fálica e ao lugar de poder e de lei do falo, baseado em uma interpretação fantasística sobre a percepção da criança em seu universo. Além do mais, somente anos depois veio tratar da sexualidade feminina, quando estava sendo questionado pelas primeiras feministas psicanalistas sobre o Édipo feminino. Como ele havia estruturado o Complexo de Édipo baseado na triangulação, sugeriu inicialmente que bastaria inverter os termos usados no Édipo masculino e dizer a mesma coisa sobre as meninas. Porém, ele próprio recusou essa ideia e passou a desenvolver tardiamente uma nova teoria sobre a sexualidade feminina, sendo a relação com a mãe um dos elementos centrais; uma vez que a menina está inicialmente numa relação dual com esta personagem e depois deve mudar de objeto, diferente do menino que rivaliza com o pai, mas mantêm a mãe como objeto.

A leitura minuciosa dos conceitos freudianos é proposta por Laplanche na intenção de compreender a evolução da teoria e também promover uma ampliação sobre algumas noções centrais. Em seu trabalho intitulado *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*, o autor avança em suas construções teóricas e traz à tona a discussão acerca do confronto entre a teoria psicanalítica, as ciências sociais e a filosofia propondo uma concepção nova das relações entre o indivíduo e a sociedade,

dando ênfase na relação entre inconscientes. Nesta obra, que reúne artigos escritos por ele no período dos anos 2000-2006, Laplanche considera que a grande descoberta freudiana foi o sexual infantil, que está além dos limites da diferença entre os sexos, além do sexuado.

Em francês há uma diferença entre os termos *sexuel* e *sexual*, a partir do neologismo empregado por Laplanche com um jogo de sufixos para criar um significante que designa a teoria da sexualidade freudiana em sua totalidade, sobretudo sobre a dimensão da sexualidade infantil. No português, uma vez que não é possível a utilização de sufixos, foi adotado Sexual, em contraste ao sexual, como uma alternativa para expressar tal noção. Quanto a este Sexual, Laplanche afirma que "ele é bem mais complexo, mais recalcado também, escondido, às vezes, em fantasias apenas formuladas" (LAPLANCHE, 2016, p. 26).

Este Sexual ampliado está para Laplanche além dos limites da diferença entre os sexos e do próprio sexuado. Os mecanismos envolvidos no processo de seu desenvolvimento são complexos, como a própria pulsão, as fantasias e a sedução. Esta sexualidade ampliada, segundo compreende, está essencialmente baseada nas vivências infantis, permeadas pelas mensagens enigmáticas que são transmitidas do inconsciente dos adultos para as crianças. Segundo o próprio autor, por meio dessas mensagens também é transmitida a identidade de gênero, noção esta que ele afirma já estar presente em Freud:

Ora, a noção de gênero está presente em Freud, em minha opinião, de maneira evidente, ainda que rara, sob a oposição dos termos masculinidade-feminilidade. Uma oposição que ele diz não corresponder nem a ativo-passivo nem a fálico-castrado. O gênero, em Freud, está presente nas duas pontas da cadeia da existência. Ele está presente, diz ele, no final, já que masculinidade e feminilidade são duas sínteses complexas feitas de elementos psicológicos, biológicos e sociológicos; mas o gênero está presente, também, no início, se nos lembrarmos da famosa parábola que Freud nos propõe a propósito das teorias sexuais infantis: um viajante de Sirius, chegando à Terra, ficaria impressionado com um certo número de enigmas e, entre eles, o enigma maior que encontraria seria o da separação da espécie humana em duas (ele não diz "gêneros": o alemão não dispõe desse termo, mas, no fim das contas, é de fato do gênero que se trata e não do sexo); resumindo, o viajante de Sirius vê habitus e não diferencia necessariamente de imediato os órgãos genitais; Os seres humanos estão separados em dois gêneros por muitas outras coisas além de seus órgãos genitais (LAPLANCHE, 2003, p. 112-113).

Entretanto, ao fazer referência ao gênero no pensamento de Freud, Laplanche justifica que apesar de nunca ter sido empregado esse termo, na língua alemã considerase que *Geshlecht* significa sexo e gênero ao mesmo tempo. Além disso, os pares de oposição propostos por Freud na teoria da sexualidade fornecem os indícios de que há uma relação com o conceito, sendo eles: ativo-passivo, fálico-castrado e masculino-feminino, este último, para Laplanche, o mais evidente sobre o enigma da diferença de gênero. Para superar o binarismo sexo/gênero instaurado, sobretudo, após os debates feministas, que segundo ele: "precisam do sexo para subvertê-lo e desnaturá-lo em gênero" (LAPLANCHE, 2016, p. 161), ele propõe a tríade gênero-sexo-Sexual baseada na gênese das experiências infantis.

Laplanche acrescenta ainda que o termo capital para definir o gênero é designação. Uma designação no social, no sentido geral do termo social, que pode ser por um genitor, um amigo ou um grupo de pessoas. Através das mensagens que são transmitidas da parte de um adulto, mensagens enigmáticas e inconscientes como citado anteriormente, há no processo de designação do gênero ruídos que só poderão ser interpretados no après-coup. Ele cita como exemplo deste processo as fantasias familiares, como no caso de um pai que designa o gênero masculino ao filho, ainda que estivesse esperando uma filha. Laplanche contesta então o primado da base sexuada e coloca o gênero em primeiro lugar, em suas palavras: "Sim, o gênero precede o sexo. Mas, ao invés de organizá-lo, é organizado por ele" (LAPLANCHE, 2016, p. 168).

O autor faz ainda uma inversão, afirmando que a criança não se "identifica com", mas ela se "identifica por" alguém. Para ele, é, portanto, a alteridade que se encontra no centro da designação do gênero. Apesar do rochedo biológico ter se instaurado na psicanálise a partir das formulações freudianas, a "diferença anatômica fornece uma espécie de código de tradução, o mais elementar e o mais limitador: ou fálico/ou castrado" (LAPLANCHE, 2016, p. 115) e neste ponto ele critica o complexo de castração por ser categórico demais.

Em seu ponto de vista, a anatomia da qual Freud se refere tem como contingência a percepção popular ilusória dos dois sexos, uma vez que devido a posição ereta excluiu-se a existência dos órgãos femininos, sendo percebido apenas um sexo e taxado por presença/ausência em muitas civilizações. A tradução rígida deste código prevê uma domesticação da alteridade na lógica fálica. O que fica recalcado dentro dessa teoria e o que ela deixa escapar é o próprio Sexual, este sim muito mais complexo,

baseado no sexual infantil de cada sujeito. Laplanche conclui que este sexual infantil é o cerne do inconsciente, e este sim, por sua vez, é o objeto da psicanálise.

Desse modo, o que Laplanche vai defender é que existe uma diferença inicialmente terminológica sobre o que se compreende por "sexo sexuado" e por Sexual, que se transformou em uma diferença conceitual para a psicanálise, uma vez que o Sexual é anterior a diferença dos sexos (e dos gêneros), pois ela é oral, anal ou paragenital, buscando por prazeres perversos polimorfos. Portanto, o que estaria em jogo em toda a teoria da sexualidade seria uma sexualidade mais ampla, não necessariamente ligada a sexualidade genital, mas também ligada às perversões, às zonas erógenas com seus alvos e fontes, ao prazer auto erótico.

Em seguimento ao seu pensamento, enquanto o gênero seria plural na história das línguas e na evolução social, o sexo seria dual, este sim fixado pela reprodução sexuada e pela simbolização humana que engessou a dualidade presença/ausência. O Sexual por sua vez, seria múltiplo e polimorfo, fundamentado no recalque, no inconsciente e na fantasia. Assim sendo, Laplanche propõe que "o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo" (LAPLANCHE, 2003, p.155). Este Sexual está além dos limites da diferença dos sexos e está no centro do psiquismo humano, originado na sexualidade do outro, ou seja, na alteridade.

É possível concluir, a partir do que foi explanado até aqui, que toda a teoria da sexualidade freudiana foi sofrendo ampliações decorrentes do encontro com outros campos do saber. Na maioria das reflexões sobre a presença do binômio sexo/gênero a psicanálise foi acusada de ser uma teoria biologicista e falocentrista, esquecendo-se muitas vezes de que apesar dos equívocos freudianos, o legado deixado por ele sobre a gênese da sexualidade infantil contém material fértil para as discussões a respeito da construção da identidade de gênero. Laplanche, ao devolver a sexualidade seu aspecto intersubjetivo e relacional, e não apenas biológico, contribui para a análise acerca do lugar que a psicanálise ocupa hoje nos debates contemporâneos. Nas palavras do autor:

O domínio da psicanálise não é o endógeno. O domínio da Psicanálise- que é o domínio das pulsões sexuais (que chamo pulsão sexual de vida e pulsão sexual de morte) está 'fora do biológico'. Esse domínio fundamenta-se no domínio biológico, mas está fora do biológico, ele é relacional (LAPLANCHE, 1997, p.191).

Portanto, voltar as teorias sexuais infantis e compreender a ampliação de alguns conceitos, que evidentemente sofreram transformações com a evolução da

psicanálise e da própria civilização, abre espaço para as articulações que pretendemos esboçar nesta dissertação.

9. ARTICULANDO OS CONCEITOS DE SEXUALIDADE, IDENTIDADE SEXUAL E GÊNERO

Uma vez tratando-se esta dissertação de uma revisão bibliográfica, pretendemos organizar a discussão em torno de alguns conceitos centrais que foram sendo levantados ao longo do estudo como possíveis articulações com a hipótese inicial; entre eles, os conceitos de sexualidade, identidade sexual e gênero. Seguindo a proposta metodológica de investigar as contribuições de Freud dentro da problemática da sexualidade, considerando ainda as ampliações propostas por Laplanche acerca do conceito de gênero, buscaremos neste capítulo articular estes conceitos a fim de traçar a perspectiva teórica alcançada por meio das leituras realizadas.

Realizar a leitura dos textos principais acerca da teoria da sexualidade freudiana, permitiu traçar um panorama de como nos primórdios da psicanálise a sexualidade era compreendida, e ainda, as transformações que foram sendo promovidas ao longo da obra a partir dos debates que surgiram posteriormente. Sem dúvida, os *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), trouxe à tona uma discussão que anteriormente pertencia ao território das ciências médicas e da educação sexual, o que levantou questões que para a época foram incômodas, sobretudo em relação ao desenvolvimento da sexualidade infantil, resultando em acusações de que a psicanálise apresentava um caráter de pansexualismo e pornografia. Ainda assim, a *Sexualtheory* ganhou adeptos, indo contra a "pedagogia negra" que se prestava a reprimir as manifestações da sexualidade (ROUDINESCO, 2016), passando a compreender que a sexualidade infantil não conhece leis nem tabus e visa todos os fins e objetos possíveis. E, não somente a sexualidade infantil, mas também a do adulto, permitindo diferentes formas de sua manifestação.

O que Freud deixou como legado fundamental a respeito desse tema foi a compreensão de que o desenvolvimento da sexualidade infantil é tão natural quanto o

desenvolvimento de suas outras atividades. A criança descobre suas zonas erógenas que a fazem experimentar assim as primeiras sensações de habitar aquele corpo e que, posteriormente, a leva ao autoerotismo. A força motriz deste processo, ou seja, a pulsão, (trieb) que conforme mencionamos anteriormente, conota a tonalidade de impulsão, revela o caráter irreprimível da sexualidade. Desse modo, a pulsão seria um representante psíquico de uma fonte somática que flui constantemente, conceito central para pensarmos a relação corpo e psiquismo. A pulsão pode ser compreendida como "um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico" (FREUD, 1905/2006, p.159) e neste sentido a sexualidade não somente está relacionada ao corpóreo, mas inevitavelmente ao psíquico.

O caráter polimorfo da sexualidade proposto por Freud revela que sua manifestação não está atrelada necessariamente à genitalidade e à reprodução da espécie, o que derruba um dos mitos fundadores da sociedade ocidental permeada pelos valores do cristianismo. Ao passo que a criança vai crescendo e internalizando um conjunto de regulamentações sociais sobre a sexualidade, ela se depara com a égide do recalque, devendo manter essas primeiras experiências em algum lugar do seu inconsciente. Tal mecanismo está presente tanto nas inclinações perversas, quanto na histeria, na neurose obsessiva ou na paranoia.

De acordo com o modo como realizava suas pesquisas, Freud criou uma metapsicologia na tentativa de explicar os fatores fundamentais para o desenvolvimento da sexualidade infantil, porém, como afirmou Kehl (1998), ao definir as organizações pré-genitais na criança e dissocia-las da maturação dos genitais, "Freud está dizendo que não só o psiquismo humano é sexual, como a sexualidade humana é toda ela permeada pelo psíquico" (KEHL, 1998). Além disso, uma vez que a pulsão sexual é independente do objeto e admite ampla variação, o que está em jogo é a pulsão sexual em relação ao seu *desenvolvimento* e não ao seu *objeto sexual*.

Ao estudar o caráter dos invertidos, Freud desenhou um caminho para a compreensão do funcionamento libidinal dos indivíduos, observando que a predisposição a uma escolha bissexual estava presente em todos os seres humanos, e que somente no atravessamento da puberdade poderia ou não se transformar em monossexualidade. Nesta mesma esfera de discussão, a respeito do hermafroditismo psíquico, Freud considerou que nestes casos, além da inversão quanto ao objeto sexual, o indivíduo apresentaria ao menos uma mudança em suas qualidades anímicas

e traços de caráter, variando para o sexo oposto, o que admite diferenças no modo como os sujeitos configuram sua identidade sexual.

Ao discorrer sobre essa temática, Freud fazia menção justamente àqueles casos em que haveria um desvio no campo da sexualidade em relação ao que se esperava enquanto "norma". Normatividade esta que até hoje impõe suas regras ao modo como os indivíduos experimentam sua sexualidade, variando de cultura para cultura. Essa discussão permanece atual, como no caso da homossexualidade, que somente foi retirada do manual diagnóstico de transtornos mentais em 1973 e mais recentemente em 2013 substituiu-se a denominação de transtorno de identidade de gênero por disforia de gênero.

Todo o caminho percorrido pela teoria da sexualidade freudiana vai dando os indícios de que, ainda que bastante preso a moral do seu tempo, e muitas vezes valendo-se de outras terminologias, sua escrita deixou como legado as bases para a compreensão do desenvolvimento da sexualidade enquanto um fenômeno intrapsíquico que se inicia desde a mais tenra infância e que vai promover seus efeitos nos sintomas neuróticos do adulto. Sendo primordial para esta compreensão todo o conjunto conceitual deixado pelo autor, que permite representar a sexualidade em si mesma, como pulsão, libido, bissexualidade e energia sexual (ROUDINESCO, 2016).

Com isso é possível afirmar que Freud ampliou a noção de sexualidade humana, indo além de descrições das práticas eróticas ou das nomenclaturas das "aberrações sexuais", tomando-a como própria da atividade humana. Ao libertar a criança e o adulto de todas as proibições impostas pelo campo da educação sexual e do discurso médico, Freud permitiu a compreensão da sexualidade enquanto um fenômeno muito mais complexo e que deixa marcas no inconsciente do sujeito que o acompanharão por toda a vida.

Segundo este percurso realizado estamos propondo que ao desenvolver uma caracterização da metapsicologia envolvida no processo de desenvolvimento sexual, incluindo os pontos de vista tópico, dinâmico e econômico, encontramos em Freud uma teoria que aborda também o processo de construção da identidade sexual. No entanto, ao desenvolver suas teses sobre *A organização genital infantil* (1923), o autor faz uma diferenciação do desenvolvimento psicossexual no menino e na menina, apoiado primordialmente em um dado biológico- presença/ausência do pênis-buscando identificar os componentes da masculinidade e da feminilidade.

Esta aposta teórica gerou uma dívida com o campo da sexualidade das mulheres, devido a supervalorização do falo que ocupou um lugar de destaque. Freud buscou descrever o enigma da diferença entre os sexos baseado em um modelo androcêntrico e binarista. Apesar de ele ter voltado atrás em sua afirmação de que a libido seria essencialmente masculina, ligada a atividade, e concluir que ela estaria à serviço tanto das funções sexuais masculinas, quanto femininas, enquanto força motriz da sexualidade, já em uma atualização de sua teoria a partir dos questionamentos provenientes da entrada de autoras feministas na psicanálise, este é um ponto que permanecerá insuficiente para dialogar com as novas realidades de papéis sexuais e de gênero.

A psicanálise de Freud levava em conta os papéis que eram e ainda são desempenhados por parte do casal parental dentro de um modelo de família tradicional e heterossexual, na qual a criação de filhos era delegado à mulher, o que conforme nos apontava Nancy Chodorow (1990), provocaria diferenças e dissimetrias para as identificações de ambos os sexos sobre as funções de gênero. Tais identificações carregam em si os efeitos do patriarcado, e para ambos os sexos o conhecimento sobre o gênero e sua significação social e familiar se dá no atravessamento do período edípico. No entanto, apesar da autora considerar que este é um período importante no desenvolvimento da identidade de gênero, propõe uma reflexão necessária sobre os papéis de gênero desempenhados pela mulher e pelo homem, além de uma revisão das teorias a respeito da inveja do pênis, da castração e da feminilidade.

Freud, todavia, estava desenvolvendo um método de investigação do aparelho psíquico, bem como um método de tratamento para as afecções que observava em sua clínica, influenciado pelo seu contexto sociocultural. A partir das transformações sociais, sobretudo com as modificações no interior da família e a emancipação da mulher, novos fenômenos foram surgindo e entre eles as questões de gênero. Embora existam relatos mais antigos sobre a temática de gênero, a mesma tomou o centro de muitas das discussões atuais. As modificações sociais, culturais e discursivas que acompanharam a virada de século, fizeram emergir no próprio desenvolvimento da psicanálise, pós freudiana, a necessidade de incluir os novos modos de ser família e de constituição subjetiva que foram surgindo, tomando-se como exemplo dessas atualizações o que propôs Laplanche ao revisitar a teoria da sexualidade freudiana em um sentido ampliado.

Os postulados freudianos acerca da histeria e da neurose, deixou de herança a teoria da sedução, ainda que o próprio Freud tenha desacreditado de "sua neurótica" anos mais tarde. Laplanche, ao revisitar e ampliar a teoria da sexualidade freudiana, enfatizou que os gestos conservativos dos adultos têm papel fundamental no processo de desenvolvimento da sexualidade infantil. Para ele, o instinto de auto conservação seria um dos elementos do início da procura sexual, deixando as primeiras memórias instauradas nas zonas erógenas da criança, muitas vezes impregnada das mensagens sexuais dos adultos através da sedução, sejam elas conscientes ou não.

A partir disso, a criança passaria a experimentar no seu corpo o despertar das zonas erógenas, cabendo à pulsão organizar a excitação sentida por esse corpo, mas consumada no inconsciente. Laplanche ressaltou ainda que a pulsão sexual, que é própria do ser humano, não tem origem somente no endógeno e no biológico como supôs Freud, mas carrega em si os efeitos dos fantasmas originários que são encravados desde a infância a partir de sua relação com o outro. Toda a revisão conceitual que Laplanche realizou, acerca da teoria da sexualidade freudiana, possui um interessante recorte que permite uma visão menos biologizante frente aos fenômenos ligados à sexualidade humana e ao desenvolvimento da identidade sexual, que em Freud ficou marcada pela diferença entre os sexos, pelo mito da castração, pelos binômios homem/atividade, mulher/passividade, presentes no texto *Algumas consequências psiquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925), conforme apresentado anteriormente.

Laplanche deu ênfase no caráter intersubjetivo do processo de desenvolvimento e descoberta da sexualidade infantil, que é inevitavelmente atravessada pelas relações estabelecidas no pequeno grupo familiar, não só a nível pessoal, mas também entre inconscientes. A família, enquanto esse elemento central no desenvolvimento da sexualidade, desempenha um papel fundamental na transmissão de um "legado", pois opera como um ambiente de identificações, projeções e expectativas em relação ao sexo da criança. Por outro lado, enquanto uma instituição social, cada família carrega em si as normas, as interdições, os tabus e sua moral em relação ao sexo e à sexualidade, influenciadas pelas práticas sociais de determinado momento histórico e cultural.

Além disso, é possível constatarmos uma participação muitas vezes ativa e traumática de membros da família neste processo, como nos inúmeros casos de abusos

sexuais intrafamiliares, prática com números alarmantes no Brasil (Saffioti,2015). Tais vivências, podem estar na etiologia das psiconeuroses, ocasionando muitas vezes marcas inconscientes profundas. Essa é a importância da retomada feita por Laplanche da teoria da sedução, pois remonta ao impacto gerado no psiquismo através dos primeiros contatos com a esfera da sexualidade, que só poderá ser mensurado no après-coup, ou seja, apenas no momento em que o sujeito amplia sua percepção sobre o universo que o cerca e é capaz de traduzir tai eventos traumáticos em seu psiquismo. Segundo os fundamentos da psicanálise, caberia então ao recalque tomar conta desses registros ao longo da vida, podendo ser muitas vezes inacessível a origem do trauma.

O autor considerou também o impacto gerado pela experiência no social em relação a sexualidade, a identidade sexual e mais recentemente ao gênero, havendo certas regulamentações e imposições que visam sancionar o modo como os indivíduos devem ou não se relacionar entre si e com seu próprio corpo. A identidade sexual vai iniciando seu processo de construção desde o momento de nomeação do pequeno ser humano: é um menino, é uma menina. Esse primeiro marco, na maioria dos casos, servirá de norteador para a escolha do nome, das características, das roupas que irá vestir (meninos vestem azul e meninas vestem rosa, segundo a lógica binarista ainda corrente). O pequeno ser humano tem de se haver com uma identidade sexual pretendida, perfomatizada. Parecer um homem ou parecer uma mulher também faz parte dos códigos da identidade sexual e de gênero. Laplanche defende que é preciso considerar todo um contexto sociológico e as atitudes fixadas para o gênero masculino e o gênero feminino, mas que leve em consideração os elementos psicossexuais de cada indivíduo, sendo a família a responsável pela primeira designação do gênero.

Nesse sentido, podemos realizar uma aproximação ao conceito de performatividade abordado por Butler (2003), uma de suas ideias centrais em relação ao gênero, enquanto uma categoria socialmente construída através de repetições de um conjunto de códigos e significados dentro de um âmbito público, temporal e coletivo. Para ela, a composição do gênero é sustentada pelo binômio: identidade de gênero e expressões de gênero; sendo difícil fazer uma distinção entre eles. Ou seja, para a autora, quando se trata de localizar no sujeito quais os elementos que compõem sua identidade sexual e de gênero, é preciso considerar todo o contexto social, cultural e político que o permeia.

As categorias identitárias "homem" e "mulher" carregam em si uma continuidade pretendida entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, dentro de um modelo binário e heterossexual, que veio com o passar dos séculos "naturalizando" o gênero dentro de uma performance. O corpo passa a ser o palco que reúne aspectos de todos esses elementos, compondo um personagem que pode ou não ter o reconhecimento de sua categoria identitária a partir daquilo que apresenta. Tais padrões são naturalizados e transmitidos por meio da repetição ritualizada, com fortes influências dos interesses do estado, que é também responsável pela formação social da subjetividade.

A maior crítica de Butler nos parece ser o modo como a política dos sexos opera até hoje, estando o corpo sujeito à regulamentação das práticas sociais que visam condicioná-lo dentro de uma hierarquia do gênero e heterossexualidade compulsória. Essa discussão reflete a importância do conceito de gênero sob a ótica da sociologia e das teorias de gênero, pois coloca em xeque as visões construídas socialmente sobre a masculinidade e a feminilidade e as desigualdades entre tais categorias, além do próprio biologicismo. Sendo mais do que urgente um olhar para o que a filósofa chamou de gêneros ininteligíveis, ou seja, os casos onde há uma descontinuidade entre sexo anatômico, gênero, desejo e prática sexual, representando a população transgênero, transexual, travestis, intersexuais.

Por sua vez, Laplanche afirmou que a oposição gênero/sexo é mais fecunda e complexa do que o refrão biologia/sociologia, isto porque se o gênero for entendido de uma perspectiva exclusivamente social, incorre-se ao equívoco de desconsiderar o impacto da família na transmissão dos papeis de gênero e sexo. Para ele, é necessário cuidado ao dizer que o gênero é apenas social, isto porque há uma diferença entre o sociocultural, com seus ritos, suas interdições morais por um lado e, de outro, o pequeno grupo dos *socii* próximos, ou seja, o grupo familiar que faz a primeira designação do gênero através da qual o pequeno ser humano fará sua primeira identificação. Para o autor, o gênero antes de mais nada é dado por meio de uma designação, por um genitor, um amigo ou um grupo de pessoas. Grupo este que além de transmitir as práticas sociais vigentes em seu determinado momento histórico, transmite também expectativas, desejos inconscientes e projeções sobre o sexo e o gênero da criança. Por isso a importância da elaboração em Laplanche sobre a tríade gênero-sexo-Sexual, baseada na gênese das experiências infantis.

Para o autor, esse Sexual que é anterior a diferença dos sexos e do gênero, representa uma sexualidade mais ampla, não necessariamente ligada a sexualidade genital, mas também ligada às perversões, às zonas erógenas com seus alvos e fontes, ao prazer auto erótico. Sexual que por sua vez é múltiplo e polimorfo, fundamentado no recalque, no inconsciente e na fantasia, e que está além dos limites da diferença dos sexos e no centro do psiquismo humano. Sexual que é originado na alteridade, plural (várias formas de se apresentar), subjetivo (marcado pela história do sujeito), atravessado também pela história das línguas e da evolução social. Sexual que é anterior a diferença entre os sexos, é oral, anal ou paragenital e busca por prazeres perversos polimorfos.

Portanto, o que estaria em jogo em toda a teoria da sexualidade e das formulações de gênero, segundo Laplanche, é o aspecto intersubjetivo, relacional, não biológico, mas sim inconsciente da sexualidade. Desse modo, ele realiza uma ampliação e um avanço em relação à metapsicologia freudiana, permitindo que a psicanálise responda a algo que já está diferente desde as primeiras formulações feitas por Freud. Os apontamentos que Laplanche faz a respeito da teoria da sexualidade freudiana em um sentido ampliado reafirmam a importância que a sexualidade infantil polimorfa adquire na vida psíquica. Além disso, a aposta de que o gênero é designado a partir do inconsciente dos pais e cuidadores aproxima essa discussão dos novos referenciais psicanalíticos que enfatizam a importância da intersubjetividade na constituição do sujeito. Como no caso da Psicanálise Vincular, onde conforme nos aponta Gomes e Levy (2016): "Na relação vincular, o desejo circula de forma bidirecional, pois ambos os egos são, simultânea e sucessivamente, lugar do desejo e da realização do desejo do outro" (p.110).

Desse modo, a identidade de gênero para Laplanche se estabelece na experiência de uma alteridade radical entre o adulto e a criança que deixará um conjunto de marcas, impressões, desejos e códigos que são próprios daquele grupo familiar e desempenharão papel fundamental no modo como o sujeito vivenciará sua sexualidade. Além das motivações inconscientes presentes no processo de designação do gênero, este grupo familiar é ainda atravessado pelas normas sociais do contexto em que se estabelece e, portanto, carregará um conjunto de valores correspondentes à sua época. Todas as transformações sociais que viemos acompanhando nas últimas décadas foram promovendo mudanças nos códigos familiares, o que em alguns grupos

resultou em um reposicionamento dos papéis de gênero, na própria identidade de gênero e no aparecimento de novos modelos de família, dentre eles as famílias monoparentais por opção, homoparentais e famílias transgêneras.

Atualmente viemos acompanhando nas mídias uma eclosão dos fenômenos de crianças transgênero, a questão é tão relevante que em junho de 2017 a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) lançou um manual de orientação sobre disforia de gênero para pediatras. Uma das recomendações principais é o acompanhamento psicológico da família e da criança em questão, o que coloca a psicologia, enquanto uma ciência que se propõe a tratar dos fenômenos humanos, em um lugar fundamental nessa trama complexa da identidade de gênero. Isto evidencia a necessidade de pesquisas que permitam compreender, do ponto de vista do sujeito, as motivações, sentimentos, e impressões de ser e pertencer a este ou àquele gênero.

O mal-estar gerado a respeito do conceito de gênero entre as ciências sociais e a psicanálise parece estar ligado ao fato de que partem de premissas diferentes. O discurso das ciências sociais tenta explicitar as estratificações sociais segundo o gênero, onde a mulher ocupa um lugar de subjugação e objetificação baseado nas convenções e nos valores sobre a sexualidade, ao passo que o homem/falo adquire lugar de poder e status (RUBIN, 1975/2017). A psicanálise, por sua vez, seria a teoria que trata dos vestígios individuais causados pelo conflito com as regras e os regulamentos vinculados à sexualidade, ou seja, a dimensão psíquica envolvida nessa situação. Acusar a teoria freudiana de binarista e misógina e excluí-la dos debates sobre gênero dentro do que hoje temos como novas premissas, é não levar em conta sua historicidade. Como já nos apontava Rubin (1975) "a psicanálise é uma teoria do gênero, descartá-la, para um movimento político dedicado à erradicação da hierarquia de gênero (ou do próprio gênero), seria insensato" (RUBIN, 1975/2017, p.49).

O constructo teórico freudiano a respeito da sexualidade deixou como legado a compreensão dos mecanismos inconscientes envolvidos no processo do desenvolvimento sexual, que poderiam resultar em uma identidade sexual. Identidade esta, permeada de fantasias, erogeneidade e pulsão. No entanto, ao fazer referência as possibilidades de tal identidade, adotando os termos de "masculinidade e feminilidade", Freud retrata a influência da moral burguesa de sua época que determinava certos papéis que deveriam ser assumidos por homens e por mulheres, divididos entre os termos fálico/castrado.

A primazia do falo marcava a diferença não somente em termos da diferença sexual anatômica, mas também das possibilidades de identificação para o menino e para a menina a partir dos desdobramentos simbólicos do falo. Todo o paradoxo da feminilidade que se estendeu ao longo dos textos freudianos, referia-se não somente a organização genital na menina e as consequências do complexo de castração, mas à dimensão conflitiva da feminilidade dentro daquele contexto cultural, pois ainda que uma mulher encontrasse outros caminhos de identificação, esperava-se que correspondesse a um determinado ideal de feminilidade (KEHL,1998). No caso dos homens também se esperava que correspondessem a um ideal específico de masculinidade, detentor do falo, da atividade e da dominação. Entretanto, compreender a metapsicologia freudiana limitando-se ao contexto em que foi produzida, pode levar ao equívoco de que a psicanálise estaria ultrapassada para entrar nas discussões mais recentes sobre sexualidade, identidade sexual e de gênero. Conforme nos apontou Santos (2018) em seu artigo recente:

À sexualidade pulsional, infantil (polimorfa e perversa) e inconsciente tal como compreendida por Freud, os estudos de gênero opõem a noção de um sujeito que é sexuado através de formações discursivas. Tal convite exige que analisemos a dissonância entre duas concepções do que constitui um sujeito sexuado – ou do que "sexua" um sujeito. É possível estabelecer um encontro interdisciplinar sobre questões ligadas à sexualidade quando partimos de definições distintas do próprio termo que pretendemos examinar, a saber, sexualidade? Dito de outra forma, como estabelecer um diálogo entre a noção de sexualidade tal como é pensada a partir dos textos freudianos (em sua relação constitutiva não apenas com os sexos, mas também – e mais importante ainda - com a sexualidade infantil), e a sexualidade que é problematizada pelos estudos de gênero (e que, especificamente no trabalho de Judith Butler, estabelece uma relação intrínseca com as formações discursivas que formam e orientam as diferenças sexuais)? (SANTOS, 2018, p.27).

Para a referida autora, o debate entre a psicanálise e os estudos de gênero é enriquecedor na medida em que amplia seus alcances, no entanto, "um encontro interdisciplinar não é possível: porque os estudos de gênero, bem como seus predecessores, os estudos feministas, não dão conta da dimensão inconsciente da sexualidade humana." (SANTOS, 2018, p.28). Neste debate a psicanálise estaria reafirmando a importância da dimensão fantasmática da sexualidade, baseada nas experiências infantis, que resulta na construção complexa da identidade do sujeito (e não somente a identidade de gênero). Segundo Santos (2018), este será um tempo para

sempre presente na vida do adulto e "tal trabalho de construção não se equipara a uma ação volitiva que "escolhe" entre várias possibilidades" (SANTOS, 2018, p.28). Assim, a psicanálise apresenta recursos conceituais para abordar a sexualidade, não como elaborada inicialmente por Freud, mas sim com seus operadores centrais acompanhando as transformações sofridas pelos sujeitos do seu tempo e permitindo as ampliações necessárias para o entendimento da sociedade e dos indivíduos hoje.

Em sua última passagem pelo Brasil, Roudinesco ao ser questionada sobre a problemática do gênero para a psicanálise atual, afirmou que assim como houve um fanatismo em torno do Complexo de Édipo na sociedade vienense, hoje tendemos a alguns excessos nesta nova questão. Segundo a autora:

[...] os estudos de gênero, que evidentemente trouxeram coisas importantes, de não reduzir a questão da sexualidade à anatomia e à natureza. É algo construído, mas, se olharmos bem, Freud já pensava nisso, ele sabia que havia uma construção social e psíquica da sexualidade que não correspondia necessariamente à anatomia. Mas, cuidado: hoje, há um excesso e há fanatismo dos adeptos das questões de gênero. Eles consideram que tudo é construído. Hoje, temos a tendência de dizer, por um lado, que tudo é químico. Por outro, que tudo é construído. São os dois. Eu adotaria uma posição entre os dois. Os fanatismos são o verdadeiro problema. Vai haver um dogmatismo nos estudos de gênero como houve um dogmatismo psicanalítico, é evidente, mas, de qualquer forma, foi muito progressista trazer essa renovação, levantar essa noção de gênero (ROUDINESCO, 2016).

Desse modo, apesar das diferenças conceituais e de paradigmas entre os vários campos do saber que abordam a temática da sexualidade, a psicanálise tem algo a acrescentar nesse diálogo, uma vez que busca compreender as bases do seu desenvolvimento e seus efeitos para o psiquismo. Isto não quer dizer tomar os conceitos freudianos como absolutos, como tentamos não fazer ao longo desta dissertação, mas sim de relativizá-los dentro de um contexto específico e aproveitar o aparato teórico deixado por ele, como os primórdios da discussão sobre a sexualidade humana.

Elaborada esta articulação, é possível afirmar que a sexualidade continua sendo um tema complexo, pois discuti-la mobiliza tabus e recalques relacionados a ela. Seu caráter polimorfo coloca em suspensão os valores normativos, heteromorfos e binaristas, pois em sua origem, ou seja, no próprio inconsciente, apresenta uma ampla variedade de desejos e possibilidades. Todos os aspectos presentes no desenvolvimento da sexualidade e na formação de uma identidade de gênero vão se constituindo numa imagem à semelhança de um quebra-cabeças, onde se faz necessário localizar tanto as

peças correspondentes a uma análise histórica das categorias sociais, como também deve-se considerar a trama particular da história de cada sujeito. A medida em que a psicanálise se ocupa da subjetividade ela pode atuar como um aparato de resistência frente a normatização dos sexos e do gênero, pois oferece para seus sujeitos o espaço da escuta livre, dando voz ao emergente e aos deslocamentos que vão sendo promovidos na clínica com as transformações sociais.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propusemos a realizar a investigação sobre as relações entre psicanálise e gênero a partir da teoria da sexualidade freudiana e suas ampliações, não tínhamos a dimensão da problemática que estávamos adentrando. Não somente porque as discussões sobre o desenvolvimento sexual entre os psicanalistas dissidentes do legado freudiano já carregam em si algumas diferenças conceituais, mas também pelo caráter interdisciplinar e vasto dos estudos de gênero. Conforme apontamos na discussão, o conceito de gênero tal qual é compreendido pelas ciências sociais, é diferente da compreensão da psicologia e da psicanálise que se ocupam mais dos territórios subjetivos e intrapsíquicos. Por esse motivo, realizar leituras que partem de premissas diferentes, como os diálogos com os movimentos sociais e feministas, exigiram um certo cuidado e delimitação dos focos deste estudo. Ainda assim, a interlocução entre a psicanálise e os outros campos do saber é de extrema importância, sobretudo devido a uma política dos sexos que ainda hoje carrega desigualdades nos modos como as categorias homem e mulher são compreendidas e incorporadas na sociedade. Dentro dessa perspectiva Simões e Gonçalves (2018) ao debaterem sobre as convergências e dissonâncias entre a psicanálise e a teoria Queer na atualidade, afirmam:

...Ao mesmo tempo, as discussões contemporâneas sobre o gênero, ainda que bastante diversificadas, comportariam um componente transversal de caráter antinormalizador. Não é necessário dizer o tanto que isto é uma vantagem para se localizar e abordar as diferenças no território da sexualidade, oferecendo-nos, pois, uma plurivisão, ao invés de uma monovisão (SIMÕES e GONÇALVEZ, 2018, p. 14).

Além disso, é preciso compreender que ainda existe em nosso funcionamento social e cultural a dominação de um sexo sobre outro, o que perpetua o dualismo que tenta normatizar o masculino (público) e o feminino (privado), e encontra sua origem no

patriarcado, fundamentado no controle, na dominação e no medo. Para Saffioti (2015), socióloga e feminista brasileira, a crítica ao patriarcado não pode ficar de fora do debate da categoria gênero (SAFFIOTI, 2015), uma vez que sua principal função é servir aos interesses dos grupos e classes dominantes, e é responsável pela subordinação e apropriação das mulheres há milênios. A autora afirma que é preciso considerar o que chamou de *nó* entre gênero, classe social, raça/etnia, para analisar as contradições de tal estrutura de poder. Entrando na esteira de outra tríade: patriarcado, racismo e capitalismo (SAFFIOTI, 2015), historicamente constituídos. A autora sugere valer-se do conceito de gênero, desde que se faça menção também ao de patriarcado, a fim de não se promover uma negação de tal sistema político e econômico e cair em uma ideologia rasa sobre o gênero.

Butler também nos atenta para o fato de que o gênero não se constitui de maneira coerente e consistente nos diferentes momentos históricos, além do fato de que ele "estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas" (BUTLER, 2003, p.20). Questões essas que devem estar presentes nos debates psicanalíticos, para que haja um posicionamento em defesa do estado de direito e que esteja a favor do cuidado do sofrimento psíquico das minorias e da população marginalizada. Em resposta aos ataques em relação a teoria de Butler sobre gênero, a autora afirmou que é preciso parar com o ataque à ideologia de gênero, pois essa ideologia não existe.

A busca pela igualdade de gênero é uma busca pelo reconhecimento de que a dimensão da vida sexual é complexa e subjetiva, já não podendo mais ficar oprimida pelos dogmas repressivos e preconceituosos que negam a liberdade dos sujeitos para expressarem suas possibilidades de existência. Essa polêmica tem ficado cada vez mais evidente no Brasil, principalmente com o posicionamento radical da parte de alguns governantes que querem vetar apostilas e livros que abordem as temáticas da igualdade de gênero e da diversidade sexual. Butler afirmou que:

Ensinar gênero não é doutrinação: não diz a uma pessoa como viver; abre a possibilidade de que jovens encontrem seu próprio modo de vida num mundo que, com frequência, os confronta com normas sociais estreitas e cruéis. Afirmar a diversidade de gênero não é destruir: é afirmar a complexidade humana e criar espaço para as pessoas encontrarem seu próprio caminho nessa complexidade [...] se consideramos a teoria de gênero com cuidado, esta não é nem destrutiva nem doutrinadora. De fato, é nada mais do que uma forma

de liberdade política para viver em um mundo mais vivível e igualitário (BUTLER, 2019).

O sociólogo francês Éric Fassin (2019), também tece uma crítica relevante em relação ao ataque as teorias de gênero na França, onde afirma que legitimar hierarquias de gênero, sexuais e de raça, fazem parte da aposta política de alguns eleitorados franceses conservadores, que apelam para os valores cristãos e morais, jogando com os afetos e as intimidades da população. O pesquisador afirma que a democracia sexual deve fazer parte da agenda em prol da democracia, na luta pelos direitos sexuais.

A eclosão desses discursos reacionários a respeito da sexualidade humana atrasa toda a produção científica que vem se ocupando de entender sua complexidade e expressão, é importante retomar isso, pois como Freud já havia afirmado em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908), o choque entre as forças pulsionais e as exigências civilizatórias promovem um alto custo para o sujeito. Desse modo, parece-nos que uma vez que a psicanálise também se ocupe das transformações ocorridas na passagem do século, tem muito a agregar frente às questões de gênero, pois compreende a sexualidade humana em uma dimensão fantasmática e inconsciente e permite a aproximação àquilo que é mais particular. Ainda que com uma série de equívocos que refletem o contexto sócio histórico de seu tempo, a teoria freudiana da sexualidade devolve à sexualidade seu caráter inato, natural, parte do repertório humano, que pode servir como base para as discussões sobre sua expressão e regulamentação, permitindo de certo modo, o retorno a esse ponto originário e indiscutível que atravessa toda a experiência humana.

Neste sentido, realizar novas pesquisas sejam elas teóricas, clínicas ou aplicadas faz-se necessário na medida que nos vemos as voltas com novos fenômenos e debates que naturalmente colocam em suspensão todo o aparato conceitual da psicanálise. O horizonte que pretendemos deixar traçado aqui é que, a tentativa de definir como o gênero se manifesta para cada indivíduo, criando novas palavras e categorias, torna-se insuficiente se não nos interrogarmos sobre seus fatores inconscientes e constitucionais. A psicanálise ainda é um dos espaços promotores de escuta daquilo que tece a história, o corpo, o sexo, a sexualidade e o gênero de cada sujeito.

Para finalizar, evoco uma cena que vivenciei no período de elaboração da dissertação e que me trouxe a dimensão do quanto estamos distantes de chegarmos a

uma resposta única para o gênero. Em uma certa ocasião fui apresentada a um jovem de aproximadamente 18 anos que aparentava estar em um período de transição de sua identidade de gênero: cabelos crescendo, roupas nem masculinas, nem femininas, maquiagem, mas que utilizava seu nome masculino para se identificar. Dado um momento de maior conversa e aproximação ele/ela me disse que seu nome na verdade era outro, com uma designação feminina. Após algumas horas voltamos a conversar e ele/ela me interroga: Qual é meu nome mesmo? Respondo repetindo o nome feminino dito anteriormente. Imediatamente ele/ela me questiona se eu a reconheço assim e se ele/ela se parece com o nome feminino assumido. Aponto que ela me parece o que quiser parecer...

Apesar de esse ser apenas um recorte de uma cena do cotidiano que não me permite qualquer outro aprofundamento ou hipótese, as frases ali trocadas me fizeram retornar à pesquisa. Lembrei da noção de perfomatividade em Butler; da normatividade e do binarismo dos quais esta pessoa deveria estar se confrontando; mas principalmente escutei uma profunda angústia em achar um nome para si e principalmente em parecer-se com essa nova designação. Não é disto afinal que a psicanálise se ocupa? Para além de saber e designar quais os substantivos corretos, é preciso fazer falar aquilo que não basta ser dito nos discursos coletivos, mas que é necessário também ser traduzido, recontado e contornado na subjetividade de cada um de nós.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁN, M. **Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea**. In: Revista Estudos Feministas. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 11, 2003, n. 2, p.399-422.

ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, June 2006. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100004&lng=en&nrm=iso. access on 03 Aug. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982006000100004.

BASTOS, L. A. M. (1998). **Eu-corpando. O ego e o corpo em Freud.** São Paulo: Escuta Ltda.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Original publicado em 1949).

BIRMAN J. **Discurso Freudiano e Contemporaneidade.** In: Por que Freud hoje? Maria Rita Kehl... [et al]; organizador: Daniel Kupermann.- 1.ed.-São Paulo: Zagodoni, 2017.

BIRMAN, J. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 8, p. 123-144, 1998.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina.** Tradução Maria Helena Kuhner. (9ªedição). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2010.

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUTLER, J. El falo lesbiano y el imaginario morfológico. Cuerpos que importan-Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2002, 95-142.

BUTLER, J. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Original publicado em 1990.

BUTLER, J. **Precisamos parar o ataque à "ideologia de gênero".** Tradução Carla Rodrigues, 2019. Disponível em: https://sxpolitics.org/ptbr/judith-butler-precisamos-parar-o-ataque-a-ideologia-de-genero/9094 . Acesso em: 18 de set de 2019.

CALICH, J.C. **Apresentação da edição brasileira.** In: Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

COSSI, R. K. **Transexualismo, psicanálise e gênero: do patológico ao singular**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DIMEN, M.; GOLDNER, V. **Gênero e Sexualidade.** In: Compêndio de psicanálise. PERSON, Ethel; COOPER, Arnold M.; GABBARD, Glen O. Artmed, 2007.

DUNKER, C.I. L. **Freud entre a Ciência e a Filosofia Hoje.** In: Por que Freud hoje? Maria Rita Kehl... [et al]; organizador: Daniel Kupermann.- 1.ed.-São Paulo: Zagodoni, 2017.

FOUCAULT, M. (1966). As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Graal, 2001.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: O Ego e Id e outros trabalhos (1923-1925). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 2006.

. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX, pp. 177-186). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado
em 1923)
. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: Novas
Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Edição
standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 22. Rio de
Janeiro: Imago, 2006.
. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: "Gradiva" de
Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Edição Standard Brasileira das Obras
Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 9. 2006.
1 sicologicus Completus de Signiana i reda, v. 7. 2000.
. O mal-estar na civilização. In: o Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na
Civilização e outros trabalhos (1927-1931). Edição standard brasileira das obras
psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade . In: Um Caso de Histeria, Três

Ensaios sobre a Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Sexualidade Feminina. In: Freud, Sigmund: Edição Standard Brasileira das

Sexualidade Feminina. In: Freud, Sigmund: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Original publicado em 1931).

Conferência XXXIII - Feminilidade. In: Novas Conferência Introdutórias Sobre Psicanálise, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Original publicado em 1933).

- A história do movimento psicanalítico. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XIV (Original publicado em 1914)
- GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 1.** Sobre as Afasias e O Projeto de 1895. Vol.1. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. (Original publicado em 1991).
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed, Atlas. São Paulo, 2002.
- GOMES, I.C. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2011.
- GOMES, I. C.; LEVY, L. A Psicanálise Vincular e a preparação de crianças para a adoção: uma proposta terapêutica e interdisciplinar. Contextos clínicos, 9(1), 109-117, 2015.
- GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, O.B.R. (Org.) Os Avatares da Transmissão Psíquica geracional. São Paulo: Escuta, 2000.
- KEHL, M.R. **Três Motivos (pelo Menos) para se Ler Freud, Hoje**. In: Por que Freud hoje? Maria Rita Kehl... [et al]; organizador: Daniel Kupermann.- 1.ed.-São Paulo: Zagodoni, 2017.
- KUPERMANN, D. **O Quarto Golpe e a Virtude Freudiana.** In: Por que Freud hoje? Maria Rita Kehl... [et al]; organizador: Daniel Kupermann.- 1.ed.-São Paulo: Zagodoni, 2017.
- LAGO, M. **A psicanálise nas ondas dos feminismos**, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1350/a_psicanalise_nas_ondas.p df?sequence=1 . Acesso em 25/jan/2018.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS J-B. Dicionário de Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LAPLANCHE, J. Entrevista com Jean Laplanche (1997). Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, 4 (1), 183-97.
- LAPLANCHE, J. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios.**Porto Alegre: Artes Médicas, 1988a.
- LAPLANCHE, J. **Novos Fundamentos para a Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1992. Original publicado em 1987.

LAPLANCHE, J. Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. **Vocabulário de Psicanálise** – *Laplanche e Pontalis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, J. **Problemáticas II. Castração. Simbolizações**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.

LAPLANCHE, J. Freud e a sexualidade. O desvio biologizante. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MEZAN, R. Freud: a trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva. 4.ed, 2006.

MEZAN, R. **Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?.** Nat. hum., São Paulo, v. 9, n. 2, p. 319-359, dez. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 10 jul. 2018.

MONEY, J.; TUCKER, P. Os papéis sexuais. São Paulo: Brasiliense, 1981. Original publicado em 1975.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, Junio-Sinmes, 2009, 150-182.

NEGREIROS, T.C.G.M.; FERES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro ,2004, v. 4, n. 1.

PELUCIO, Larissa; PAZ, Diego. "A democracia sexual no coração da democracia": a centralidade do gênero para a leitura do presente – entrevista com Éric Fassin. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 23, e190258, 2019. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100603&lng=en&nrm=iso. access on 18 Sept. 2019. Epub Aug 26, 2019. http://dx.doi.org/10.1590/interface.190258.

PERSON, E; & OVESEY, L. (1999). **Teorias psicanalíticas da identidade de gênero.** In: Ceccarelli, P.R (org), Diferenças sexuais. São Paulo: Escuta.

RUBIN, G. Políticas do sexo. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

RODRIGUEZ, B. C.; GOMES., I.C. **Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade.** Bol. psicol, São Paulo , 2012, v. 62, n. 136, p. 29-36.

ROUDINESCO, E. A família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROUDINESCO, E. Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo. Zahar, 2016.

ROUDINESCO, E. Por que a psicanálise?. Zahar, 2000.

- SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero**, **patriarcado** e **violência**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SANTOS, B. Normatividade, gênero e teoria psicanalítica. Uma reflexão sobre a criação de palavras novas. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 23-33, Apr. 2018 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982018000100023&lng=en&nrm=iso. access on 06 Feb. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142018001003.
- SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.
- SEIDMAN, S. Queer Theory/Sociology. Malden: Blackwell, 1996.
- SIMOES, A.; GONCALVES, G. A. Labirintos da sexualidade: convergências e dissonâncias entre a psicanálise e a teoria queer na atualidade. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 21, n. 1, p. 12-22, Apr. 2018 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982018000100012&lng=en&nrm=iso. access on 06 Feb. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142018001002.
- SOUZA, S. J. e; ALBUQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso, São Paulo , v. 7, n. 2, p. 109-122, Dec. 2012 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-4573201200020008&lng=en&nrm=iso. access on 10 Feb. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732012000200008.
- SOUZA,L.L. Epistemes feministas e psicologia do desenvolvimento: percursos na pesquisa sobre gêneros, sexualidades e juventudes. 2017, 140 f., Tese (Livre-Docência em Psicologia do Desenvolvimento). Departamento de Psicologia Social e Educacional da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, São Paulo, 2017.
- SPINOZA. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- STOLLER, R.J. Masculinidade e feminilidade (apresentações de gênero). Porto Alegre: Artmed, 1993.
- STOLLER, R.J. **Bisexualité et différence des sexes, Masculin et feminin.** Nouvelle Revue de psychanalyse, n. 7. Editada em livro pela Gallimard, 1973 (Collection Folio Essais, n. 359).
- STOLLER, R. J. A experiência transexual. (1^a ed.). Rio de Janeiro: Imago, 1982
- STOLLER, R.J. **Masculinidade e feminilidade (apresentações de gênero)**. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- STOLLER, R.J. **Bisexualité et différence des sexes, Masculin et feminin.** Nouvelle Revue de psychanalyse, n. 7. Editada em livro pela Gallimard, 1973 (Collection Folio Essais, n. 359).

STOLLER, R. J. A experiência transexual. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Imago, 1982